



UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE
MEIO AMBIENTE, SEXUALIDADE E
SUAS INTERFACES À LUZ DO
PENSAMENTO PAULOFREIREANO**

ALINE DINIZ WARKEN

FLORIANÓPOLIS, 2018

ALINE DINIZ WARKEN

**ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE MEIO AMBIENTE, SEXUALIDADE E SUAS
INTERFACES À LUZ DO PENSAMENTO PAULO FREIREANO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Educação.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Martins de Melo

**Florianópolis, SC
2018**

Ficha de Identificação da Obra elaborada pelo(a) autor(a), com
auxílio do programa de geração automática da
Biblioteca Central/UEDESC

Warken, Aline Diniz

Estudo exploratório sobre Meio Ambiente,
Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento
paulofreireano / Aline Diniz Warken. - Florianópolis
, 2018.

170 p.

Orientadora: Sonia Maria Martins de Melo
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Florianópolis, 2018.

1. Meio Ambiente e Sexualidade. 2. Totalidade.
3. Inteireza. 4. Pensamento paulofreireano. 5.
Direitos humanos. I. Melo, Sonia Maria Martins de .
II. Universidade do Estado de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação. III. Título.

ALINE DINIZ WARKEN

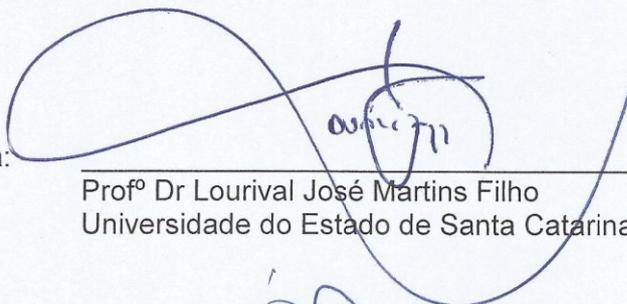
Estudo exploratório sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano

Dissertação julgada adequada para obtenção do Título de Mestre/a em Educação junto ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Florianópolis, 24 de agosto de 2018.

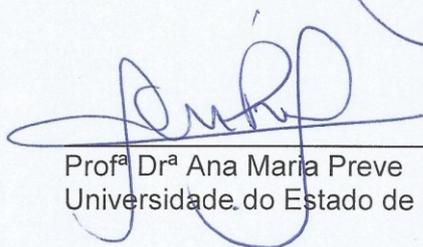
Banca Examinadora:

Presidente/a:



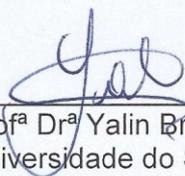
Prof^o Dr Lourival José Martins Filho
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:



Prof^ª Dr^ª Ana Maria Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro:



Prof^ª Dr^ª Yalin Brizola Yared
Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL

Dedico esta dissertação aquelas/es que acreditam no poder da Educação e no entendimento de ser humano inteiro, sempre sexuado, integrado ao Meio Ambiente como caminho para processos educacionais emancipadores. E também aquelas/es que buscam por curiosidade e por Amor ao conhecimento *pela e para a Vida.*

Para meu Pai Carlos (*in memoriam*): está dissertação é nossa! Seu sonho do mestrado e de falar sobre direitos humanos foi vivido em e por mim!

GRATIDÃO PELA VIVÊNCIA DO PROPÓSITO

Gratidão à minha família, minha base fundante do Ser que sou, por todo apoio incondicional, pela paciência e pelas inspirações, por crer no meu sonho junto comigo e acreditar no meu potencial na vivência do meu propósito e na marca que quero deixar no mundo. Meu pai Carlos (*in memoriam*), minha mãe Bere, minha irmã Dani, e meus amores caninos Fido e Nala (ambos *in memoriam*) foram/são valiosos companheiros da caminhada que hoje é expressa nesta dissertação, marcando desde minha infância aos dias atuais, principalmente na pessoa profissional que busca sempre por conhecimento. Minha família sempre me apoiou nos processos de estudos, pesquisas e escritas, nos brindes ao sucesso, nas palavras de incentivo e nas compreensões nos dias de cansaço e desânimo, nas vivências de proteção ao meu Ser e ao Planeta Terra, desde a separação dos resíduos recicláveis ao auxílio às minhas escolhas pela saúde integral.

Gratidão à professora e orientadora Sonia por acreditar e caminhar comigo nas trilhas da totalidade, inteireza e interfaces, na busca de contribuir com os estudos do Grupo de Pesquisa EDUSEX agregando a categoria Meio Ambiente com as pesquisas sobre Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória.

Gratidão à Paulo Freire, que se tornou meu Guia, com suas escritas inspiradoras repletas de encorajamentos para autotransformação e transformação do mundo.

Expresso gratidão aos familiares, amigas/os e colegas que confiaram na minha visão de mundo, que sinalizaram os desejos de sucesso nos processos do mestrado e que entenderam que por vezes a minha ausência física em alguns momentos se deu pela imersão nos estudos e no sonho da pós-graduação.

Gratidão à banca examinadora, prof. Lourival, prof.^a Yalin e prof.^a Ana que, desde o meu ingresso no mestrado, foram inspiração na crença e vivência de uma Educação repleta de sentido para formação de pessoas mais críticas, pacíficas, ‘lutadoras’ e felizes.

Depois da produção desta pesquisa e estudo me percebo mais conectada ainda comigo mesma e com o Meio Ambiente, e me sinto inspirada a ser, cada dia mais, instrumento para compartilhar que o entendimento de ser humano, sempre sexuado, interligado ao Meio Ambiente é um dos caminhos para uma Educação mais amorosa, integral e emancipadora, e para proteção e cuidado *consigo, com outro e com o Planeta Terra*.

*“A vida na sua totalidade me ensinou como grande
lição que é impossível assumi-la sem risco”.*

Paulo Freire
Essa Escola chamada Vida

RESUMO

A fim de contribuir com o desvelamento de fundamentos teóricos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, à luz do pensamento paulofreireano, esta dissertação se caracteriza por um estudo exploratório pautado no paradigma do materialismo histórico-dialético. Foi realizada a análise de conteúdo de sete obras de Paulo Freire, do período de 1967 a 2000, e estas cotejadas à Carta da Terra (BRASIL, 2000) e à Declaração dos Direitos Sexuais (WAS, 2014). Para agregar na ampliação das fundamentações acerca dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, em interfaces, foi realizado um diálogo entre o pensamento paulofreireano e outros cúmplices teóricos, aprofundando deste modo os conhecimentos acerca das mudanças paradigmáticas, ao longo do tempo, da relação ser humano, sempre sexuado, e Planeta Terra. As movimentações de análises por meio de convergência desvelaram indicadores de categorias que abarcam a sustentabilidade, a democracia, o cuidado e a Educação para a Vida. Pôde-se compreender que a base teórica que unifica o pensamento paulofreireano às dimensões ambientais e sexuais são as relações Eu, Outro(s), Mundo. Assim, mostrou-se ser possível analisar sete obras de Freire, captando suas categorias e seu pensamento acerca das temáticas Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces, principalmente por iluminar a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais sob o entendimento desses documentos como expressão da vivência dos direitos humanos e da compreensão da inteireza do Ser. O autor-base entendia as temáticas citadas em suas totalidades e exaltava a importância da consciência crítica, do diálogo problematizador e da formação para cidadania como caminhos de transformação de realidade, bem como de uma nova mudança paradigmática refletindo no autocuidado, cuidado com Outro(s) e com o Planeta Terra. Neste sentido, reconheceu-se nas obras do teórico o grande educador ambiental-sexual que Paulo Freire se constituía.

Palavras-chave: Meio Ambiente e Sexualidade; Totalidade; Inteireza; Pensamento paulofreireano; Direitos humanos.

ABSTRACT

In order to contribute to the unveiling of theoretical foundations on Environment, Sexuality and its interfaces, in the light of Paulo Freire thought, this dissertation is characterized by an exploratory study based on the paradigm of historical-dialectical materialism. Seven works of Paulo Freire, from 1967 to 2000, were analyzed and compared, through a content analysis, to the Earth Charter (BRASIL, 2000) and the Declaration of Sexual Rights (WAS, 2014). In order to add in the expansion of the foundations on the themes of Environment and Sexuality, in interfaces, a dialogue was carried out between the paulofreirean thought and other theoretical complices, thus deepening the knowledge about the paradigmatic changes, over time, of the relation of the human being, always sexed, and Planet Earth. The analysis movements by convergence have revealed category indicators that cover sustainability, democracy, care and Education for Life. It was possible to understand that the theoretical basis that unifies the paulofreirean thought to the environmental and sexual dimensions are the relations I, Other(s), World. Thus, it was possible to analyze seven works of Freire, capturing his categories and his thinking on the themes of Environment, Sexuality and interfaces, mainly for illuminating the Earth Charter and the Declaration of Sexual Rights under the understanding of these documents as expression of the human rights experience and the understanding of the wholeness of Being. The base-complice understood the themes mentioned in their totalities and emphasized the importance of critical awareness, problematizing dialogue and citizenship formation as ways of transforming reality, as well as a new paradigm shift reflecting on self-care, care for Other(s) and Planet Earth. In this sense it was recognized, in the works of the theorist, the great environmental-sexual educator Paulo Freire has constituted himself.

Keywords: Environment and Sexuality; Totality; Wholeness; paulofreirean thought; Human rights.

LISTA DE QUADROS

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Quadro 1 - Resultados das pesquisas das categorias fundantes | 37 |
| Quadro 2 - Resultados das pesquisas sobre Paulo Freire e tema Sexualidade | 40 |
| Quadro 3 - Resultados das pesquisas sobre Paulo Freire e tema Meio Ambiente | 41 |
| Quadro 4 - Resultados das pesquisas com as categorias da dissertação | 43-44 |
| Quadro 5 - Escolhas materiais para contribuição ao embasamento teórico e reflexões da dissertação | 45-47 |
| Quadro 6 - Categorias e cúmplices teóricos da dissertação | 57 |
| Quadro 7 - Características metodológicas da dissertação | 65 |
| Quadro 8 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Educação como prática da liberdade..... | 76 |
| Quadro 9 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Pedagogia do Oprimido..... | 96 |
| Quadro 10 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Educação e Mudança..... | 102 |
| Quadro 11 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Conscientização..... | 109 |
| Quadro 12 - Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em À sombra desta mangueira..... | 122 |
| Quadro 13 - Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Pedagogia da Autonomia..... | 132 |
| Quadro 14 - Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Pedagogia da Indignação..... | 141 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Representações para expressão das categorias fundantes | 38 |
| Figura 2 - Gráfico de interação “ <i>Eu e Outro no/com o Mundo</i> ” e linha de conceituações sobre ser humano e Meio Ambiente | 73 |
| Figura 3 - Linha do tempo sobre os paradigmas de Meio Ambiente e Sexualidade..... | 82 |
| Figura 4 - Inter-relações entre pensamento paulofreireano, Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais..... | 143 |

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1 MINHAS “PRIMEIRAS PALAVRAS”: DE ONDE VIM, ONDE CHEGUEI..... | 21 |
| 1.1 REFLETINDO SOBRE MEU CAMINHAR NA PERCEPÇÃO DE MUNDO DO SER HUMANO EM CONEXÃO COM O MEIO AMBIENTE..... | 21 |
| 1.2 JUSTIFICANDO A PESQUISA..... | 31 |
| 1.3 APRESENTANDO MEUS CÚMPLICES TEÓRICOS PARA ESTA CAMINHADA..... | 48 |
| 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: “A ALEGRIA NÃO CHEGA APENAS NO ENCONTRO DO ACHADO, MAS FAZ PARTE DO PROCESSO DA BUSCA”..... | 58 |
| 2.1 PROCESSOS INICIAIS DA INVESTIGAÇÃO: CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA, COLETA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS..... | 58 |
| 2.2 ANÁLISES DE DADOS: AS BUSCAS E OS ENCONTROS POR MEIO DE DIÁLOGOS – PROCESSOS DE CONVERGÊNCIAS E INTERCONEXÕES PARA MEIO AMBIENTE, SEXUALIDADE E INTERFACES..... | 66 |
| 2.2.1 Dialogando com a 1ª obra: Educação como prática da liberdade..... | 67 |
| 2.2.2 Dialogando com a 2ª obra: Pedagogia do Oprimido..... | 77 |
| 2.2.3 Dialogando com a 3ª obra: Educação e Mudança..... | 97 |
| 2.2.4 Dialogando com a 4ª obra: Conscientização: teoria e prática da libertação..... | 103 |
| 2.2.5 Dialogando com a 5ª obra: À sombra desta mangueira..... | 110 |
| 2.2.6 Dialogando com a 6ª obra: Pedagogia da Autonomia..... | 123 |
| 2.2.7 Dialogando com a 7ª obra: Pedagogia da Indignação..... | 133 |
| 2.3 REFLEXÕES DOS RESULTADOS DOS DIÁLOGOS E DAS CONVERGÊNCIAS: O ENCONTRO DOS INDICADORES DE CATEGORIAS..... | 142 |
| 3 MINHAS CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS: “SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA”..... | 146 |
| REFERÊNCIAS..... | 151 |
| ANEXOS..... | 157 |
| ANEXO I – CARTA DA TERRA | 159 |
| ANEXO II – DECLARAÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS | 167 |

1 MINHAS “PRIMEIRAS PALAVRAS”: DE ONDE VIM, ONDE CHEGUEI

Esta dissertação aborda uma pesquisa em fundamentos teóricos relativos a compreensão dos temas Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano, caracterizando-se como um estudo exploratório que correlaciona sete obras do teórico, Paulo Freire, aos documentos sobre os Direitos Ambientais, denominado “Carta da Terra” e sobre os Direitos Sexuais, de título “Declaração dos Direitos Sexuais”.

Os subcapítulos a seguir apresentam a definição da dissertação com um memorial desta pesquisadora, refletindo sobre o meu vivido desde a infância até culminar com as ideias da pesquisa com as questões relacionadas ao problema deste estudo, a caracterização do tema, os objetivos e as justificativas pautadas nas buscas sistemáticas realizadas ao longo de mais de um ano de pesquisa. Também é apresentado meus cúmplices teóricos nesta caminhada, pautando-me em seus conceitos como categorias, na busca de desvelar paradigmas e fundamentos para sustentação desta investigação sobre os temas transversais Meio Ambiente e Sexualidade, bem como suas interfaces.

Neste processo de autoestudo e encontro comigo mesma, que foi característica da pesquisa e escrita desta dissertação, comungo com Paulo Freire quando, poucos dias antes de sua morte, disse: “Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida” (Depoimento de Paulo Freire dado à Edney Silvestre, em NY, abril de 1997). Deste modo, percebo que Paulo Freire é meu conector entre Meio Ambiente e Sexualidade, possibilitando as múltiplas reflexões sobre as interfaces destas temáticas.

1.1 REFLETINDO SOBRE MEU CAMINHAR NA PERCEPÇÃO DE MUNDO DO SER HUMANO EM CONEXÃO COM O MEIO AMBIENTE

Já na infância amava a leitura e a pesquisa. Amante do Meio Ambiente e educanda atenta às aulas de Ciências, sempre informava que, quando crescesse, seria professora das “coisas” da Natureza. Sou de uma família de pais pedagogos e tios e avós professores. Certamente por isso a paixão e crença no poder da Educação. Sou espiritualista e muito reflexiva, pensativa, creio na visão holística do Ser e entendo a importância de viver me construindo em evoluções, buscando aprender sobre tudo que me encanta e fazer uma diferença positiva no mundo, principalmente na Educação.

Para o jardim de infância fui aos 2 anos de idade, para poder interagir com outras crianças, já que os primos e amigos da família eram poucos. Dos 7 anos até os 14 frequentei a mesma escola, particular e católica. Amava as poucas saídas de campo (chamadas de passeio) e as aulas com vídeos de Ciências. Já me interessava por pesquisas e sempre dialogava com meus pais sobre assuntos diversos. Ficava horas e horas lendo livros de Ciências. Nesta época, minha avó materna morava com nossa família e seus ensinamentos sobre jardinagem, o poder dos chás e ervas, e da importância do respeito à Natureza e à ancestralidade foram essenciais para minha formação.

Nos dias de hoje, com as intensas reflexões sobre meu papel como educadora, (re)descubro e compreendo meu interesse em pesquisar também sobre Sexualidade. Considero que meus 8 anos de idade, o desenvolvimento precoce do meu corpo e a descoberta de ter ovários policísticos simbolizam o início do meu caminho para também pensar a Sexualidade, interessar-me pelo assunto, em como deveria me “expor”, “apresentar-me” para o mundo e como e com quem deveria me relacionar. Atualmente compreendo que estes fatos me fizeram querer entender também as belezas e dores das múltiplas vivências das Sexualidades.

Com meus pais sempre tive diálogo aberto sobre todos os assuntos e com a Sexualidade não foi diferente. Recordo quando minha irmã tinha 6 anos e eu 12, ela questionou meus pais sobre “o que é sexo”, eles se sentiram confiantes e me incumbiram a responsabilidade em explicar o tema à ela. Usei o livro didático de Ciências e expliquei as diferenças entre o homem (macho) e mulher (fêmea) e seus aparelhos reprodutores e que era na junção destes aparelhos, por meio de abraços e carinhos, que geravam os bebês, e isso acontecia com outras espécies e também com as plantas. Hoje visualizo que neste dia nasceu a educadora ambiental e sexual! Também foi essencial para minha formação o fato de adquirirmos um sítio, o qual temos até hoje. Os finais de semana eram, e ainda são, repletos de aprendizados sobre a Natureza, de união familiar e de reflexões sobre as interligações e interdependências contempladas naquele ambiente.

Neste resgate da minha história, percebo que, intuitivamente, já entendia o ser humano, sexuado, interconectado ao Meio Ambiente. Interessante observar que, quando tinha 12 anos, foi o período no qual o Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e dentre os cadernos de disciplinas estava o de “Temas Transversais” (1997¹ para

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução temas transversais: ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

primeiro e segundo ciclo – 1ª à 4ª série; 1998² para terceiro e quarto ciclo – 5ª à 8ª série) com sugestões de abordagens sobre “Meio Ambiente”³ e “Orientação Sexual”⁴ para o Ensino Fundamental. No denominado “Orientação Sexual” compreendi que a dimensão humana é o eixo para chegar à diversidade das múltiplas formas de amar. Assim está entendida e inserida na dimensão Sexualidade tratada nesta dissertação.

Quando cursei o Ensino Médio, a Sexualidade era “exposta” nas Feiras de Ciências e me marcou neste período uma sala que apresentava o tema aborto como aquela fosse uma clínica clandestina. No segundo ano eu e minha turma realizamos, na disciplina de Língua Portuguesa, um trabalho sobre os temas: gravidez na adolescência, aborto, infecções sexualmente transmissíveis (IST’s – na época denominadas doenças sexualmente transmissíveis DST’s) e meios de contracepção. Neste trabalho muito me tocou a maneira atenta e curiosa com que foi o trabalho recebido pelas/os colegas⁵. Engraçado lembrar que as aulas de Biologia eram focadas em laboratório e execução de exercícios para o vestibular, mas, mesmo considerando tal modo conteudista e maçante, tinha a certeza que queria ser professora de Biologia, para fazer a diferença positiva nesta área, apesar do meu receio da responsabilidade de educar.

Realizei sete vestibulares para Ciências Biológicas na UFSC e não conseguia os pontos necessários para o ingresso, visto que era um curso intensamente competitivo na época. Durante este período de estudos para vestibulares busquei então outros caminhos de meu interesse: realizei cursos diversos na área de Moda, trabalhei em um escritório desta mesma área, criei um projeto familiar de estamperia por *transfer* (que tenho junto com minha mãe e irmã até hoje) e ingressei no curso Técnico em Meio Ambiente. Entendo que estas experiências me ajudaram a perceber cada vez mais as relações entre Sexualidade, Comportamento Humano, Cultura e Meio Ambiente nos processos de produção e criação de uma vestimenta, por exemplo.

² BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

³ MEIO AMBIENTE: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf> (1997) e <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf> (1998). Acessados em fevereiro, 2018.

⁴ ORIENTAÇÃO SEXUAL: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> (1997) e <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf> (1998). Acessados em fevereiro, 2018.

⁵ Durante esta dissertação a/o leitora/or poderá observar que faço uma opção de privilegiar o feminino, apresentando os dois gêneros, separando-os por barra (/). Ressalto que Paulo Freire, em “Pedagogia da Esperança” (1992) pede desculpas à todas as mulheres por em suas obras, principalmente as primeiras, se referir aos “seres humanos” usando como sinônimo os “homens”. Freire diz que a chamada de atenção veio por meio de cartas de mulheres que leram “Pedagogia do Oprimido” e que não se sentiram incluídas pela linguagem totalmente no gênero masculino, remetendo a concepção machista. O teórico diz que a partir da década de 70 e destas cartas passou a incluir o gênero feminino, privilegiando-o em sua escrita.

No curso Técnico em Meio Ambiente (IFSC - concluído em 2011) elaborei, com um grupo de colegas, o trabalho de Educação Ambiental sobre a “Fauna Brasileira: Conhecer para Proteger” e o trabalho de Análise Ambiental na realização do “Estudo sobre Lixo Marinho na Praia do Matadeiro, Ilha de Santa Catarina – SC”. Ambos encantaram meu olhar para a importância da Educação Ambiental e das ações locais para alcances globais. Com estas vivências resolvi assumir minha “genética” (família com pedagogas/os e professoras/es) e prestei o vestibular para Pedagogia.

Na graduação em Pedagogia (USJ) realizei estágios curriculares na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, que geraram relatórios e artigos, nos quais as principais linhas de pesquisa foram o processo de ensino-aprendizagem, a identidade e as múltiplas linguagens, bem como a valorização da história de vida das/os educandas/os. Durante o curso pude observar como colegas e profissionais da Educação ainda possuem tabus e preconceitos sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade e, por vezes, me surpreendi com os equívocos nas falas e ações destas/es que, pensa-se, deveriam ter uma mente mais aberta para o diálogo e conhecimento destas temáticas. Foi na graduação que conheci Paulo Freire, lendo “Pedagogia do Oprimido” para a disciplina de Filosofia da Educação e que também tomei conhecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na disciplina de Didática. A partir desta época fui encontrando em Freire reflexões teóricas sobre Meio Ambiente e Sexualidade que me foram desvelando as interfaces entre os temas na perspectiva do brilhante educador.

Em 2011, realizei o meu sonho, de criança e adolescente, e cursei dois semestres de Ciências Biológicas Licenciatura (UFSC). Como disciplina optativa, estudei Direito Ambiental por considerar uma temática da atualidade que fornece subsídios para diversas discussões sobre ações globais e locais em prol do Meio Ambiente. Resolvi retornar e concluir o curso de Pedagogia por observar que a graduação em Ciências Biológicas Licenciatura era um curso novo e possuía, ainda, uma perspectiva muito focada para o bacharel e a pesquisa laboratorial e que também não é apresentado um diálogo intencional em sua grade curricular sobre Meio Ambiente (ou Educação Ambiental) e Sexualidade (ou Educação Sexual).

Mas o período vivido no afastamento da graduação em Pedagogia foi ótimo, pois meu olhar sobre o que gostaria de defender no TCC⁶ ficou mais aguçado: interligar Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadoras/es. Pontuei, em um primeiro momento, Meio

⁶ WARKEN, Aline Diniz. **Análises sobre Meio Ambiente e Sexualidade sob viés Transdisciplinar na Formação de Educadores**. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Centro Universitário Municipal de São José – USJ. São José, 2013 - Sob a orientação da Dra. Izabel Cristina Feijó de Andrade.

Ambiente e Sexualidade separados, como caminho didático e para explicitar a divisão dos mesmos como oriundos dos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), bem como as produções existentes acerca das temáticas, vistas pela maioria delas como distintas. No segundo momento, indiquei a transdisciplinaridade⁷ como caminho possível para o entendimento e vivência de interligação dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, na compreensão que somos humanos em simbiose⁸ com o Planeta Terra e com todos os outros seres vivos e também com os seres ditos inanimados. No terceiro momento, apresentei os diálogos, vivenciados por meio de oficinas, com grupo de acadêmicas/os de Pedagogia e com grupos de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e suas professoras, de uma escola particular, explicitando os pensamentos e práticas pedagógicas que brotaram destas interações que evidenciaram um raro olhar de interconexão das temáticas pesquisadas. Assim, estudei os temas que me encantam, desde sempre, para refletir sobre o que notei nos cursos de licenciatura: o diálogo, não intencional, ou mesmo um currículo oculto, repleto de fragilidades e tabus sobre esses temas.

Registro aqui que na graduação em Pedagogia tive a oportunidade de conhecer *in loco*, em 2012, o Instituto Paulo Freire e conversar com o filho do grande educador, Lutgardes, em uma viagem de estudos para São Paulo. Desde esse tempo, acrescentando esse conhecimento ao meu vivido, fui me aprofundando ainda mais em leituras com olhares de busca das interfaces da visão paulofreireana sobre Meio Ambiente e Sexualidade.

Relembrando sobre as minhas experiências na escola, registro que além das vivências nos campos de estágios curriculares, trabalhei por quase dois semestres no ensino de Língua Portuguesa no “PDE + Educação”⁹, com crianças de 7 a 14 anos, em uma escola pública municipal de São José/SC. Em 2014, trabalhei como ACT (Admitido em Caráter Temporário) na rede pública de São José como professora regente de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Todas estas experiências foram valiosas para repensar minha prática pedagógica e observar as necessidades de mais estudos para a formação do ser integral, sempre sexuado, na sociedade atual. Por muitas vezes presenciei a dificuldade das crianças em **refletir e agir**

⁷ Remete a transcendência. Significa o que está ao mesmo tempo *entre, através e além* de todas as disciplinas. “Estimula o ser humano em sua essência, na sua capacidade de atuar, viver, ser e ter, articulando o conhecimento histórico acumulado ao potencial do homem moderno, idealizador de ações individuais e coletivas, globais e locais, enfim trabalha-se com o ser humano por inteiro” (WARKEN, 2013, p.19).

⁸ Do grego *sýn*, «juntamente» + *bíosis*, «modo de vida», pelo francês *ymbiose*, «vida em conjunto». 1. Em biologia: associação entre dois seres vivos. 2. Relação de cooperação que beneficia dois envolvidos. 3. Associação íntima. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/simbiose>>. Acessado em fevereiro, 2018.

⁹ O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) é um programa de 2007 lançado pelo MEC com a intenção de melhorias à Educação Básica e dentre as ações está o ensino de Língua Portuguesa em horário extraclasse.

para com o cuidado com o Planeta Terra e o cuidado consigo mesmas. As/os educandas/os sinalizavam que eu era a única pessoa adulta que conversava com elas/eles sobre Meio Ambiente e Sexualidade de forma tranquila, sendo que nas aulas demonstravam imensa atenção e curiosidade quando dialogávamos sobre assuntos que abarcavam a dimensão ambiental e sexual, bem como suas interfaces.

Formei-me em Pedagogia em agosto de 2013 e, no fim do mesmo ano, comecei a Especialização *lato sensu* em Mídias na Educação (IFSC/UAB) que me abriu o olhar para as diferentes abordagens possíveis nesse mundo midiático nas temáticas Meio Ambiente e Sexualidade. Em abril de 2015 defendi como trabalho final: “Trabalhando Meio Ambiente e Sexualidade por meio de Vídeos Educativos na Formação de Educadores”¹⁰. Apoiada nas vivências da graduação, neste trabalho de especialização indiquei meus cúmplices teóricos nas conceituações dos temas voltados agora também para mídias e pontuei mais reflexões sobre o tão raro diálogo intencional sobre Meio Ambiente e Sexualidade na formação de educadoras/es. Também sugeri a produção de videoaulas como recurso pedagógico para interligação das temáticas. Trabalhei por meio de oficinas com acadêmicas/os da 6ª fase de Pedagogia do USJ (público que em sua maioria trabalhava em escolas) e pude confirmar mais uma vez a pouca discussão e o escasso conteúdo sobre as temáticas Meio Ambiente e Sexualidade, bem como suas interfaces, na formação regular de educadoras/es, tal qual a grande dificuldade das/os professoras/es no planejamento e produção de seu próprio material - no caso em questão, o vídeo educativo. Este estudo gerou um grupo no Facebook®, que posteriormente teve seu conteúdo direcionado à uma página na mesma rede social para uma abrangência maior do público de educadoras/es. A página leva o nome “Meio Ambiente e Sexualidade para Formação do Ser Integral”¹¹. O trabalho também gerou um canal no YouTube® onde todos os vídeos produzidos durante o estudo foram postados e que possui diversas *playlists*, por mim organizadas, sobre os assuntos propostos. O canal chama-se “Meio Ambiente e Sexualidade na Formação de Educadores”¹².

Ainda em 2015 também pude experienciar ser aluna especial na disciplina Tecnologia e Formação de Educadores: interfaces com a temática Educação Sexual (PPGE/FAED/UDESC), ministrada pela prof.^a Dr.^a Sonia Melo, líder do Grupo EDUSEX

¹⁰ WARKEN, Aline Diniz. **Trabalhando Meio Ambiente e Sexualidade por meio de vídeos educativos na Formação de Educadores.** Monografia (especialização). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Curso de Pós-Graduação em Mídias na Educação. São José, 2015 - Sob a orientação do Me. Paulo Vitor Tavares.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/masexformacao>

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC6Y1CKNo7AHISuHs872SW_Q

Formação de Educadores e Educação Sexual CNPq/UEDESC, que muito agregou para evolução dos meus conhecimentos, propiciando-me novos caminhos de pesquisas, (re)significando meus olhares e fornecendo mais certezas das articulações entre Meio Ambiente e Sexualidade, via mídias e tecnologias para formação de educadoras/es sob o viés da transdisciplinaridade.

Pelo contato e experiência como aluna especial tornei-me pesquisadora voluntária no projeto de extensão “Promovendo a interação em rede em Educação Ambiental para a Sustentabilidade: OGUATA em ação” que tem a prof.^a Dr.^a Lucimara da Cunha Santos (CEAD/UEDESC) como coordenadora. O projeto, com seu desenvolvimento de ações para formação de educadoras/es, auxiliou-me ainda mais para construção de conhecimentos para refletir sobre a formação, inicial e continuada, de professoras/es nos temas Meio Ambiente e Sexualidade, pensando na sustentabilidade por meio dos processos de ensino-aprendizagem, usando como ferramenta as diversas mídias, buscando sempre atingir a formação do Ser integral.

Também no ano de 2015, ingressei no curso de Especialização *lato sensu* em Gênero e Diversidade na Escola (UFSC/UAB). A principal razão de escolher por este curso foi a de buscar por diferentes ambientes e olhares em que se discutia Sexualidade na formação de professoras/es e assim fornecer mais subsídios para meus estudos já que, segundo percebi nas minhas vivências e conversas com colegas professoras/es, Sexualidade na maioria das vezes não é discutida, intencionalmente, na formação regular e mesmo nas continuadas de professoras/es. A temática também não é interligada com Meio Ambiente e o Ser não é valorizado de maneira integral, assim continua o currículo oculto da vida de todos nós, fragmentando o Ser e os conteúdos a serem estudados, onde apenas poucos espaços educativos trabalham intencionalmente projetos alternativos com subsídios emancipatórios. Acredito que, para fazer uma efetiva mudança na Educação, precisa-se repensar inicialmente a formação de professoras/es e os cursos de licenciatura, aí incluídas as reflexões críticas sobre as interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade.

Com as vivências desta especialização e as reflexões críticas sobre Gênero, pensando por muitas vezes sobre o viés político dessa categoria teórica, percebi-me e me assumi feminista com um olhar atento ao ecofeminismo¹³ e na luta nas ações diárias pelo respeito e direito de igualdade e equidade à todas as pessoas. Em dezembro de 2016 defendi o trabalho “Influências

¹³ Surgiu em 1974 como termo usado por Françoise d'Eaubonne, em sua obra “Le Feminism ou la Mort” (Feminismo ou a Morte) definindo como “a capacidade das mulheres, como impulsoras de uma revolução ecológica, de ocasionar e desenvolver uma nova estrutura relacional de gênero entre os sexos, bem como entre a humanidade e o meio ambiente”. Disponível em: <<http://www.ambientelegal.com.br/ecofeminismo>>. Acessado em fevereiro, 2018.

do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para Formação de Professoras/es”¹⁴, no qual realizei uma pesquisa virtual com professoras/es que fazem uso das redes sociais *online*, buscando desvelar as suas práticas pedagógicas sobre Gênero e Sexualidade, bem como de sua compreensão acerca das contribuições dos Movimentos Sociais de Gênero à sua formação pessoal e profissional. Este trabalho me fez compreender melhor a relação dos membros da sociedade atual em informarem-se e formarem-se, utilizando as redes sociais *online*, bem como os atos de ativismo virtual nos compartilhamentos e diálogos sobre as temáticas relacionadas à Gênero e Sexualidade.

Percebo hoje que sempre busquei nos meus trabalhos de conclusão de cursos (graduação e especializações) a interligação dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, pois creio que tudo está em conexão. No entanto, na maioria das vezes, o ser humano está sendo educado a ver o mundo e a si mesmo de forma fragmentada e dicotomizada, e nos momentos do seu estudar e aprender não consegue unir as partes relacionadas ao todo.

Em julho de 2016 ingressei no Mestrado em Educação PPGE/UEDESC, na linha Educação, Comunicação e Tecnologia, para Grupo de Pesquisa EDUSEX, com o plano de estudos que nomeei de “Coletor menstrual: engajamento ambiental e autoconhecimento do corpo” no qual abordei como um produto que utilizado pelas mulheres pode expressar seu empoderamento, conhecimento e cuidado com seu corpo, sendo que, ao mesmo tempo, diminuí a produção de resíduo dos absorventes, significando assim um cuidado para com o Planeta Terra. Mas, no semestre 2016/2 com os diálogos nos encontros com minha orientadora e com os avanços nos meus processos de pesquisa ficou evidenciado o quão pouco é pesquisado sobre os fundamentos das temáticas Meio Ambiente e Sexualidade, principalmente em suas interfaces, base de minhas várias pesquisas anteriores. Caminhei, deste modo, decidindo por um estudo fundamental para compreender melhor os paradigmas¹⁵ ao longo do tempo sobre esses temas, para buscar desvelar o que trouxe ao nosso cotidiano essa fragmentação expressa pelo ser humano diante de si mesmo e do Planeta Terra.

Vale aqui ressaltar que tenho como experiência o trabalho de pesquisa com a Metodologia Ecosistêmica nos trabalhos de conclusão da graduação em Pedagogia e nas

¹⁴ WARKEN, Aline Diniz. **Influência do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para Formação de Professoras/es**. Monografia (especialização) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola. Florianópolis, SC, 2016 - Sob a orientação do Dr. Pedro Rosas Magrini.

¹⁵ “Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1997, p. 13). KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

especializações em Mídias na Educação e em Gênero e Diversidade na Escola, bem como na apresentação do plano de estudos para ingresso no Mestrado em Educação para o PPGE/UDESC 2016, por entender a relevância de optar por metodologias de pesquisa na Educação que valorizem o Ser integral e o processo de construção do conhecimento e todos os envolvidos, principalmente em pesquisas para maior compreensão da interligação entre Meio Ambiente (totalidade/coletivo/macro) e Sexualidade (inteireza/ indivíduo-subjetividade/micro). Entretanto, por entender que o paradigma do materialismo histórico-dialético, conhecido nos meus estudos com o Grupo de Pesquisa EDUSEX, compreende o ser humano como sendo constituído e constituinte nas relações sociais e no modo de produzir vida (*eu, outro, no mundo*) em suas interações dialéticas (tese, antítese e síntese), que decidi que o materialismo histórico-dialético seria o eixo deste estudo, que se pautou no reconhecimento de paradigmas vivenciados ao longo dos tempos e buscou fundamentar criticamente os processos das relações ser humano e Meio Ambiente.

Assim, como mestrande e integrante do Grupo de Pesquisa EDUSEX, encaro hoje todo o caminhar de desenvolvimento da dissertação como a vivência de um propósito de vida e sintome feliz na realização de pesquisas e escritas sobre este modo de enxergar a interligação entre ser humano e o Planeta Terra para uma contribuição às Ciências da Educação. Mais do que uma investigação sobre as temáticas o processo foi uma investigação sobre mim mesma, fazendo-me rever meus conceitos e atuações *para, no e com o mundo e para e com o(s) outro(s)*. Afinal, como me autocuido? Como estou cuidando do Planeta Terra? Minhas ações são sustentáveis? Como estou contribuindo para um mundo e sociedade melhores?

O astrofísico Neil deGrasse Tyson disse, certa vez a famosa frase, que "estamos todos conectados; aos outros, biologicamente; à Terra, quimicamente; ao resto do universo, atômicamente" (sem data). Esta máxima expressa a importância de pesquisar, estudar e produzir sob o viés das interfaces sobre Meio Ambiente e Sexualidade e sua relevância para a formação do Ser integral, bem como a importância e urgência de dialogar intencionalmente e refletir sobre a dimensão humana, sempre sexual e ambiental, por meio de um levantamento sintético e análise de paradigmas (científicos, sociais, culturais) ao longo da História da Humanidade, valorizando o conhecimento na perspectiva do Ser integral/holístico e neste trabalho sob uma concepção dialética.

Inspirada pela proposta de produção de um artigo, na disciplina “Pensamento Educacional Contemporâneo” do primeiro semestre do mestrado, ministrada pelo prof. Dr. Lourival José Martins Filho, elaborei um texto sobre a contribuição do pensamento de Paulo Freire para os estudos de Sexualidade e Educação Sexual Emancipatória. Com os avanços nas

pesquisas para o solicitado artigo que contribuíssem para o projeto de dissertação, por diversas vezes emergiram categorias relacionadas ao pensamento paulofreireano e, mais do que um cúmplice teórico sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, o grande autor se tornou minha base para a análise de dados. Por que, ao invés de buscar cúmplices somente fora do nosso país, não valorizamos e nos apoiamos em teóricos como o Grande Patrono da Educação Brasileira¹⁶? Com todas estas inspirações e indicações decidi, em setembro de 2017, fazer de Paulo Freire ‘autor-essência’ da minha dissertação de mestrado.

Registro que motivada, desde sempre, por um pai (*in memoriam*) pedagogo e advogado estudioso dos direitos sexuais e ambientais, pude no TCC da graduação em Pedagogia, pesquisar a importância destes direitos atrelados à Educação Ambiental e Sexual. Deste modo, nesta dissertação, e somando as minhas experiências aqui já descritas, tive como objetivo principal contribuir com desvelamento de fundamentos teóricos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano, relacionando sete obras de Paulo Freire com os documentos “Carta da Terra¹⁷” (BRASIL, 2000) e “Declaração dos Direitos Sexuais¹⁸” (WAS, 2014), suscitando assim as contribuições do pensamento do grande teórico às categorias Meio Ambiente e Sexualidade, em suas interfaces, atreladas aos direitos ambientais e sexuais, expressos nos dois documentos citados, pensando em uma Educação para a perspectiva da valorização da interconexão de ser humano e Planeta Terra. Desta maneira, por meio das diversas buscas e movimentações, obteve-se as categorias desta dissertação: Totalidade, Inteireza, Meio Ambiente e Sexualidade, Pensamento paulofreireano, e Direitos humanos. Este processo é explicado no tópico a seguir.

¹⁶ A Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, declara Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira. Toda via, vale ressaltar que grupos conservadores, que apoiam a “Escola Sem Partido”, e tiveram maior força a partir de 2013, tentaram “derrubar” a lei em 2017. Este título à Paulo Freire representa assim luta e resistência à perspectiva emancipatória, principalmente pelo momento tensional vivido no Brasil atualmente.

¹⁷ No anexo I desta dissertação. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Carta da Terra**. 2000. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>. Acessado em fevereiro, 2018.

¹⁸ No anexo II desta dissertação II. WAS - World Association for Sexual Health. **Declaração dos Direitos Sexuais**. 2014. Disponível em: <<http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/DSR-Portugese.pdf>>. Acessado em fevereiro, 2018.

1.2 JUSTIFICANDO A PESQUISA

Pesquisando sobre as relações entre ser humano e seu meio, ao longo do tempo, percebe-se que os paradigmas se alteraram até a chegada de uma ‘desconexão’, a partir da qual o ser humano¹⁹ vê-se como dominador do Planeta Terra²⁰ e dissociado do Meio Ambiente e da sua Sexualidade. Deste modo, percebeu-se que os temas Meio Ambiente e Sexualidade seguem uma perspectiva dicotomizada, ainda na sociedade atual. Assim, questioneei:

Como o pensamento paulofreireano atrelado aos direitos ambientais e sexuais pode contribuir com fundamentos teóricos sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade, e suas interfaces, sob uma perspectiva de totalidade da relação ser humano, sempre sexuado, e o Planeta Terra?

Ampliando o que refleti em meus trabalhos anteriores (WARKEN, 2013; 2015; 2016), exalto aqui que as categorias Meio Ambiente e Sexualidade, registradas nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997 e 1998), são temáticas atuais, polêmicas, desafiadoras e sujeitas a subjetividades na compreensão e na forma de vivenciá-las junto às/aos educandas/os. Na maioria das vezes são temas propagados pelas/os educadoras/es por meio daquilo que aprenderam em suas vivências com o Meio Ambiente e a preservação da vida, suas visões sobre Sexualidade e reprodução da espécie. O que se percebe é que suas crenças e experiências pessoais são repassadas, muitas vezes, acriticamente, em grande parte de suas práticas pedagógicas de forma fragmentada, limitada, com receios e fragilidades, não cumprindo papéis fundamentais como estimular a discussão dos valores de cidadania e do sujeito integral. Essa atitude frágil e muitas vezes alienada não agrega às potencialidades dessas discussões e ao desenvolvimento das múltiplas formas de expressão das/os educandas/os.

Portanto, mesmo em pleno século XXI, faz-se necessário ainda, além da busca à transversalidade de temáticas relevantes à formação da/o cidadã/ão nos currículos, alcançar a interconexão dos saberes que durante três séculos estiveram fragmentados e excluídos, ao mesmo tempo em que proporcionaram um avanço tecnológico que deslumbrou, mas também penalizou, a sociedade. Esta sociedade que hoje, com ações excludentes e desumanizadoras de

¹⁹ Pontuo à/ao leitora/or que nesta dissertação faço uso de “ser humano” compreendendo todos os seres humanos, independente de gênero, raça, idade. Porém indico que em muitos estudos se faz uso da palavra “Homem” em perspectiva de humanidade, ou mesmo “homem”, remetendo à exclusão de mulheres e crianças.

²⁰ Ressalto à/ao leitora/or que durante o texto utilizarei “Planeta Terra” entendendo-o como o “corpo” do Meio Ambiente, onde acontecem as interações entre seres vivos e não-vivos, nos meios naturais e nos meios de intervenção antrópica, que seria então ‘nossa grande casa’ que todos temos em comum ou o ‘grande corpo’ que todos partilhamos. Concepção esta que capto da reflexão: “Você tem duas casas: Planeta Terra + seu corpo. Cuide bem de ambos” (Frase de autoria desconhecida).

grande parte de sua população, mostra-se em crise, devido às intensas intervenções antrópicas²¹ ao longo do tempo (ser humano *versus* Natureza). Logo, essa maneira de viver da maioria das pessoas coloca em risco a vida de todos no Planeta Terra, porque quem a vivencia não se dá conta das inúmeras relações existentes entre suas dimensões ambiental e sexual como importantes fatores para, por exemplo, a dimensão ambiental na sobrevivência do Planeta Terra e a dimensão sexual na sobrevivência da espécie humana. Uma abordagem equivocada sobre o mundo ser “dual” exalta a dicotomização da relação ser humano e Meio Ambiente, logo a falta de conscientização da interconexão ser humano, sexuado, e Meio Ambiente acontece por uma alienação construída que eleva o ser humano como dominador e a Natureza como objeto. Sob a perspectiva da dualidade/dicotomia do próprio ser humano, *desconectado de si, dos outros e do mundo*, gerou-se uma sociedade de alta e rápida produtividade e consumo, em um viés de capitalismo necrófilo.

Diálogos necessários para a busca da superação dessa fragmentação e para uma Educação voltada para a emancipação das pessoas ganham voz nas produções de Paulo Freire e reflexões e movimentações de grupos organizados para uma Educação que pense o ser humano de maneira integral, formando uma/um cidadã/ão do mundo, vem à tona. Neste panorama, movimentos sociais e discussões sobre proteção do Planeta Terra por meio da Educação Ambiental e igualdade de gênero, via luta das mulheres em vários tipos de feminismos, ganham força refletindo também sobre uma Educação Sexual que desvele a Sexualidade como dimensão inseparável do ser humano. Assim, diversas reivindicações por políticas públicas para garantia de uma sociedade mais justa e igualitária surgem e, neste panorama, os direitos ambientais e sexuais, interconectados, ampliam-se sob o pensamento de vivência plena dos direitos humanos, pontos estes exaltados por Paulo Freire.

Como sabemos, as temáticas Meio Ambiente e Sexualidade (sob o título Orientação Sexual²²) tem notoriedade no final da década de 90 com a proposta de trabalho transversal por

²¹ Consiste na(s) ação(ões) dos seres humanos na Natureza, podendo alterar o ecossistema (todos os seres vivos, os seres ditos inanimados e seus ambientes).

²² Há diversas objeções do uso “Orientação Sexual” como sinônimo de Educação Sexual. Sob o conhecimento das três vertentes dominantes de Educação Sexual no Brasil como médico-biologista, normativo-institucional e terapêutica-descompressiva (NUNES, 1996 *apud* MELO; et al, 2011), pautada nos conhecimentos por meio do Grupo de Pesquisa EDUSEX, analiso que a Orientação Sexual expressa no documento está de acordo com a Educação Sexual Emancipatória (MELO; et al, 2011), pois compreende a Sexualidade como inerente ao ser humano e aponta que “Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. O trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes” (BRASIL, 1998, p.78). Entendo, hoje, o uso de Orientação Sexual como terminologia que se refere à direção do desejo sexual do ser humano, que pode ser homossexual, bissexual, heterossexual e outros. E Educação Sexual como um

meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Vinte e um anos depois da indicação de renovação e reelaboração do currículo no Ensino Fundamental²³ - que se fundamenta no respeito à pluralidade cultural e na formação da/o cidadã/ão, sujeito da construção do conhecimento - percebe-se ainda a dificuldade de abordagem desses temas de maneira transversal e emancipatória, no mínimo entre as disciplinas. Muito dessa dificuldade de integração temática ocorre ainda porque vivenciamos uma educação conteudista que fragmenta os conhecimentos em ‘caixas’, não estabelecendo relações entre si nem com as realidades global e local atuais. Amélia Hamze indica que os temas transversais “envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da realidade, preocupando-se também em interferir na realidade para transformá-la” (HAMZE, 2010, p. *online*). Assim, as/os educadoras/es não notam/sentem que a vida é transversal. Entretanto, podemos entender que esta visão de mundo é dificilmente vivida porque desde a Educação Infantil aos Cursos de Graduação prezou-se por uma educação baseada em ‘conhecimentos fragmentados’.

Nas leituras feitas desvelou-se para mim que esta formação da/o cidadã/ão e de respeito à pluralidade cultural têm fundamentos no pensamento paulofreireano, pois ali está expressa a educação libertária e a luta pelos direitos humanos como caminhos para um mundo mais amoroso, pacífico e igualitário. Barcelos indica que “educandos e educandas precisam é de uma educação que os faça sentirem-se integrados à sociedade e não a serviço dela” (BARCELOS, 2008, p.31). Para tal necessitamos de uma Educação transformadora do Ser, que instigue a curiosidade e a reflexão, e onde a apropriação do conhecimento aconteça de forma crítica, num processo de cumplicidade entre aprender-ensinar. A carta escrita para as/os professoras/es nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) diz que:

O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Tal demanda impõe uma revisão dos currículos, que orientam o trabalho cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação do nosso país (BRASIL, 1998, p.5).

Nestas duas últimas décadas, principalmente, muito se foi dialogado e produzido sobre práticas pedagógicas para a realização de uma Educação voltada para formação do Ser integral,

processo constante entre os seres humanos construído sob bases sociais, culturais, históricas (ver Referências, na p.144). Assim, utilizarei a partir de agora o termo “Sexualidade” também quando me referir ao caderno dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

²³ Atualmente no Brasil, o documento normativo sobre currículo é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC - 2015) que define o conjunto de aprendizagens essenciais para o desenvolvimento das/os estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Mais em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acessado em agosto/2018.

pensando na cidadania e em uma cultura de paz. Entretanto, as propostas e projetos são pontuais, em sua maioria, devido à dificuldade de sair das amarras de um currículo pautado em disciplinas e fragmentações de conteúdos. Moraes (2000) nos diz que o conhecimento científico baseado no pensamento cartesiano e na fantasia de separação corpo-mente, mais a política de fragmentação do processo de produção industrial, no final do século XIX, influenciaram a Educação e o desenvolvimento das disciplinas curriculares.

Sendo assim, há que se buscar ultrapassar a barreira do pensamento dicotomizado/dualista e sob esta ótica de transcendência estão os estudos baseados nas categorias totalidade e inteireza que estão em afinidade com o pensamento paulofreireano pela formação integral do Ser, por uma cultura de paz, por uma Educação para a Vida. Se faz assim urgente abandonar as “jaulas epistemológicas”, mencionadas por Maturana (1999), e ir ao encontro da inteireza. Nesse sentido, a proposta deste estudo é de um diálogo sobre Meio Ambiente e Sexualidade, em interconexão, refletindo sobre as relações humanas e seu meio, ao longo do tempo, e como podemos nos pautar em direitos ambientais e sexuais, como direitos humanos, para ações de sustentabilidade²⁴, sob a ótica de *cuidado para consigo, com o(s) outro(s) e com o Planeta Terra*, em uma perspectiva integradora, para atitudes que ecoem no sentimento e pensamento de pertencimento e em simbiose: ser humano, sempre sexuado, e Meio Ambiente.

Portanto, percebo serem os diálogos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces pertinentes e urgentes, de forma intencional, principalmente nos espaços educativos formais, haja visto, como exemplo, os comprovados altos índices de violência e morte às mulheres e pessoas LGBT's, os inúmeros casos de discriminações e racismo, os crescentes casos de pedofilia, a forte desigualdade social que marca, dentre diversas consequências, a fome; bem como as questões relacionadas à destruição ambiental com a poluição das águas, ar e solos, o desmatamento e extinção de espécies da fauna e flora, a alta produção de resíduos sólidos, as consequentes alterações de clima, a escassez de recursos e a destruição da camada de ozônio.

²⁴ Aqui me pauto em Moacir Gadotti no conceito de sustentabilidade como o sonho de bem viver. Sustentabilidade “é o equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes” (GADOTTI, 2008, p.14). Com afinidade à Gadotti, concordo com Brandão ao falar que sustentabilidade “opõe-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade ou do ambiente. Assim, em seu sentido mais generoso e amplo, a sustentabilidade significa uma nova maneira igualitária, livre, justa, inclusiva e solidária de as pessoas se unirem para construir os seus mundos de vida social, ao mesmo tempo em que lidam, manejam ou transformam sustentavelmente os ambientes naturais onde vivem e de que dependem para viver e conviver” (BRANDÃO, 2008, p.136 *apud* GADOTTI, 2008, p.14) (ver Referências, na p. 144).

Trago a nítida relação da ação humana e degradação do Meio Ambiente, que acaba afetando o próprio Ser, por meio dos seguintes dados: o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) indicou que aproximadamente 23% das mortes prematuras no mundo são causadas por problemas de degradação ambiental, estimando que em 2012 aconteceram 12,6 milhões de mortes, sendo a poluição do ar a principal causa de morte indicada, ocasionando 7 bilhões de mortes por ano²⁵.

Representação também da relação ser humano e Planeta Terra e do suicídio humano ao degradar o Meio Ambiente está no vídeo animação da WWF (World Wide Fund for Nature) Brasil com a mensagem “Uma hora vai voltar para você”²⁶. No vídeo um homem com uma serra corta uma árvore, gerando um processo de “efeito bola de neve”, explicitando as ações locais e consequências globais: há o desmatamento de mais árvores, o assoreamento do rio, a poluição das águas, a destruição de pontes e acidentes com meios de transportes, o derramamento de óleo matando espécies marinhas, o deslocamento de capotas polares, a elevação do nível do mar, a destruição de cidades, queimadas em área de preservação matando mais espécies de animais, um homem e alguns canhões de navios atiram projéteis, o que leva a mais destruição, voltando ao primeiro homem com sua serra elétrica, onde uma árvore o esmaga.

Por estes pontos destacados até agora compreendo que se faz fundamental pesquisar e estudar sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, expressando-os em diálogos permeados de conscientização crítica, nos diversos espaços educativos, formais e não-formais, sob o entendimento das inter-relações entre *eu, outro, no e com o mundo*, representação da Vida em sua diversidade, e por meio destes conhecimentos vivenciarmos assim um mundo igualitário, fraterno e de paz.

Por tudo isto posto, indico que nesta dissertação tive como objetivo geral:

- Contribuir com desvelamento de fundamentos teóricos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano.

E como objetivos específicos:

²⁵ **Programa da ONU alerta: degradação ambiental causa 12 milhões de mortes por ano.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2016-05/pnuma-alerta-degradacao-ambiental-causa-12-milhoes-de-mortes-por-ano>>. Publicado em 2016, maio, por Akemi Nitahara em site Agência Brasil.

²⁶ **Nova campanha do WWF-Brasil é alerta para desastre ambiental.** Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/index.cfm?uNewsID=9460>>. Publicada em 2007, setembro. No site da WWF Brasil. Acessado em 16 de maio de 2018.

- Compreender a relação ser humano, sempre sexuado, e Planeta Terra revisitando e pesquisando teóricos que dão subsídios para a compreensão e para os paradigmas que permeiam estudos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces;
- Levantar pressupostos teóricos sobre direitos ambientais e sexuais pensando a vivência plena dos direitos humanos à luz da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais em consonância com o pensamento paulofreireano por meio de indicadores de categorias;
- Investigar em obras de Paulo Freire categorias que contribuam no desvelamento das interfaces entre a dimensão ambiental e sexual, do ser humano, bem como de vertentes de Educação Ambiental e Sexual libertadoras.

Registro que iniciei o processo de justificativa e importância deste estudo com as buscas sistemáticas que aconteceram em quatro momentos que detalho a seguir.

Em um primeiro momento, para registro das pesquisas iniciais e para compreensão da relação de estudos existentes sobre as macrotemáticas foram realizadas buscas com as palavras-chave bases ‘Meio ambiente’, ‘Ser humano’ e ‘Totalidade’, para maior esclarecimento sobre a quantificação de produções e publicações na atualidade sobre as categorias fundantes. Com a compreensão de ‘Sexualidade’ como dimensão indissociável do ser humano, constituindo sua totalidade, esta também foi uma palavra-chave para realizar um melhor entrelaçamento de dados. No quadro abaixo são apresentados os resultados, de pesquisas realizadas em julho de 2017 e atualizadas no início do mês de fevereiro de 2018, em três bancos de dados.

Quadro 1 - Resultados das pesquisas das categorias fundantes

| Palavras-chave | Bancos de dados | | |
|------------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------------|---------------------------------|
| | <i>Scielo</i> | BDTD | TEDE UDESC |
| | Resultados | | |
| Meio Ambiente | 4.886 itens // com aspas 2.399 itens | 40.085itens // com aspas: 17.547 itens | 864 itens // com aspas 38 itens |
| Ser humano | 4.402 itens // com aspas 2.091 itens | 120.813 itens // com aspas: 120.813 itens | 934 itens // com aspas 17 itens |
| Totalidade | 954 itens | 73.629 itens | 16 itens |
| Sexualidade | 1.837 itens | 11.259 itens | 18 itens |
| Meio Ambiente + Sexualidade | 19 itens // com aspas 7 itens | 1.593 itens | - |
| Totalidade + Meio Ambiente | 16 itens // com aspas 10 itens | 4.109 itens | - |
| Totalidade + Sexualidade | 6 itens | 3.146 itens | - |
| Totalidade + Ser humano + Meio Ambiente | 1 item | 4.125 itens // com aspas: 2.467 itens | - |
| Totalidade + Sexualidade + Meio Ambiente | 0 itens | 1.771 itens // com aspas: 1.503 itens | - |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

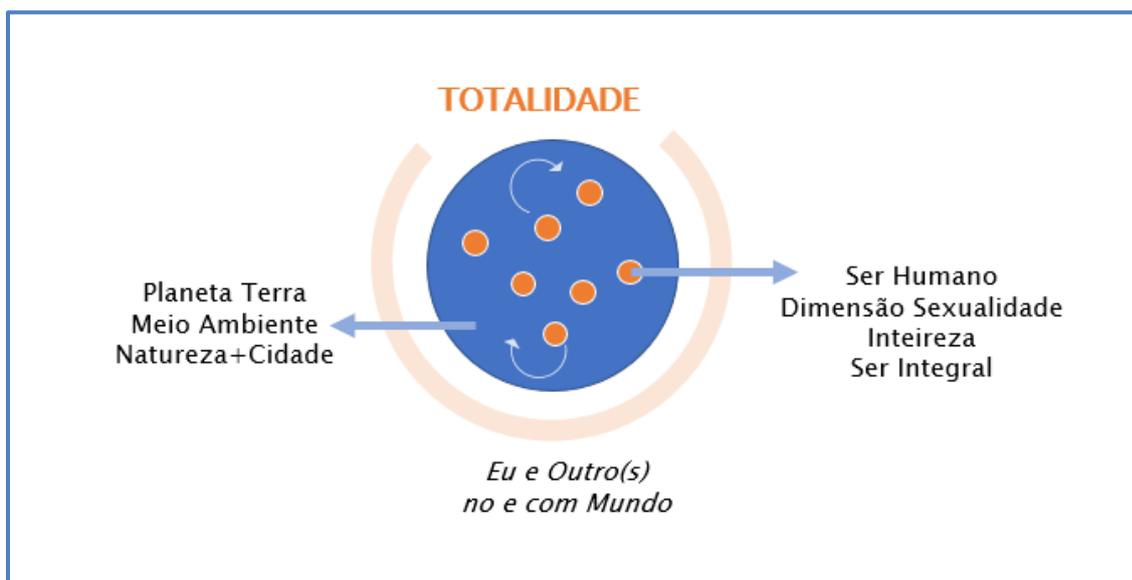
A escolha pelos bancos de dados *Scielo* e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT se deu por serem dois ambientes virtuais comumente utilizados no meio acadêmico de pós-graduação. E a escolha pelo Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE) da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC aconteceu para conhecer sobre o que foi produzido na nossa instituição sobre os assuntos de interesse desta dissertação. Para as palavras compostas foram realizadas buscas com e sem aspas, como, por exemplo, Meio Ambiente, sendo interessante observar como a utilização desta pontuação forneceu diferença nos dados obtidos. Ressalto que nenhuma filtragem de busca foi utilizada nos três bancos de dados.

Por meio das pesquisas e dos cruzamentos das palavras-chave Meio Ambiente, Ser humano, Totalidade e Sexualidade, entendidas como descritores, observa-se que foram produzidos mais estudos sobre Meio Ambiente do que sobre Sexualidade, bem como quando se adiciona a palavra-chave ‘Totalidade’, houveram mais pesquisas voltadas ao Meio Ambiente do que Sexualidade. No cruzamento entre ‘Meio Ambiente + Sexualidade’ foram encontrados 7 itens no banco de dados *Scielo* e 1.593 itens na BDTD. Quando se busca por ‘Meio Ambiente + Sexualidade + Totalidade’ não foram encontrados itens no banco de dados *Scielo* e apareceram 1.503 itens na BDTD.

No banco de dados TEDE UDESC pôde-se verificar que as produções sobre Meio Ambiente eram de programas variados como Mestrado em Administração Profissionalizante à Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, entretanto nenhum no Mestrado em Educação. Já sobre Sexualidade eram voltados ao Mestrado em Educação, Mestrado em Ciências do Movimento Humano e Mestrado em História. Pontuo que neste banco de dados não é possível realizar cruzamento de dados entre duas ou mais palavras-chave.

No processo de pesquisas foi essencial, para mim, produzir algumas figuras para ficarem mais claras as diversas possibilidades de categorização e conceituações, e obter melhores resultados para esta dissertação, bem como para a busca sistemática e justificativas. Deste modo, minhas figuras é a minha forma de espacialização de um fenômeno. Assim apresento um registro das pontuações que se tornaram essenciais na vivência do processo e para meus avanços na busca de teóricos e conceituações a partir do que foi se delineando sobre as categorias fundantes (Meio Ambiente, Ser humano, Sexualidade e Totalidade).

Figura 1 - Representações para expressão das categorias fundantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A figura 1 apresenta a perspectiva da totalidade que abarca a relação Planeta Terra e ser humano, sempre sexuado, em sua inteireza. Sob esta ótica, é possível refletir sobre as interações e espaços de transformações estabelecidas nas relações Eu, Outro(s), Mundo; movimentações essas que emergem do pensamento paulofreireano e que me foram essenciais para refletir sobre as buscas sistemáticas e as fundamentações teóricas necessárias para esta dissertação. Neste

sentido, a compreensão de interfaces, expressa neste estudo, perpassa as interrelações e interconexões, em totalidade, entre Planeta Terra (corpo do Meio Ambiente, entendido como espaço de junção da Natureza+Cidade, ou seja, de intervenções humanas) e ser humano (sempre sexuado, considerado em sua inteireza e de maneira integral, e em suas dimensões – sociais, culturais, históricas, etc). Ressalta-se que as relações não são dadas, nós seres humanos que fazemos as relações e estabelecemos as interfaces, e este é um processo permanente como indicado pelo pensamento paulofreireano.

A partir da decisão de utilizar Paulo Freire como autor base para análise de dados pesquisando em seu pensamento, com o apoio dos direitos ambientais e sexuais, contribuições aos estudos sobre Meio Ambiente e ser humano (mais dimensão Sexualidade), e interfaces, busquei, em um segundo momento, as palavras-chave ‘Paulo Freire’, ‘Sexualidade’, ‘Educação Sexual’, ‘Educação Sexual Emancipatória’ e ‘Direitos Sexuais’, para melhor compreender os estudos produzidos sobre o tema Sexualidade relacionados ao autor. Acho importante aqui ressaltar que esta busca também foi essencial para produção de um resumo para submissão e apresentação de comunicação oral²⁷ para o IV Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual – CISES que ocorreu em dezembro de 2017, bem como para execução de resumo expandido e apresentação de comunicação oral para o II Congresso Internacional Paulo Freire: O Legado Global que ocorreu em maio de 2018, da qual abordei o tema “Educação Sexual emancipatória à luz do pensamento de Paulo Freire por meio dos direitos sexuais como direitos humanos”.

Nesta busca continuei a pesquisa nos bancos de dados *Scielo* e BDTD, como já mencionado anteriormente, e incluí o site do Google Acadêmico por considerar que possui uma maior abrangência e rápida atualização do produzido sobre as palavras-chave, e também adicionei o site do Instituto Paulo Freire, denominado Centro de Referências Paulo Freire, no qual há somente pesquisas que envolvem o teórico e seguem sua filosofia maior. Por isso que não se faz necessário incluir o nome de Freire na busca neste site. Ressalto que este banco de dados não possibilita cruzamentos de dados entre duas ou mais palavras-chave. Também algumas filtragens e inserção de aspas, durante as buscas nos bancos de dados, foram necessárias para melhor entrelaçamento de informações como apontadas no quadro a seguir. As pesquisas foram realizadas em outubro de 2017, atualizadas no início do mês de fevereiro de 2018.

²⁷ WARKEN, A. D.; MELO, S. M. M.; MARTINS FILHO, L. J. **Paulo Freire e Educação Sexual Emancipatória: Estudo sobre Direitos Sexuais como Direitos Humanos a luz de categorias freirianas**. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/anais_completo.asp>. Acessado em fevereiro, 2018.

Quadro 2 - Resultados das pesquisas sobre Paulo Freire e tema Sexualidade

| Palavras-chave | Bancos de dados e filtragem | | | |
|----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Scielo - Sem filtragem, com aspas nas palavras compostas | BDTD – Sem filtragem, com aspas nas palavras compostas | Google Acadêmico - Filtragem para páginas em qualquer idioma, com aspas nas palavras-chave, e não incluindo patentes e citações | Centro de Referências Paulo Freire - Sem filtragem, com aspas nas palavras compostas |
| | Resultados | | | |
| Paulo Freire e Sexualidade | 10 artigos | 93 itens | 12.100 resultados | 47 registros |
| Paulo Freire e Educação Sexual | 4 artigos | 13 itens | 2.280 resultados | Nenhum registro |
| Paulo Freire e Educação Sexual Emancipatória | Nenhum artigo foi encontrado | 2 itens | 73 resultados | Nenhum registro |
| Paulo Freire e Direitos sexuais | 2 artigos | Nenhum item foi encontrado | 795 resultados | 4 registros |
| Paulo Freire, Educação Sexual e Direitos Sexuais | 2 artigos | Nenhum item foi encontrado | 320 resultados | - |
| Paulo Freire, Educação Sexual Emancipatória e Direitos Sexuais | Nenhum item foi encontrado | Nenhum item foi encontrado | 43 resultados | - |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os resultados nos quatro importantes bancos de dados nos mostraram que pouco foi produzido sobre Paulo Freire e Educação Sexual, principalmente sob a vertente Emancipatória e os Direitos Sexuais. Vale registrar que a opção por inserir a vertente Educação Sexual Emancipatória como palavra-chave se deu por eu integrar o Grupo de Pesquisa EDUSEX, que estuda sobre a vertente, e desejar obter maior conhecimento do produzido sobre o assunto atrelado à Paulo Freire.

Em um terceiro momento de busca foi pesquisado sobre ‘Paulo Freire’, ‘Meio Ambiente’, ‘Educação Ambiental’, ‘Educação Ambiental Crítica-Transformadora’ e ‘Direitos Ambientais’. As buscas foram realizadas em novembro de 2017 e atualizadas no início do mês de fevereiro de 2018, seguindo a mesma ideia de pesquisa sobre o tema Sexualidade para

melhor cruzamento de dados em momento posterior. Os resultados podem ser visualizados no quadro abaixo.

Quadro 3 - Resultados das pesquisas sobre Paulo Freire e tema Meio Ambiente

| Palavras-chave | Bancos de dados e filtragem | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| | <i>Scielo</i> - Sem filtragem, com aspas nas palavras compostas | BDTD - Sem filtragem, com aspas nas palavras compostas | Google Acadêmico - Filtragem para páginas em qualquer idioma, com aspas nas palavras-chave, e não incluindo patentes e citações | Centro de Referências Paulo Freire - Sem filtragem, com aspas nas palavras compostas |
| Resultados | | | | |
| Paulo Freire e Meio Ambiente | 3 artigos | 125 itens | 27.700 resultados | 112 registros |
| Paulo Freire e Educação Ambiental | 7 artigos | 83 itens | 1 resultado | 1 registro |
| Paulo Freire e Educação Ambiental Crítica-Transformadora | 1 artigo | 1 item | 177 resultados | Nenhum registro |
| Paulo Freire e Direitos Ambientais | Nenhum artigo foi encontrado | 1 item | 217 resultados | 1 registro |
| Paulo Freire, Educação Ambiental e Direitos Ambientais | Nenhum artigo foi encontrado | 1 item | 161 resultados | - |
| Paulo Freire, Educação Ambiental Crítica-Transformadora e Direitos Ambientais | Nenhum artigo foi encontrado | Nenhum item foi encontrado | 3 resultados | - |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Entrelaçando os dados sobre as palavras-chave relacionadas à Meio Ambiente e Sexualidade atrelados à Paulo Freire notou-se um número um pouco maior de estudos voltados as temáticas ambientais e o teórico, do que as temáticas de Sexualidade. A busca pela palavra-chave Educação Ambiental Crítica-Transformadora se deu pelo conhecimento desta vertente nos estudos de Carvalho (2004), Loureiro (2004), e Torres, Ferrari e Maestrelli (2014) que

incluem o pensamento paulofreireano como filosofia e/ou metodologia de trabalho, da qual tomei conhecimento pela leitura do livro “Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire”.

Agregando às buscas realizadas em três momentos diferenciados no processo de pesquisa e escrita desta dissertação, foi realizada, em fevereiro de 2018, no banco de dados Centro de Referências Paulo Freire duas pesquisas com as categorias iniciais: ‘Ser humano’ e ‘Totalidade’. Para ‘Totalidade’ houveram 135 resultados que em uma análise preliminar vão ao encontro do pesquisado nesta dissertação com palavras-chave como: educação emancipadora; direitos humanos e educação; pedagogia da sustentabilidade, educação integral; educação ambiental. Já para ‘Ser humano’ obteve-se 164 resultados, e também com uma análise preliminar, houveram palavras-chave congruentes a este estudo: cidadania planetária; ecopedagogia; sustentabilidade na escola.

Deste modo, com as buscas sistemáticas realizadas nos diferentes processos de levantamento de pesquisas e produções, as categorias definitivas desta dissertação, que brotaram das movimentações, são: Totalidade, Inteiraça, Meio Ambiente e Sexualidade, Pensamento paulofreireano, e Direitos humanos.

Assim, trago os resultados das buscas que ocorreram, em um quarto momento, nos mesmos bancos de dados já citados, em meados do mês de fevereiro de 2018, com as categorias acima indicadas e seus cruzamentos, como pode ser observado no quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - Resultados das pesquisas com as categorias da dissertação

| Categorias e cruzamentos | Bancos de dados e filtragem | | | | |
|---------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| | Scielo - Sem filtragem – com aspas nas palavras compostas | BDTD – Sem filtragem – com aspas nas palavras compostas | Google Acadêmico - Filtragem para páginas em qualquer idioma, com aspas nas palavras compostas, e não incluindo patentes e citações | Centro de Referências Paulo Freire – com aspas nas palavras compostas | TEDE UDESC – com aspas nas palavras compostas |
| Resultados | | | | | |
| Totalidade | 954 itens | 73.629 itens | 349.000 resultados | 135 itens | 16 itens |
| Inteira | 6 itens | 11.090 itens | 18.400 resultados | 13 itens | 0 itens |
| Meio Ambiente e Sexualidade | 0 itens | 5 itens | 34 resultados | 0 itens | 0 itens |
| Pensamento paulofreireano | 0 itens | 0 itens | 11 resultados | 0 itens | 0 itens |
| Direitos humanos | 1.373 itens | 4.127 itens | 452.000 resultados | 98 itens | 3 itens |
| Totalidade + Meio Ambiente e Sexualidade | 0 itens | 3 itens | 14 resultados | - | - |
| Totalidade + Pensamento paulofreireano | 0 itens | 0 itens | 7 resultados | - | - |
| Totalidade + Direitos humanos | 3 itens | 322 itens | 62.600 resultados | - | - |
| Totalidade + inteira | 1 item | 4.925 itens | 9.830 resultados | - | - |
| Inteira + Meio Ambiente e Sexualidade | 0 itens | 1 item | 2 resultados | - | - |
| Inteira + Pensamento paulofreireano | 0 itens | 0 itens | 0 itens | - | - |
| Inteira + Direitos humanos | 0 itens | 136 itens | 3.580 resultados | - | - |
| Meio Ambiente e Sexualidade + Pensamento paulofreireano | 0 itens | 0 itens | 0 itens | - | - |

| | | | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------|---------------|---|---|
| Meio Ambiente e Sexualidade + Direitos humanos | 0 itens | 1 item | 13 resultados | - | - |
| Pensamento paulofreireano + Direitos humanos | 0 itens | 0 itens | 5 resultados | - | - |
| Totalidade + Meio Ambiente e Sexualidade + Pensamento paulofreireano | 0 itens | 0 itens | 0 itens | - | - |
| Totalidade + Meio Ambiente e Sexualidade + Direitos humanos | 0 itens | 1 item | 7 resultados | - | - |
| Inteireza + Meio Ambiente e Sexualidade + Pensamento paulofreireano | 0 itens | 0 itens | 0 itens | - | - |
| Inteireza + Meio Ambiente e Sexualidade + Direitos humanos | 0 itens | 0 itens | 2 resultados | - | - |
| Meio Ambiente e Sexualidade + Pensamento paulofreireano + Direitos humanos | 0 itens | 0 itens | 0 itens | - | - |
| Totalidade + Pensamento paulofreireano + Direitos humanos | 0 itens | 0 itens | 3 resultados | - | - |
| Totalidade + Inteireza + Meio Ambiente e Sexualidade + Pensamento paulofreireano + Direitos humanos | 0 itens | 0 itens | 0 itens | - | - |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Após o conhecimento quantitativo, resultado das buscas pelas categorias e seus cruzamentos, realizei a análise dos materiais produzidos que tinham afinidade com as abordagens conceituais traçadas nesta dissertação. Nos bancos de dados *Scielo* e BDTD, apliquei a filtragem para área de conhecimento “Ciências Humanas Educação”, fiz a leitura de cada título procurando pelas similaridades com este estudo, e aqueles que indicaram

potencialidades para contribuições, realizei a leitura do resumo e o salvei em meus arquivos pessoais para utilização nos índices para embasamentos teóricos e/ou reflexões sobre os temas. Nos bancos de dados Centro de Referências Paulo Freire e TEDE UDESC busquei afinidades pela leitura dos títulos e salvei os trabalhos com possível contribuição a este estudo. Já no Google Acadêmico apliquei o filtro de classificação de publicações por relevância e para páginas em português, e fiz a leitura dos itens até paginação 15, considerando ser uma filtragem considerável para obtenção de referências válidas e agregadoras à esta dissertação.

No quadro 5, a seguir, apresento a organização dos dados obtidos com o registro das referências que demonstraram maior afinidade com a perspectiva buscada para este estudo e contribuíram para o mote teórico e reflexões desta dissertação, fornecendo melhor entendimento sobre as categorias.

Quadro 5 - Escolhas materiais para contribuição ao embasamento teórico e reflexões da dissertação

| Categoria | Banco de dados | Referência |
|------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Totalidade | BDTD | GOMES, Maria Regina Candelária. Uma crítica da epistemologia da prática com base na categoria de totalidade . 2009. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2009. |
| Totalidade | BDTD | MATOS, Nailton Santos de. Dyonelio Machado e a literatura do oprimido: vantagem epistemológica e possibilidade de transcendência . 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2013. |
| Totalidade | BDTD | GOMES, Andréa Regina de Carvalho. A dialética da sexualidade e da educação sexual na formação de docentes . 2016. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016. |
| Totalidade | Centro de Referência Paulo Freire | ANTUNES, Ângela. Leitura do mundo No contexto da planetarização. Por uma Pedagogia da Sustentabilidade . 2002. 287f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. |
| Totalidade | Centro de Referência Paulo Freire | PADILHA, Paulo Roberto. Educar em Todos os Cantos: Reflexões e Canções por uma Educação Intertranscultural — São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007. |
| Totalidade | Centro de Referência Paulo Freire | PADILHA, Paulo Roberto; et al. Educação para a Cidadania Planetária: currículo intertransdisciplinar em Osasco - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. |

| | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Totalidade | Google Acadêmico | LOUREIRO, Carlos Frederico B.; VIEGAS, Aline. Princípios normativos da educação ambiental no Brasil: abordando os conceitos de totalidade e de práxis. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 8, n. 1 – p. 11-23, 2013. |
| Totalidade | Google Acadêmico | GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da Educação. São Paulo em Perspectiva. vol.14 n°2 São Paulo, Abr./Jun, 2000. |
| Totalidade | Google Acadêmico | CARVALHO, Edmilson. A totalidade como categoria central na dialética marxista. p.177- 193. Revista Outubro, nº 15, 1º semestre, 2007. |
| Inteireza | BDTD | ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de. A inteireza do ser: uma perspectiva transdisciplinar na autoformação de educadores. 2011. 213 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre, 2011. |
| Inteireza | Centro de Referência Paulo Freire | GADOTTI, Moacir (org). 40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008 — (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 1) |
| Inteireza | Google Acadêmico | CREMA, Roberto. Cuidar da paz. In: MAGALHÃES, Dulce (org). A Paz como Caminho. Florianópolis: Qualitymark editora, 2006. |
| Inteireza | Google Acadêmico | POZATTI, Mauro Luiz. Educação para a Inteireza do Ser- Uma caminhada. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2012. |
| Meio Ambiente e Sexualidade | BDTD | PARRILHA, Marlene Bíscolo. Temas transversais: um estudo sobre as representações sociais de docentes. 2015. 169f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano). Universidade de Taubaté. Taubaté, São Paulo, 2015. |
| Meio Ambiente e Sexualidade | Google Acadêmico | SILVA, Clemildo Anacleto da (org.). Desafios ético-educacionais à emancipação humana. Os valores éticos e o exercício da prática cidadã. Porto Alegre: EdiPUCRS e Editora Universitária Metodista IPA, 2014. |
| Pensamento paulofreireano | Google Acadêmico | LIMA, José Gllauco Smith Avelino de. Paulo Freire e a pedagogia do oprimido: afinidades pós-coloniais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. |
| Direitos humanos | Centro de Referência Paulo Freire | PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira; MORAES Célio Vanderlei (org.). Educação, participação política e direitos humanos - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. |
| Direitos humanos | Centro de Referência Paulo Freire | GADOTTI, Moacir. A Carta da Terra na educação -São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. -- (Cidadania planetária; 3) |
| Direitos humanos | Centro de Referência Paulo Freire | TOMCHINSKY, Julia. Sementes de primavera: cidadania planetária desde a infância. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011. |

| | | |
|------------------|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Direitos humanos | Google Acadêmico | SILVA, Flavia Martins André da. Direitos Fundamentais . Direitonet (artigo) 2006. Disponível em: http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2627/Direitos-Fundamentais . |
| Direitos humanos | Google Acadêmico | TELES, Maria Amélia de Almeida. O que são direitos humanos das mulheres . São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. |
| Direitos humanos | Google Acadêmico | TRINDADE, Antônio Augusto Cançado; LEAL, César (coord.) Direitos Ambiente e Humanos . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017. |
| Direitos humanos | Google Acadêmico | MAZZUOLI, Valério de Oliveira. A proteção internacional dos direitos humanos e o direito internacional do meio ambiente . p.159-186. Revista do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, da FUNDINOPI / Centro de Pesquisa e Pós-Graduação (CPEPG), Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação (CONPESQ), Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro. n. 9 (julho-dezembro) – Jacarezinho, 2008. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Ressalto que nos resultados da categoria ‘Meio Ambiente e Sexualidade’, no banco de dados Google Acadêmico, as poucas produções ainda se referem a estes como temas transversais trabalhados somente na disciplina de Ciências e sem realizar uma interconexão entre as temáticas. Dentro destes resultados; e também da junção de ‘Meio Ambiente e Sexualidade + Totalidade’, ‘Meio Ambiente e Sexualidade + Inteireza’, ‘Meio Ambiente e Sexualidade + Direitos humanos’, ‘Totalidade, Meio Ambiente e Sexualidade + Direitos humanos’, e ‘Inteireza, Meio Ambiente e Sexualidade + Direitos humanos’ apareceram minhas produções da graduação em Pedagogia (WARKEN, 2013) e da especialização em Gênero e Diversidade na Escola (WARKEN, 2016), as quais trago durante a dissertação para continuidade aos meus estudos e ampliação do embasamento teórico.

A busca sistemática final indicou que muito pouco se é pesquisado sobre Meio Ambiente e Sexualidade, sob a perspectiva da totalidade e inteireza, refletindo sobre as contribuições do pensamento paulofreireano, atrelado aos direitos humanos. Deste modo, por meio das buscas e resultados apresentados, justifica-se a produção deste estudo por inovar em diversos pontos pensando em contribuições para as Ciências da Educação.

Um dos diferenciais desta dissertação é a união entre as temáticas Meio Ambiente e a dimensão humana da Sexualidade, ambas em totalidade, da qual e sobre as quais muito pouco se produz. Os temas Meio Ambiente e Sexualidade são mencionados como transversais ao currículo, porém efetivamente não se encontram pesquisas e produções sobre seus entrelaçamentos. Assim, um dos enfoques desta dissertação se deu pela pesquisa e valorização

da dimensão ambiental e sexual do ser humano, por perceber que estas ainda se caracterizam como temas sensíveis à reflexão e diálogo, e trouxe, neste estudo, como proposta que: quando o ser humano ter a consciência e o sentimento de pertencimento com o Meio Ambiente e de cuidado para *consigo, com o(s) outro(s) e com o Planeta Terra* ocorrerá a sensibilização com ações para a sustentabilidade, sob a máxima de uma *práxis* coerente, crítica e amorosa como indica o pensamento paulofreireano.

Paulo Freire nos convida em suas obras a reinventá-lo. Esta dissertação ousou tal ato, principalmente por buscar, em algumas de suas produções, contribuições ao conhecimento da interconexão entre Planeta Terra e ser humano, na valorização da dimensão Sexualidade, por meio dos direitos ambientais e sexuais, fornecendo pistas para ações de sustentabilidade, pensando esta sustentabilidade também como direito humano para as atuais e futuras gerações.

Definir Paulo Freire como cúmplice teórico central e autor-base para análise de dados, como nesta dissertação, também é agregar na valorização dos teóricos brasileiros que nos auxiliam a pensar por uma educação libertária, pela cidadania e em uma sociedade mais igualitária e pacífica.

As produções do Grupo de Pesquisa EDUSEX foram essenciais para este processo já que Freire é um dos autores cúmplices da nossa caminhada, com o qual pretendo contribuir com o Grupo, o PPGE/UEDESC e as Ciências da Educação com essa dissertação que valoriza a inteireza do Ser, principalmente estudando sobre as dimensões ambiental e sexual, sob o pensamento paulofreireano, refletindo sobre uma Educação para o Ser integral sob o viés da emancipação.

1.3 APRESENTANDO MEUS CÚMPLICES TEÓRICOS PARA ESTA CAMINHADA

Tendo Paulo Freire como cúmplice teórico central, apresento agora os teóricos que, ao meu ver, são complementares ao pensamento paulofreireano, fornecendo assim maior embasamento para a construção do mote teórico e ampliação das fundamentações sobre Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces, na perspectiva de totalidade, bem como dos direitos ambientais e sexuais como direitos humanos. Indico, então, as visões de mundo que me foram fundamentais para as reflexões nesta dissertação, fornecendo-me uma base teórica para os momentos de análises documentais e dos dados obtidos neste estudo.

Compreendendo o processo histórico de dualidade e perspectiva dicotômica de origem do modelo racionalista e mecanicista, Meio Ambiente é dividido em natureza *versus* cidade, ou

seja, aquele meio natural com mato, florestas e bichos *versus* as intervenções de um ambiente pelos seres humanos. Para desmistificar isto, muito se usa a explicação, quando se conceitua Meio Ambiente, que não há ‘meio’ ambiente, há somente ambiente inteiro. Assim, como caminho na perspectiva de totalidade do tema me pautei na ótica de Neves e Tostes (1992) quando conceituam:

Meio Ambiente é tudo o que tem a ver com a vida de um ser ou de um grupo de seres vivos. Tudo o que tem a ver com a vida, sua manutenção e reprodução. Nesta definição estão: os elementos físicos (a terra, o ar, a água), o clima, os elementos vivos (as plantas, os animais, os homens), elementos culturais (os hábitos, os costumes, o saber, a história de cada grupo, de cada comunidade) e a maneira como estes elementos são tratados pela sociedade. Ou seja, como as atividades humanas interferem com estes elementos. Compõem também o meio ambiente as interações destes elementos entre si, e entre eles e as atividades humanas. Assim entendido, **o meio ambiente não diz respeito apenas ao meio natural, mas também às vilas, cidades, todo o ambiente construído pelo homem** (NEVES; TOSTES, 1992, p. 17 *apud* ABRAMA, 2012, p. *online* - grifos nossos).

Explicitando que Meio Ambiente é mais que meio físico e biológico, sendo também estabelecido nas relações humanas (sociais, econômicas, históricas e culturais), o caderno de temas transversais sobre Meio Ambiente, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) diz que:

A vida cresceu e se desenvolveu na Terra como uma trama, uma grande rede de **seres interligados, interdependentes**. Essa rede entrelaça de modo intenso e envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos. Para cada ser vivo que habita o planeta existe um espaço ao seu redor com todos os outros elementos e seres vivos que com ele interagem, por meio de relações de troca de energia: **esse conjunto de elementos, seres e relações constitui o seu meio ambiente**. Explicado dessa forma, pode parecer que, ao se tratar de meio ambiente, se está falando somente de aspectos físicos e biológicos. Ao contrário, o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — **relações sociais, econômicas e culturais** — também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental. Ao longo da história, o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas, **modos de comunicação com a natureza e com os outros**. Mas é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar **decisões adequadas** a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental (BRASIL, 1997, p. 27 – grifos nossos).

Ambos os conceitos sobre o tema Meio Ambiente estão em afinidade com o documento Carta da Terra refletindo as integrações entre os seres humanos e Planeta Terra. Também sob uma percepção de totalidade do Planeta Terra está a conceituação de Gaia proposta por James Lovelock, um ecologista, na década de 70, indicando que Gaia é a Terra viva, onde todo organismo vivo que a habita pode ser entendido como um componente de uma entidade única que regula o ambiente do Planeta. Compreendo que esta relação de simbiose brota também em visões de mundo como filosofias de pilar que ‘Somos todos Um’ ou como aponta Gadotti:

Vivemos num planeta e não num globo. O globo refere-se à sua superfície, a suas divisões geográficas, a seus paralelos e meridianos. O globo refere-se a aspectos cartoriais, enquanto o planeta, ao contrário dessa visão linear, refere-se a uma totalidade em movimento. A Terra é um superorganismo vivo e em evolução. Nosso destino, enquanto seres humanos, está ligado ao destino desse ser chamado Terra (GADOTTI, 2008, p. 108).

Entendendo que o enfoque por uma perspectiva dicotômica/dualista da Vida gera a crise posta, onde o ser humano explora o Meio Ambiente e compreende-se como dominador na cadeia da sobrevivência, não percebendo os crimes de alcance global e o suicídio iminente. Sobre a sociedade atual, Ceccon (2014) diz que

(...) consumir é o lema. A obsolescência programada é um fato com o qual convivemos passivamente, ou seja, produtos têm sua vida útil intencionalmente curta, para que novos modelos sejam adquiridos. Como resultado temos o esgotamento de recursos naturais sendo acelerado, solos, água e ar sendo contaminados mais rapidamente, depósitos de rejeitos se multiplicam, uma grande parcela da população se endivida e, em contrapartida, uma minoria torna-se cada vez mais rica (CECCON, 2014, p.2).

Pensando sobre tudo isso, entendendo que o ser humano é um Ser necessariamente de dimensão ambiental, dimensão esta que perpassa suas relações com o coletivo e com seu meio, vamos ampliando uma nova compreensão sobre o ser humano como indivíduo e suas subjetividades e dimensões únicas e de diversidades, como a Sexualidade, valorizando sua inteireza.

Parto assim do entendimento de Sexualidade como dimensão indissociável do humano a partir de Melo; et al (2011), sob a máxima de que “(...) somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de educação sexual” (MELO; et al, 2011, p.20). Esta perspectiva está em consonância com a Declaração dos Direitos Sexuais, assim como a indicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), quando trazem no caderno sobre Sexualidade que:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a **busca do prazer**, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, **a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento.** Além disso, sendo **a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.** Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Antropologia, História, Economia, Sociologia, Biologia, Medicina, Psicologia e outras mais. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (BRASIL, 1998, p.81 – grifos nossos).

Fica evidente também nesta conceituação a Sexualidade como dimensão do ser humano, expressa em singularidades ao longo da vida e marcada pela influência de tempo e local vivenciados.

Nos processos de constituição do patriarcado, evidencia-se a criação de tabus, mitos e receios expressos até hoje nos padrões ainda estabelecidos que geram imensos desrespeitos às diversidades de Ser e ao expressar da Sexualidade. Sob a perspectiva de dualidade, o ser humano se fragmenta em corpo e mente, ou corpo e alma e, quando se diz respeito à Sexualidade, o dual é notado na visão de “sexo animal” *versus* “com amor”, ou para sobrevivência da espécie *versus* obtenção de prazer, justificando apenas os atos racionais ou instintivos, por exemplo. Atualmente, conceitua-se e considera-se a Sexualidade sob diversos âmbitos:

- Nosso sexo biológico,
- O gênero com o qual nos identificamos (identidade de gênero),
- Por quem sentimos afeto e/ou atração (orientação sexual) e
- Como nos expressamos na sociedade ao agir ou nos vestir, por exemplo (expressão ou papel de gênero).

Essas pontuações são ricas quando as olhamos como possibilidades de conhecimento, reconhecimento e luta pelas diversidades de Ser. Entretanto, ainda muito se rotulam e se enquadram “em gavetas” as diversas vivências humanas, expressas numa visão de dualismo redutor. O entendimento de ser humano, sempre sexuado, em sua inteireza e tendo a diversidade como riqueza humana são as bases teóricas que segui neste estudo partindo, essencialmente, dos conhecimentos de Melo (2004) e Melo; et al (2011).

Paulo Freire disse que “a sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo” (FREIRE *in* RIBEIRO, 1993, p.12). O teórico, certa vez também disse que se percebia como “um homem para quem a sexualidade não apenas existe, mas é importante, fundamental” (CORTELLA; VENCESLAU, 1992, p. *online*) e afirmou que sua Sexualidade tinha a ver com seu amor à vida. Em comunhão com este amor à Vida, Paulo Freire, em “Pedagogia da Indignação” disse que:

(...) urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de carácter radical, crítico ou libertador (FREIRE, 2000, p.67).

Estes apontamentos me fortaleceram na **unificação de Meio Ambiente e Sexualidade como categoria** pautando-me na perspectiva dos teóricos até aqui indicados e suas compreensões de totalidade do Meio Ambiente e da inteireza do ser humano, em interconexões.

Para complementar este olhar, busquei em Abbagnano em seu “Dicionário de Filosofia” a definição de totalidade que para o teórico significa o “todo completo em suas partes e perfeito em sua ordem (...) Mesmo nas línguas modernas, a noção de totalidade conservou a característica da completude e de disposição perfeita das partes” (ABBAGNANO, 2007, p.974).

Na perspectiva do materialismo histórico dialético, paradigma que segui nesta dissertação, pautei-me no artigo esclarecedor de Carvalho (2007) que fala sobre “A totalidade como categoria central da dialética marxista” e traz uma fala de Lukács explicando que

A categoria de totalidade significa (...), de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas (LUKÁCS, 1967, p.240 *apud* CARVALHO, 2007, p.179)

Neste sentido, Paulo Freire indica em suas obras, aqui expressas nas sete que foram analisadas, a importância do conhecimento da totalidade da realidade e de considerar todas as dimensões humanas abarcando o Ser por inteiro.

Sob estes entendimentos, compreendo assim que ser humano e Planeta Terra estão interligados, em suas totalidades, formando o todo composto por interações diversas na produção de Vida. Agrego, deste modo, a perspectiva holística (“holos”, do grego, significa “todo”, “totalidade”) que tem como princípio a totalidade, a interligação e a inteireza do Ser, e entende a relação ser humano, sexuado, e Planeta Terra de maneira Una (unidade, unificadora). O criador do termo holismo foi o filósofo Jan Smuts, em seu livro “Holismo e Evolução”, de 1926 (NASCIMENTO; SOUZA, 2014. CREMA, 2015). A perspectiva holística pretende transcender a mutilação do conhecimento e de compartimentalização da ação humana pela abordagem da transdisciplinaridade (que já foi categoria em meus estudos anteriores) fundamentada pelo físico Basarab Nicolescu, acreditando num retorno evolutivo à visão orgânica da Vida, bem como da renovação dos valores humanos fundamentais (NASCIMENTO; SOUZA, 2014. CREMA, 2015).

Inspirada nestas concepções defino **totalidade como uma categoria ‘guarda-chuva’ que envolve a interligação Meio Ambiente e Sexualidade, logo suas interfaces, estabelecendo a relação ser humano e Planeta Terra sempre em interconexão.** Sob a compreensão da totalidade de Meio Ambiente em simbiose com os seres humanos, sempre sexuados, brota a perspectiva de valorização do Ser por inteiro, em todas suas dimensões. Pensando na integralidade das dimensões humanas, pautei-me na **categoria inteireza para expressar este pensamento de valorização das subjetividades e diversidades do Ser.**

Refletindo sobre a categoria inteireza, apoio-me em Pozatti (2012) e seu entendimento desta como união das dimensões humanas, constituindo o Ser por inteiro. O autor expressa sua compreensão de inteireza quando explica sobre seus estudos em sua tese:

(...) desenvolvi na tese uma proposta de busca da inteireza do Ser através de ações de educação e saúde para o ser humano. Para isso foi necessário significar o ser humano como um ser integral, constituído de aspectos físicos, psíquicos, sociais, culturais, ambientais e espirituais, que se desenvolve de uma forma espiralática, tanto individual quanto coletivamente, passando por diferentes fases conscienciais. Em cada uma destas fases ele é inteiro e conectado com todas as dimensões da Totalidade, mesmo que não as perceba usualmente (POZATTI, 2012, p. 150).

Em consonância com esta perspectiva, Paulo Freire, em “A sombra desta mangueira”, fala acerca das críticas científicas sobre sua linguagem afetiva ao escrever, e anuncia: “Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também” (FREIRE, 1995, p.18).

Neste sentido, Celia Linhares reflete sobre a inteireza de Paulo Freire em “40 olhares sobre os 40 anos de Pedagogia do Oprimido”:

Falar de Paulo Freire e de sua trajetória de andarilho da esperança, como tão acertadamente foi nomeado por suas andanças revolucionárias, é pensar em um ser humano em sua inteireza, embora incompleto, inconcluso e inacabado como ele próprio nos ensinou a nos ver. E o que significa a inteireza a que me refiro? É a inteireza de ser individual e coletivo a todo tempo e em todo lugar; é a inteireza de perseguir seus princípios e propostas com a mesma determinação durante toda a sua vida; é a inteireza de adotar uma postura do mestre que entende que todos, absolutamente todos, merecem sempre respostas, ainda que inconclusas e sempre provisórias, às suas indagações; é a inteireza de pôr em prática, ainda que o desafio seja maior do que se pode enfrentar, os seus projetos, os seus sonhos e esperanças (LINHARES *in* GADOTTI, 2008, p.24).

Nota-se, assim, que o pensamento paulofreireano é pautado em uma visão de mundo que abarca a amorosidade, a autonomia, a criticidade, a dialogicidade, a luta pelos direitos humanos e, por uma educação libertadora, a integração respeitosa com o Meio Ambiente e a valorização da inteireza (aí incluída a dimensão Sexualidade). Tais ideais vão ao encontro dos objetivos dessa dissertação que buscou no pensamento de Paulo Freire caminhos de compreensão sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, para vivência de um novo paradigma educacional, social e cultural expresso em ações de sustentabilidade.

Scocuglia (1999) em sua obra sobre “A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise dos paradigmas” faz uma breve e relevante biografia de Freire, demonstrando-nos a importância de pesquisar sobre este homem apaixonado pela Educação:

Paulo Freire (1921-1997) foi um pernambucano, advogado de formação, católico “progressista” e, hoje, cidadão do mundo, que dedicou mais de cinquenta anos da sua vida a combater pela educação dos excluídos da educação sistemática, contra a educação feita, exclusivamente, para os setores médios e de elite da população brasileira. Realizou uma vasta obra, composta por vinte e cinco livros, além de textos, artigos, seminários, conferências, etc. Influenciou grande número de pesquisadores em todo o mundo, constando catalogadas mais de 6.000 publicações que têm as suas ideias e a prática delas, como referência direta (SCOCUGLIA, 1999, p.6).

Assim, pesquisar e estudar sobre Paulo Freire com o olhar atento de suas percepções sobre Meio Ambiente e Sexualidade, (me) auxilia na apropriação de seus ensinamentos para uma transformação de mundo, *para e com* o(s) outro(s).

No artigo “Paulo Freire e as novas tendências da Educação”, Campos (2007) assinala que o pensamento paulofreireano auxiliou nas inovações que podem/poderão impactar a configuração da escola brasileira. Como o caso da definição de currículo como uma manifestação da cultura, que essencialmente interliga a história do indivíduo com a história da sociedade. Exemplifica, ainda que os conceitos emergentes como Multiculturalismo, Transversalidade, Interdisciplinaridade e Alquimia do conhecimento são comuns às ideias de Freire. Estando estes conceitos em consonância de Meio Ambiente e Sexualidade como temas transversais previstos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Complementando o indicado, Moacir Gadotti nos faz refletir, no prefácio da obra de Scocuglia (1999), o quanto as produções de Paulo Freire estão em afinidade com os temas Meio Ambiente e Sexualidade, quando diz que

Freire situava-se, ele próprio, numa certa ‘pós-modernidade progressista’, em particular, pelos temas que desenvolveu nas suas últimas obras: **a questão de gênero, a questão étnica, a questão ecológica, com novas temáticas que ele ia incorporando ao seu pensamento político-pedagógico** (GADOTTI *in* SCOCUGLIA, 1999, p.5 – grifo nosso).

O próprio Moacir Gadotti se pauta no pensamento paulofreireano em seus escritos sobre ecopedagogia, cidadania planetária e sustentabilidade. Atenta-se também ao fato de que “Paulo Freire é uma das referências mais citadas nas propostas curriculares escolares e nas publicações brasileiras sobre Educação Ambiental” (LAYRARGUES *in* LOUREIRO, 2004, p.10).

Nesta consonância, as teóricas Vale, Jorge e Benedetti (2005) indicam que o pensamento paulofreireano sempre esteve em sintonia com o tema Meio Ambiente, onde

A questão ecológica, entendida como uma postura fundada na noção da sustentabilidade e do cuidado, sempre esteve presente nas obras de Paulo Freire. Em seus últimos trabalhos, Freire deu atenção especial a esse tema, explicitando mais enfaticamente a sua visão sobre ele. Um dos projetos de Paulo Freire era sistematizar, em uma obra, as relações entre a Pedagogia e a Ecologia. Em 1998, um grande amigo de Freire, Francisco Gutiérrez, educador costarriquenho, inspirado no ideário e nos princípios freireanos, escreve a obra ‘Ecopedagogia e cidadania planetária’, uma pedagogia do fazer humano sustentável que incorpora as múltiplas dimensões da vida (VALE; JORGE; BENEDETTI, 2005, p.56).

Francisco Gutiérrez, mencionado na citação acima, falou sobre a dimensão humana de Paulo Freire entendendo que nosso patrono da Educação “sensível navegava com um interesse especial e muita desenvoltura na dimensão holística e no equilíbrio harmônico, na consciência planetária e na espiritualidade do novo paradigma científico” (GUTIÉRREZ *in* TORRES; et al, 2008, p.58). O amigo de Paulo Freire fala que esta sensibilidade do teórico já sinalizava o caminho para o próximo milênio e que nós devemos estar abertos e atentos para encontrar sentido nos novos caminhos que são necessários percorrer, principalmente de mudança paradigmática pensando a proteção do Planeta Terra e de nós mesmos.

Neste sentido, Ceccon (2014) indica que a Educação pautada no pensamento paulofreireano é caminho para consciência e sentimento de pertencimento do ser humano com Meio Ambiente, pois a educação como prática de liberdade propõe reflexão do ser humano e sua relação com o mundo.

Assim, a visão de mundo paulofreireana foi inspiração para esta dissertação por elevar princípios como o de problematização, por indicar a possibilidade de enfrentamento e superação da opressão e controle, e por refletir sobre processos intencionais com perspectiva de transformação.

Deste modo, encontrei nos teóricos mencionados acima o fortalecimento da compreensão do **pensamento paulofreireano** (neste estudo também considerado uma categoria) no que abarca as questões relacionadas à Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, fazendo-me entender, ainda mais, as categorias fundantes de Paulo Freire para as convergências com as categorias traçadas nesta dissertação, bem como para refletir sobre os indicadores de categorias frutos do diálogo entre sete obras de Paulo Freire cotejadas à Carta da Terra e à Declaração dos Direitos Sexuais.

Pautei-me então, sob à luz dos **direitos humanos**, para realizar conexões com o pensamento paulofreireano, em documentos que expressam os direitos ambientais, por meio da Carta da Terra, e os direitos sexuais, por meio da Declaração dos Direitos Sexuais, pois estão em consonância com que diz a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948):

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (...). Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal (ONU, 1948, p.1).

Sendo assim, neste estudo, parto da concepção de direitos humanos como caminho para emancipação e de vínculo com a vivência plena da cidadania, sendo marcos para reflexões

éticas e políticas na vida em sociedade, e nesta consonância me encontro com o pensamento de Paulo Freire e sua compreensão da reivindicação e da luta pelos direitos humanos refletindo em uma sociedade mais crítica, igualitária e justa, e como caminho possível para isto o teórico sinaliza a educação libertadora pautada no diálogo, na problematização e na conscientização.

Entendendo a Carta da Terra como expressão máxima dos direitos ambientais, em perspectiva de totalidade do Meio Ambiente e de interconexão com os seres humanos, concordo com Gadotti quando diz que

A Carta da Terra é o equivalente à Declaração Universal dos Direitos Humanos, apropriada para os tempos atuais, constituindo-se num documento baseado na afirmação de princípios éticos e valores fundamentais que norteiam pessoas, nações, Estados, raças e culturas no que se refere à sustentabilidade. Parte integrante de um projeto social global de construção de uma sociedade com desenvolvimento econômico sustentado e justiça social, ela também não deixa de ser um processo global de formação e de capacitação: aprofunda a necessidade de participação, organização e codireção, para que os cidadãos e cidadãs possam intervir, local e globalmente, de modo criativo e transformador, a partir da realidade em que estão inseridos, para melhorar a qualidade de vida de todos (GADOTTI, 2010, p.19).

Nesta mesma consonância, adiciono à Carta da Terra a Declaração dos Direitos Sexuais, pensados como direitos humanos, que se pauta nos princípios de liberdade, igualdade, autonomia e de uma educação esclarecedora em um diálogo intencional da Sexualidade como inerente ao ser humano, compreendendo-o em sua totalidade.

Ressalto que Moacir Gadotti, amigo de Paulo Freire, trabalha no Instituto Paulo Freire e o tornou referência da Carta da Terra por meio de projetos, trabalhos e movimentos criando uma rede de diálogos de âmbito nacional e mundial. Gadotti conta, em “A Carta da Terra na Educação” (2010), que Paulo Freire foi convidado em 1997 para compor a Comissão Internacional da Carta da Terra, entretanto com seu falecimento o brasileiro indicado foi Leonardo Boff. Deste modo, o documento faz parte da história de Freire, bem como está em consonância com seu pensamento. E no que diz respeito à Declaração dos Direitos Sexuais foi observado sintonia com o pensamento paulofreireano pelas bases e princípios que aborda, como já citado.

Somando às reflexões de direitos humanos como categoria, Pini e Adriano (2011) nos fazem pensar sobre o cenário das reivindicações e luta pelos direitos humanos quando explicam que:

A dizimação em massa de seres humanos nas duas guerras mundiais – 1ª guerra mundial (1914-1918) e 2ª guerra mundial (1939-1945) –, o investimento desmedido na indústria bélica, o fortalecimento dos governos totalitaristas na Alemanha e na Itália, apoiados nos diversos continentes, o fortalecimento do Estado burguês e dos Estados Unidos rumo ao domínio total e absoluto do mundo, direcionam as construções teóricas, políticas, ideológicas e culturais do século 20, com posicionamento político que podem reforçar ou resistir aos processos colocados histórica e conjuntamente. É nesse cenário de contradições que os direitos humanos se inserem na agenda política e social na América Latina e no Brasil, sendo a educação a área privilegiada de reflexão sobre esta temática (PINI; ADRIANO *in* PINI; MORAES, 2011, p.18-19).

Deste modo, os diversos movimentos pelos direitos humanos vão dando voz e visibilidades aos oprimidos, indicados por Paulo Freire. Assim, refletindo sobre a vivência dos direitos ambientais e sexuais, ambos como direitos humanos, pensando nas contribuições para um mundo melhor para as atuais e próximas gerações, sob ações de sustentabilidade, tenho o mesmo sentimento de Pozatti quando fala da constituição de um novo mundo “em que se possa aprender a conviver, a amar a si mesmo e aos outros; que se possa conhecer e realizar um mundo de paz por sermos conscientes de nossa inteireza e de nossa conexão com a Totalidade” (POZATTI, 2012, p.150).

Para melhor visualização dos cúmplices teóricos e as categorias que contribuíram para as reflexões desta pesquisadora para produção desta dissertação, realizei o quadro a seguir.

Quadro 6 - Categorias e cúmplices teóricos da dissertação

| Categorias | Cúmplices teóricos em diálogo com Paulo Freire |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Totalidade e Inteireza | Abbagnano (2007), Nascimento e Souza (2014), Crema (2015), Carvalho (2007), Pozzati (2012) |
| Meio Ambiente e Sexualidade | Neves e Tostes (1992), Brasil - PCNs (1997 e 1998), Melo (2004), Melo; et al (2011), Gadotti (2008), Ceccon (2014) |
| Pensamento paulofreireano | Cortella e Venceslau (1992), Linhares <i>in</i> Gadotti (2008), Scocuglia (1999), Campos (2007), Gadotti <i>in</i> Scocuglia (1999), Layrargues <i>in</i> Loureiro (2004), Vale, Jorge e Benedetti (2005), Gutiérrez <i>in</i> Torres; et al (2008), Ceccon (2014) |
| Direitos humanos | ONU (1948), Gadotti (2010), Pini e Adriano <i>in</i> Pini e Moraes (2011) |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Desta maneira, compreendo que estes cúmplices teóricos sobre totalidade e inteireza, Meio Ambiente e Sexualidade, e direitos humanos iluminaram a minha compreensão sobre o pensamento paulofreireano no que abarca a relação ser humano e Planeta Terra, sempre em interconexão, e me foram fundamentais para os diálogos que busquei agregar às Ciências da Educação com esta dissertação. Diálogos esses que trilharam os caminhos metodológicos registrados no capítulo a seguir.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: “A ALEGRIA NÃO CHEGA APENAS NO ENCONTRO DO ACHADO, MAS FAZ PARTE DO PROCESSO DA BUSCA”

Neste capítulo sobre os “Caminhos Metodológicos” pontuo as trilhas escolhidas para dar mais segurança ao processo do projeto à dissertação, sendo coerente, principalmente, com o paradigma do materialismo histórico-dialético, base de minha investigação, conhecido por mim nas vivências com o Grupo de Pesquisa EDUSEX Formação de Educadores e Educação Sexual (CNPq/ UDESC), do qual faço parte desde o ingresso no mestrado PPGE/UDESC 2016/2. Abordo as características da pesquisa, a organização de dados, bem como a análise destes por meio de uma subdivisão em capítulos da análise dos sete livros de Paulo Freire cotejando-os com a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais. Por fim, traço os indicadores de categorias apresentando, assim, uma convergência entre os documentos analisados e o que agrega à fundamentação de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces.

Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* disse que “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (FREIRE, 2013, p.139). Sinalizo que esta alegria foi pilar fundamental para produção desta dissertação, principalmente porque Paulo Freire instiga muito com suas escritas a refletir sobre tantos assuntos que permeiam a Vida, mas o percurso de encontrar no pensamento paulofreireano as interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade foram altamente instigantes, especiais e de muita alegria.

2.1 PROCESSOS INICIAIS DA INVESTIGAÇÃO: CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA, COLETA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

Assinalando o ponto de partida do meu caminhar metodológico, defino a compreensão de Ciência e Conhecimento por meio de Teixeira (2014):

Etimologicamente, ciência significa saber, conhecer e, como conhecimento, é racional, sistemática, verificável e comunicável. Epistemologicamente, preocupa-se em analisar e revisar princípios, conceitos, teorias e métodos pertinentes à investigação científica. Assim sendo, ambos os conceitos dizem respeito mais precisamente à validade da ciência. Metodologicamente, é visualizada tanto como ciência processo como ciência produto. No que se refere à ciência produto, consiste em verificar como são formulados os problemas científicos e como as hipóteses são postas à prova. Enquanto ciência processo, consiste na maneira de operar através de atos sucessivos formalizados metodicamente, para a compreensão e explicação dos fatos e dados do universo. [...] assim, os objetivos da ciência são ainda determinados pela necessidade que o homem possui de compreender e controlar a natureza das coisas e do universo, compreendendo-as naquilo que elas encerram de evidente, certo e verdadeiro (TEIXEIRA, 2014, p. 90-91).

Sob este olhar de entender a natureza das coisas e do universo, tenho como cúmplice teórico, no percurso da metodologia, o autor Triviños (2012) que diz que as pesquisas em Ciências Sociais podem ter três enfoques ou paradigmas: positivismo, marxismo (materialismo histórico-dialético) e fenomenologia. O autor ainda nos indica que o materialismo dialético é a base filosófica do marxismo e o materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo, logo uma teoria do conhecimento que preza pela importância da prática social como critério da verdade, estudando leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, da evolução histórica e das práticas sociais de mulheres e homens para o desenvolvimento da humanidade, assim

O materialismo histórico esclarece conceitos como ser social (relações materiais dos homens com a natureza e entre si que existem em forma objetiva, isto é, independentemente da consciência); "consciência' social" (são as ideias políticas, jurídicas, filosóficas, estéticas, religiosas, etc.), assim como a psicologia social das classes, etc. que se têm constituído através da história; meios de produção: tudo o que os homens empregam para originar bens materiais (máquinas, ferramentas, energia, matérias-químicas etc.); forças produtivas: são os meios de produção, os homens, sua experiência de produção, seus hábitos de trabalho. Não obstante sem considerar a importância única do homem, a força de produção depende fundamentalmente dos instrumentos da tecnologia. As relações de produção não podem ser separadas das forças de produção. (...) O materialismo histórico define outra série de conceitos fundamentais para compreender suas cabais dimensões como: sociedade, formações socioeconômicas, estrutura social, organização política da sociedade, vida espiritual, a cultura, concepção de homem, a personalidade, progresso social, etc (TRIVIÑOS, 2012, p.52).

Como já mencionado, com o ingresso no mestrado apropriei-me do paradigma do materialismo histórico-dialético, inspirada pelos trabalhos e orientações da prof.^a Dr.^a Sonia Melo e do Grupo de Pesquisa EDUSEX. Acredito que a escolha deste paradigma foi ao encontro com os objetivos desta dissertação e agregou ainda mais conhecimentos aos meus estudos e pesquisas sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, bem como de Educação Ambiental e Sexual para formação do Ser integral. Isto sob a compreensão de que o materialismo histórico-dialético traz a importância do entendimento da totalidade e das relações no modo de produzir vida, sendo esse, ao meu ver, eixo paradigmático que abarca também a visão holística do Planeta Terra e do ser humano.

Partindo do princípio que a pesquisa é fruto de condições materiais, sociais, históricas e discursivas, e que a/o pesquisadora/or é peça fundamental nesta produção (já que é permeada/o por suas próprias condições de vida), procurei ter em mente que são múltiplas as possibilidades de interpretação da realidade.

Nesta ótica, o paradigma do materialismo histórico-dialético contribui na síntese dos polos opostos de uma mesma totalidade (quantidade-qualidade), ao propor que se vivencie o

método dialético nas pesquisas. Contribuindo com este processo de pesquisa, Gamboa (2007) indica que

(...) superamos a separação sujeito-objeto, quando situamos os dois elementos fundamentais da relação cognitiva em um todo maior envolvente, que, segundo a concepção marxista de totalidade concreta, se refere às condições materiais históricas que mediatizam e modificam essa relação (GAMBOA, 2007, p. 104).

Agregando à compreensão do método dialético, trago Triviños (2012) quando cita Engels na definição de dialética como “a ciência da interconexão universal” (p.53). Franco, Carmo e Medeiros (2013) sinalizam o método dialético como aquele que pretende a visão de totalidade, já que “a visão do mundo na dialética pode partir do particular para se vislumbrar o universal ou parte do universal para se ter entendido com clareza o particular” (p.94).

Aprofundo mais o estudo com Gadotti (1990) e seu texto “A dialética: concepção e método” que aborda o processo histórico da dialética nas diferentes visões de mundo, e para ele a dialética em Marx

(...) não é apenas um método para se chegar à verdade, é uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo. Marx não parte, como fizeram os filósofos idealistas, de um esquema conceitual, teoricamente construído, procurando identificar a “essência”. Também não toma como ponto de partida os fenômenos isolados em si, como o faziam os empiricistas. Marx critica essas duas posições e percorre um caminho novo. Isso é particularmente demonstrado em O Capital. Aí Marx preocupava-se em entender o processo de formação histórica do modo de produção capitalista, não como se fosse uma forma acabada de relação homem-sociedade, mas como um fieri, um sendo. Para ele não existem fatos em si, como quer fazer crer o empiricismo, que se deixariam examinar de maneira neutra, desligados do processo histórico-econômico, psicológico e político do homem. Não é a consciência humana, como sustenta o idealismo, nem a pura realidade, como sustenta o empiricismo, mas é o próprio homem que figura como ser produzindo-se a si mesmo, pela sua própria atividade, “pelo modo de produção da vida material” (GADOTTI, 1990, p.19-20 – grifos do autor).

Diniz e Silva (2008) complementam o exposto quando indicam que o método dialético é um caminho na construção do saber científico onde o “sujeito (pesquisador) busca conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do objeto (fenômeno/fato investigado) que se constrói e (des)constrói nas interações entre o sujeito e o objeto” (p.1). As autoras explicam que

O método dialético reconhece a dificuldade de se apreender o real, em sua determinação objetiva, por isso a realidade se constrói diante do pesquisador por meio das noções de totalidade, mudança e contradição. A noção de totalidade refere-se ao entendimento de que a realidade está totalmente interdependente, interrelacionada entre os fatos e fenômenos que a constitui. Já a noção de mudança compreende que a natureza e a sociedade estão em constante mudança e que elas tanto são quantitativas quanto qualitativas. Enquanto isso a noção de contradição torna-se o motor da mudança. As contradições são constantes e intrínsecas à realidade. As relações entre os fenômenos ocorrem num processo de conflitos que geram novas situações na sociedade (DINIZ; SILVA, 2008, p. 4-5).

Deste modo, sob as máximas de totalidade, transformação e inacabamento é que a “dialética opõe-se necessariamente ao dogmatismo, ao reducionismo, portanto é sempre aberta, inacabada, superando-se constantemente” (GADOTTI, 1990, p.38).

Assim, o paradigma e método escolhidos me fizeram ter ainda mais segurança no estudo e na interligação de Meio Ambiente (macro sobrevivência – coletivo - totalidade - todo) e Sexualidade (micro sobrevivência – individual – inteireza - parte), em suas interfaces, na perspectiva de totalidade, haja visto que somos seres sexuados em interação e em processo de transformações no espaço ambiental.

Agregando ao exposto, como abordagem metodológica entendi a pesquisa desta dissertação como sendo de cunho qualitativo onde Tozoni-Reis (2010) indica que “a pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los” (p. 5). A visão de Creswell complementa esta, quando diz que a pesquisa de caráter qualitativo

É um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível (CRESWELL, 2010, p. 26).

Sob esta ótica, realizei um estudo exploratório pautando-me em Triviños quando diz que esta abordagem permite à/ao investigadora/or elevar sua experiência sobre determinado problema, pois assim

O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de tipo experimental. Outras vezes, deseja delimitar ou manejar com maior segurança uma teoria cujo enunciado resulta demasiado amplo para os objetivos da pesquisa que tem em mente realizar. Pode ocorrer também que o investigador, baseado numa teoria, precise elaborar um instrumento, uma escala de opinião, por exemplo, que cogita num estudo descritivo que está planejando. Então, o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter os resultados que deseja (TRIVIÑOS, 2012, p. 109).

Para agregar à abordagem exploratória, utilizei como metodologia de procedimento a pesquisa bibliográfica que é base de toda pesquisa acadêmica e é desenvolvida a partir de livros e artigos já publicados (GIL, 2008). E também fiz uso da pesquisa documental que é base dos documentos que possuem informação organizada sistematicamente, como documentos institucionais, leis, jornais; e podem ser comunicadas de diversas formas (oral, escrita, visual e gestual) (GONSALVES, 2001).

Os instrumentos de coleta foram levantamentos bibliográficos e documentais de teóricos que fornecem subsídios para o entendimento dos paradigmas que permeiam Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, de marcos legais sobre Meio Ambiente e sobre Sexualidade, bem como documentos de direitos ambientais e direitos sexuais, e as sete obras de Paulo Freire.

As obras do teórico escolhidas para análise, organizadas em ordem cronológica com base a primeira publicação no Brasil, foram:

1. Educação como prática da liberdade (1967),
2. Pedagogia do oprimido (1970),
3. Educação e mudança (1979),
4. Conscientização: teoria e prática da libertação (1980),
5. À sombra desta mangueira (1995),
6. Pedagogia da autonomia (1996) e
7. Pedagogia da indignação (2000).

A escolha destas obras aconteceu na produção de um artigo para a disciplina “Pensamento Educacional Contemporâneo”, já aqui citado, em que solicitei ao prof. Dr. Lourival José Martins Filho indicações de obras paulofreireanas que podiam contribuir para as pesquisas do artigo e também da dissertação acerca dos temas Meio Ambiente e Sexualidade.

Refletindo sobre a importância de Paulo Freire como cúmplice teórico e autor base para análise de dados, destaco aqui interessantes informações refletidas por Nita Freire, em entrevista para um site de notícia gaúcho, que disse que as obras de Paulo Freire já foram traduzidas para mais de 27 idiomas, sendo que no Brasil os livros paulofreireanos têm maior número de exemplares publicados por ano do que na data de seu falecimento. Nita compreende que atualmente se lê mais Paulo Freire do que em 1997 e que o teórico é o maior educador brasileiro e um dos maiores educadores do século XX e XXI em todo o mundo. Pesquisas apontam que Paulo Freire é um dos três maiores pensadores citados em pesquisas acadêmicas mundiais²⁸.

Portanto, para evidenciar as contribuições do pensamento paulofreireano sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, escolhi dois documentos fundamentais para os temas que representam a luta pelos direitos humanos sempre mencionada por Paulo Freire.

O primeiro documento foi a Carta da Terra - CT (BRASIL, 2000 – Anexo I), proposto durante a Rio-92²⁹ e discutido mundialmente por Organizações Não Governamentais e Governos, sendo ratificado em 2000. É uma declaração de princípios fundamentais para a

²⁸ **"Quanto mais se bate em Paulo Freire, mais ele cresce", diz viúva do educador.** Por Angela Chagas, publicado em 20/10/2017 no Site Gaúcha ZH. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/10/quanto-mais-se-bate-em-paulo-freire-mais-ele-cresce-diz-viuva-do-educador-cj8yucu4c02lr01oyljary25u.html>>. Acessado em maio, 2018.

²⁹ Conhecida como Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad) foi realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro, marcando os diálogos da comunidade global sobre ações em prol ao Meio Ambiente.

construção de uma sociedade global no século XXI e, para estudiosos que elevam a importância da CT, como Moacir Gadotti e Leonardo Boff, a apontam como equivalente à Declaração Universal dos Direitos Humanos nos tempos atuais.

Paulo Freire foi convidado para compor a comissão internacional da CT, entretanto com seu falecimento, Boff integrou a banca de composição do documento. Além disso, Gadotti aprofunda seus estudos tendo a CT como base por meio de seus trabalhos no Instituto Paulo Freire. Assim, para investigar nas sete obras paulofreireanas reflexões sobre Meio Ambiente e direitos ambientais, a análise é iluminada pela CT que possui 16 itens dentro dos 04 princípios. Focando nos itens mais representativos, elenquei 10 para este estudo:

- Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT);
- Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT);
- Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT);
- Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações (item 4 da CT);
- Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7 da CT);
- Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido (item 8 da CT);
- Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 da CT);
- Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT);
- Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT);
- Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

O segundo documento escolhido foi a Declaração dos Direitos Sexuais - DDS (WAS, 2014 – Anexo II) que foi proclamado em 1997, em Valência na Espanha, no 13º. Congresso de

Sexologia, pela World Association for Sexual Health (WAS - Associação Mundial pela Saúde Sexual), e nomeado “Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos”. Em 1999 foi revisado e aprovado em Hong Kong, e reafirmado na “Declaração WAS: Saúde Sexual para o Milênio”, em 2008. Passou por nova revisão e aprovação em 2014, sendo nomeado atualmente como “Declaração dos Direitos Sexuais”.

A WAS se caracteriza por um grupo mundial multidisciplinar de sociedades científicas, ONGs e profissionais do campo da Sexualidade humana. A escolha deste documento se deu pelo conhecimento que tive deste com o Grupo de Pesquisa EDUSEX quando compreendi que este abarca a concepção de Sexualidade inerente ao ser humano e da importância da Educação Sexual para a emancipação do Ser, considerado assim expressão máxima dos direitos sexuais. Deste modo, para análise nas sete obras de Freire e suas reflexões sobre Sexualidade e direitos sexuais utilizei como aporte a DDS, da qual apresenta atualmente 16 itens, e selecionei 06 deles:

- Direito a igualdade (item 1 da DDS);
- Direito a vida (item 2 da DDS);
- Direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS);
- Direito a alto padrão de saúde, incluindo saúde sexual (item 7 da DDS);
- Direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS);
- Direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

Para instrumentar a análise dos dados, pautei-me na teórica Laurence Bardin e sua perspectiva de análise de conteúdo, classificado por ela como:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas, adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 1988, p. 27).

Clareando os passos de análise de conteúdo utilizando Bardin, Decker (2010) indica que há na análise três momentos: (1) Pré-análise: organização do material escrito, definição do *corpus*, elaboração dos indicadores; (2) Descrição analítica: *corpus* é processado, informações são transformadas em dados por procedimentos de estudos, como codificação, classificação e categorização, surge o quadro básico de referência da obra resultando na busca de sínteses coincidentes e/ou divergentes de ideias; (3) Interpretação referencial: tratamento de resultados, destaque aos indicadores e indicativos da categoria, procura por palavras-chave como indicadores (DECKER, 2010).

Ressalto aqui que a dissertação “A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória” de Isabel Decker (2010), produzida quando fez parte do Grupo de Pesquisa EDUSEX, foi importante instrumento de

inspiração para elaborar esta dissertação e refletir sobre análise de dados em obras de Paulo Freire, bem como as possibilidades de extração de categorias paulofreireanas para contribuições à pesquisa em Ciências da Educação, tendo como eixo a emancipação humana.

Diante o exposto, trago pontuadas as características metodológicas desta dissertação, que ora apresento no quadro a seguir.

Quadro 7 - Características metodológicas da dissertação

| | |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Paradigma | Materialismo histórico-dialético |
| Método | Dialético |
| Abordagem metodológica | Pesquisa de cunho qualitativo por meio de um estudo exploratório |
| Metodologias de procedimento | Pesquisas bibliográfica e documental (do meu caminho vivido; de documentos sobre Educação Ambiental, Educação Sexual, Direitos Ambientais e Direitos Sexuais; Legislações sobre Meio Ambiente e sobre Sexualidade; sete obras de Paulo Freire) |
| Instrumento de coleta | Levantamento bibliográfico e documental |
| Técnica de análise de dados | Análise de conteúdo baseada em Bardin |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Seguindo o proposto por Bardin, o mesmo indicado por Decker em sua experiência, meu processo de análise de dados por meio da análise de conteúdo se deu da seguinte maneira:

1. Pré-análise: com as categorias desta dissertação definidas por meio das buscas sistemáticas, parti para definição dos documentos de análise (sete obras de Freire, um documento sobre direitos ambientais e um documento sobre direitos sexuais) e organizei as obras de Freire para uma leitura por ordem cronológica para observar as evoluções no pensamento paulofreireano.
2. Descrição analítica: realizei a leitura das sete obras e produzi fichamentos com citações que mais contribuía, ao meu ver, com as categorias deste estudo e com as fundamentações teóricas sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces. Também realizei uma convergência das citações paulofreireanas com os itens selecionados da CT e da DDS, organizando em um quadro quais itens dos direitos da CT e da DDS emergiam das citações selecionadas nas obras de Paulo Freire. Percebi similaridades de ideias expostas nos documentos analisados e fui pontuando também algumas palavras-chaves em comum entre citações das obras Paulo Freire, e itens da CT e da DDS.

3. Interpretação referencial: realizei algumas tentativas para organização da análise de dados por fim decidi, como tratamento de resultados, pela divisão da análise de cada obra de Paulo Freire por subcapítulos (como pode ser visto em 2.2.1 à 2.2.7) com uma espécie de diálogo entre Paulo Freire com os outros cúmplices teóricos desta caminhada da dissertação para uma melhor compreensão das mudanças paradigmáticas ocorridas sobre seres humanos frente ao Planeta Terra, auxiliando assim na ampliação dos meus fundamentos teórico-práticos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces. Ao fim da análise de cada obra paulofreireana indico as convergências com os itens da CT e da DDS por meio de exemplos das movimentações de análise organizadas em quadros, bem como reflexões com considerações sobre cada obra de Paulo Freire no processo de iluminar à CT e DDS, e quais itens dos direitos ambientais e sexuais são elevados pelo pensamento paulofreireano. No item 2.3 desta dissertação realizei a pontuação dos indicadores de categorias, resultado da convergência das obras, da CT e da DDS, e utilizei imagens para demonstração desta convergência e exaltação dos indicadores.

2.2 ANÁLISES DE DADOS: AS BUSCAS E OS ENCONTROS POR MEIO DE DIÁLOGOS – PROCESSOS DE CONVERGÊNCIAS E INTERCONEXÕES PARA MEIO AMBIENTE, SEXUALIDADE E INTERFACES

Nos subtópicos a seguir são apresentadas as análises de dados de cada obra paulofreireana exaltando os encontros de fundamentos teóricos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e interfaces. Somando a isso realizou-se uma escrita no estilo de um diálogo de Paulo Freire com outros cúmplices teóricos, bem como com as reflexões que remetem à Carta da Terra e à Declaração dos Direitos Sexuais, para pensar a relação ser humano e Meio Ambiente, ao longo do tempo, compreendendo assim as mudanças paradigmáticas que permeiam as temáticas deste estudo, e também as indicações de Paulo Freire pela luta aos direitos humanos, onde encontramos a urgência da vivência de uma Educação crítica, libertária, e para a cidadania, que valorize o Ser de maneira integral.

Ao fim do diálogo com cada obra é exemplificado por meio de um quadro como foi realizada a convergência entre citação paulofreireana, itens da Carta da Terra e itens da Declaração dos Direitos Sexuais, para chegar à conclusão de quais itens dos documentos sobre

direitos ambientais e sexuais podem ser visualizados e fundamentados por meio do pensamento de Paulo Freire, via as sete obras em tela.

2.2.1 Dialogando com a 1ª obra: Educação como prática da liberdade

Uma renovação pedagógica requer uma renovação da sociedade global e Paulo Freire nos aponta isso em a “Educação como prática da liberdade” (2001). Liberdade esta que exige que nos assumamos seres políticos, de luta pela cidadania plena por meio dos direitos essenciais à existência humana. Nesta obra, Freire indica a essencialidade da prática da educação para liberdade pautada na *práxis* (ação-reflexão-ação).

O livro foi escrito depois da queda do governo Goulart³⁰, nos intervalos das prisões e finalizado no exílio. É a segunda obra, dentre as mais conhecidas do teórico, sendo a primeira nomeada “Educação e atualidade brasileira” (1959), sua tese de concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco.

Em “Educação como prática da liberdade”, Freire explicita a dimensão teórica de sua prática de alfabetização de adultos, na qual aborda a categoria conscientização como necessária à *práxis* já que alfabetização e conscientização são inseparáveis para o teórico, assinalando assim uma pedagogia para uma humanidade livre.

A escolha por esta obra ocorreu para um aprofundamento teórico da pesquisadora sobre as categorias pensadas por Paulo Freire no início das suas obras, e destinadas aqui **para melhor refletir sobre a Educação como direito humano básico**, bem como para cotejar sobre as categorias levantadas por ele para pensar sobre *eu e outro(s) no e com mundo* e refletir sobre a ampliação das fundamentações teórico-práticas dos temas Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces.

Os escritos de Freire neste livro nos indicam a importância de pensar a sociedade e seus processos de transição para uma vivência da plena cidadania. Para tal, o teórico nos inspira a pensar sobre a relevância das movimentações populares reivindicando pelos direitos humanos e isto vai ao encontro com o que preza os documentos Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais: a participação e a luta.

“Educação como prática da liberdade” se caracteriza por uma verdadeira aula sobre a história da sociedade brasileira, fazendo-nos refletir também sobre a sociedade atual do nosso

³⁰ João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como "Jango", foi o 24º presidente do país, de 1961 a 1964.

país e das possíveis ações de mudanças para subsidiar uma vivência da igualdade, de liberdade e de uma democracia crítica.

Assim, a obra em tela me fez pensar nas razões pelas quais os documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais, escritos há mais de duas décadas em suas primeiras versões, não são, ainda, plenamente vivenciados. Acredito eu que uma das razões seja que estes documentos não são conhecidos por parte de muitas/os educadoras/es. Logo, **se aponta como urgente um diálogo intencional sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces por meio dos direitos ambientais e sexuais na formação inicial e continuada de professoras/es.** Entendo que carecemos de diálogos sobre direitos humanos e que para conhecimento e ações de luta e reivindicações dos direitos essenciais estes diálogos devem ser iniciados nos ambientes educacionais formais pensando na formação da cidadania integral como Paulo Freire nos encoraja a refletir.

Isto me fez resgatar a constituição dos direitos humanos, que tem como marco do primeiro código escrito o código de Hamurabi com registro do século XVIII a.C. e que falava sobre propriedade, honra e família sob o princípio do “olho por olho, dente por dente”. Sabemos que com o passar do tempo e influência de valores religiosos os sistemas legais foram modificando-se (SILVA, 2006).

Segundo Teles (2006) a ideia de direitos humanos nasce, no final do século XVIII d.C., com as declarações de direitos como Declaração Americana de Virgínia, de 1776, e Declaração Francesa (Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão), de 1789. Os movimentos sociais foram os grandes impulsionadores por esta luta de promoção de autonomia e cidadania, bem como de questionamentos ao poder dos governantes. Em meados do século XX após a decorrência do holocausto durante a Segunda Guerra Mundial se retoma as ideias sobre direitos humanos (TELES, 2006).

Assim, em 1948, foi adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a Declaração Universal dos Direitos Humanos pautada em parâmetros humanitários válidos universalmente para todas as pessoas, independente de raça, sexo, poder, língua, crença etc. Cinquenta anos depois o Brasil espelhou-se nesta declaração e formulou a Constituição Federal de 1988 incitando as/os cidadãs/ãos a participar e vigiar os direitos humanos (SILVA, 2006).

Pautada neste breve resgate histórico sobre direitos humanos e com o conhecimento das obras paulofreireanas, entendo que Paulo Freire exalta os movimentos sociais como organização de coletivos para ações de suma relevância para a reivindicação e a luta pelos direitos humanos e para transformações de realidade, como de âmbito educacional.

Em “Educação como prática da liberdade” é contado que no início dos anos 60 Paulo Freire engajou-se nos movimentos de educação popular, entre eles o Movimento de Cultura Popular (MCP) e a Campanha de Alfabetização de Angicos (alfabetização de 300 trabalhadores rurais em 45 dias), ambas no Rio Grande do Norte, e coordenou o Programa Nacional de Alfabetização, do Governo Goulart. Assim, seu trabalho está vinculado com a ascensão popular, caracterizando-se como um movimento de democratização educacional-cultural, isto ficando bem evidente na obra paulofreireana em tela.

Francisco Weffort³¹, no capítulo introdutório da obra em questão, diz que o exílio de Paulo Freire não se deu apenas por suas ideias, “mas principalmente porque empenhou-se em fazer de suas intenções de libertação do homem o sentido essencial de sua prática” (WEFFORT *in* FREIRE, 2001, p.31). Indica ainda que a pedagogia paulofreireana compreende que “o aprendizado já é um modo de tomar consciência do real e como tal só pode dar-se dentro desta tomada de consciência” (WEFFORT *in* FREIRE, 2001, p.15).

Nesta consonância, dentre os princípios paulofreireanos está: “assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem” (WEFFORT *in* FREIRE, 2001, p.15). Assim uma educação libertadora é respeitadora do ser humano como pessoa, que deve comungar com a luta concreta dos seres humanos por libertar-se. Weffort diz, ainda na introdução da obra em tela, que a educação libertadora só é possível

Enquanto compromete o educando como homem concreto, ao mesmo tempo o prepara para a crítica das alternativas apresentadas pelas elites e dá-lhe a possibilidade de escolher seu próprio caminho. E aqui nos referimos não apenas à teoria, mas também à experiência com algumas centenas de milhares de trabalhadores brasileiros: uma parcela significativa desta massa se incorporou às atividades sindicais e às lutas concretas dos trabalhadores em defesa dos seus interesses (WEFFORT *in* FREIRE, 2001, p.30-31).

A reflexão de Weffort nos faz compreender a importância da educação libertadora defendida por Paulo Freire para o fortalecimento dos movimentos sociais, como os sindicatos de trabalhadores rurais, na luta pelos direitos humanos básicos para uma vida plena. O que nos remete ao que prega a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais sobre a importância da coletividade para a luta dos direitos ambientais e sexuais.

Weffort diz ainda que o educador Paulo Freire por estar sempre “a serviço da libertação do homem, dirigiu-se sempre às massas mais oprimidas, acreditou em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica” (WEFFORT *in* FREIRE, 2001, p.33) e, na convivência com o povo, estabeleceu “as bases de uma pedagogia onde tanto o educador como o educando, homens igualmente livres e críticos, aprendem no trabalho comum de uma tomada de consciência da

³¹ Doutor em Ciências Políticas, escritor, professor e ex-ministro da Cultura do Brasil (1995-2002).

situação que vivem” (WEFFORT *in* FREIRE , 2001, p.33-34). Estes pontos abordados fortalecem, ainda mais, a compreensão da filosofia paulofreireana em afinidade com a Carta da Terra e com a Declaração dos Direitos Sexuais, principalmente por prezarem a igualdade, o respeito, a tolerância e a autonomia, na busca da construção de um mundo pacífico.

Observo que Freire sempre problematiza sobre a sociedade analisando os processos históricos e as relações entre seres humanos para com seu meio. Nessa perspectiva, agregando a reflexão sobre a sociedade atual e os direitos humanos trago os objetivos para o desenvolvimento sustentável que a Organização das Nações Unidas (ONU) formulou pensando na necessidade da vivência de direitos como o sinalizado na Constituição Federal Brasileira:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988, art.225).

Em 2000 a ONU formulou um documento com Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), do qual a Carta da Terra foi a inspiração ética, que ficaram conhecidos como “8 jeitos de mudar o mundo” e que deveriam ser alcançados até 2015 pelos mais de 190 países-membros da organização. Os objetivos eram: acabar com a fome e a miséria; educação básica de qualidade para todos; igualdade entre sexos e valorização da mulher; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde das gestantes; combater a AIDS, a malária e outras doenças; qualidade de vida e respeito ao Meio Ambiente; todo o mundo trabalhando pelo desenvolvimento³². Fica evidente nestes oito pontos as categorias base desta dissertação abordando Meio Ambiente, Sexualidade e Educação como fundamentais para proteção do Planeta Terra e sua população, pois expressam que a missão global só pode ser cumprida com ações locais.

Em 2015, foi realizado um novo documento, pela ONU, com meta de alcance para 2030 ampliando os oito pontos antigos e traçando “17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável”, que dentre eles estão: erradicar a pobreza e a fome; assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas as pessoas; assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade; alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos, bem como acesso sustentável de energia para todos; promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável; promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; deter e reverter a degradação da terra e deter a

³² Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/tema/odm>>. Acesso em 16 de maio de 2018.

perda de biodiversidade; promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável; e proporcionar o acesso à justiça para todos³³.

No que concerne a análise de sustentabilidade como paradigma para vivência de uma sociedade mais ética, justa e igualitária, como citada nos objetivos acima, **pesquisar sobre Meio Ambiente e Sexualidade, voltadas à Educação e aos direitos humanos demonstra abarcar com as urgências para alcance da missão global e vivência de uma comunidade global sustentável para 2030 e os anos seguintes.**

Assim, **Meio Ambiente e Sexualidade interligam-se via direitos ambientais e sexuais**, pois visam o benefício da humanidade e a qualidade de vida para todos. Isto também é evidenciado nos documentos “Objetivos do Milênio” (2000) e “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (2015) podendo ser destacados a igualdade entre sexos, valorização da mulher, promoção da saúde e do bem-estar, e padrões sustentáveis de produção e consumo. Deve-se, portanto, agregar as discussões das dimensões ambiental e sexual repensando os conteúdos e currículos de formação, visando construir e não moldar o Ser. Sempre estudando e pensando o macro para agir no micro, refletindo que ações locais têm proporções globais. Assim, pensando a vivência dos direitos humanos universais compreendo que se realiza no micro (local) a luta de âmbito macro, onde um dos caminhos para tal se coloca na sensibilização para conscientização crítica por meio da educação libertadora como nos inspira o pensamento paulofreireano.

Agregando ao exposto, pensando sobre a constituição da sociedade, na obra de Freire em tela, “Educação como prática da liberdade”, o teórico coloca que a sociedade alienada é objeto, é uma “coisa” e quando a sociedade se liberta ela passa a ser sujeito de si mesma. Desta maneira, “sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço” (FREIRE, 2001, p.44).

Neste sentido, para o teórico, os princípios das relações humanas perpassam a pluralidade, a transcendência, a criticidade e a temporalidade, sendo assim

³³ Disponível em < <https://nacoesunidas.org/pos2015>>. Acesso em 16 de maio de 2018.

As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios (FREIRE, 2001, p.47).

Este estabelecimento de múltiplas relações traçadas por Paulo Freire nos clareiam para a diversidade das interações entre *eu, outro(s), no e com o mundo*, fundamentais para pensarmos nos processos de conscientização, mudança e transformação para vivência dos direitos humanos, e aqui com enfoque nestes como direitos ambientais e sexuais, principalmente em diálogo intencional nos diversos espaços educativos. Diálogo intencional este expresso na relação horizontal de A com B, que nasce e gera criticidade e “nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança” (FREIRE, 2001, p.115).

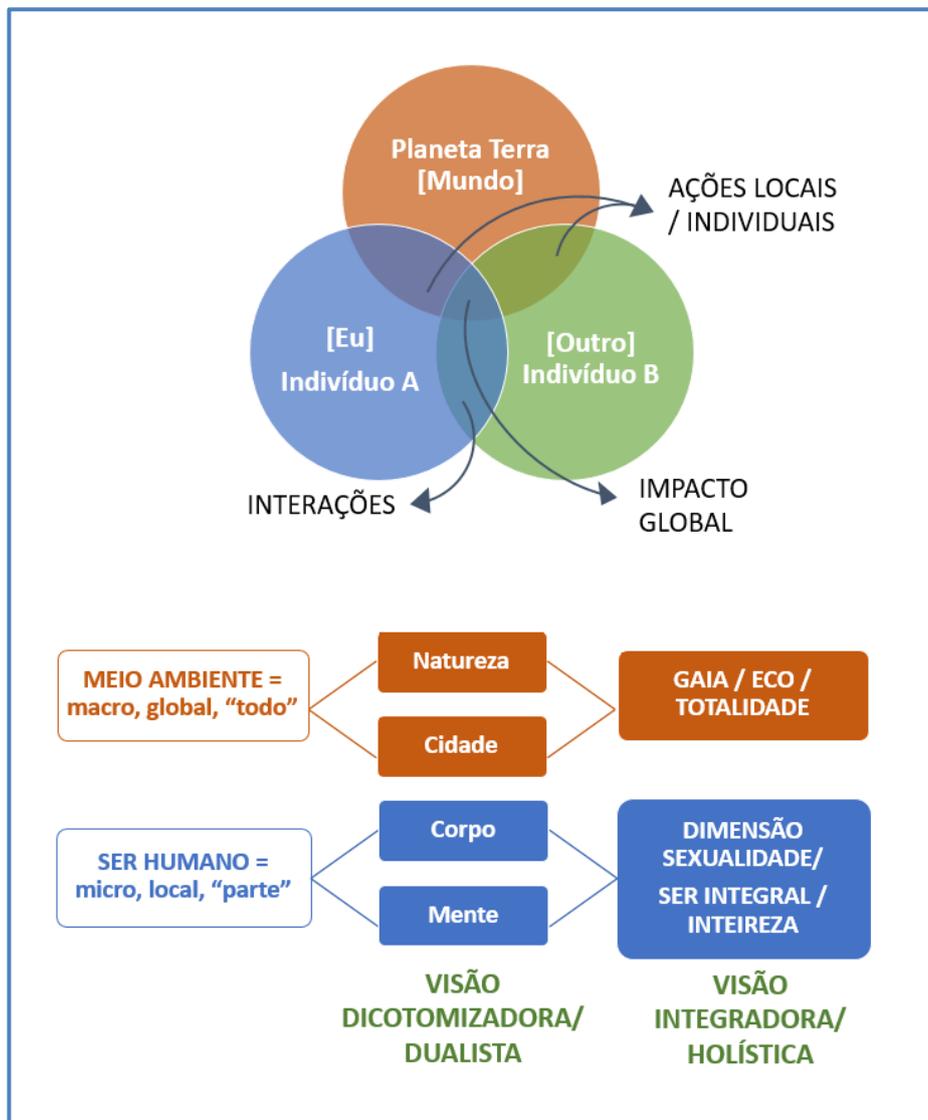
O ser humano é um ser de integração, um ser histórico e criador de cultura que estabelece relações múltiplas e plurais, dentre elas a de transcendência devido seu inacabamento como nos aponta o pensamento paulofreireano, assim,

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a (...). Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 2001, p.51).

Isto posto, a reflexão me conduziu a compreensão do estabelecimento da pluralidade das relações e da integração, onde o ser humano entende sua interconexão *com o(s) outro(s) e com o mundo*, logo passa a se autoconhecer, conhecer o(s) outro(s), conhecer o Planeta Terra, para assim, ser um Ser de *práxis* e transformar a realidade, inspirando-se nas ações propostas em documentos como Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais visando conhecimento e cuidado consigo, com a sociedade e com o Meio Ambiente.

Neste panorama produzi uma figura expressando as interligações e conexões que foram base para esta dissertação e que pode ser observada a seguir.

Figura 2 – Gráfico de interação “Eu e Outro no/com o Mundo” e linha de conceituações sobre ser humano e Meio Ambiente



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A figura traz representações das interações, por meio de um gráfico, que indica o Eu [indivíduo A], o Outro [indivíduo B] e o Mundo [Planeta Terra, conceito de relações com inspiração no pensamento paulofreireano]. É exposto na figura que as ações locais/individuais (Eu e Outro(s)) geram um coletivo de atos (interações = Eu+Outro(s)) com proporções globais [impacto global] a partir da convergência das relações seres humanos e Planeta Terra (Eu+Outro(s)+Mundo). Sendo, então, o Meio Ambiente o espaço de múltiplas interações do Eu + Outro(s).

Traçando fundamentações por meio das pesquisas e estudos agregando às categorias desta dissertação à base das relações indicadas pelo pensamento paulofreireano (Eu, Outro(s)),

Mundo), a figura ainda indica, em uma linha de conceitos, o Meio Ambiente (*corpus* do Planeta Terra) como a porção macro, o global, o todo; que ao ser dicotomizado é compreendido como Natureza (meio natural) e cidade (meio antrópico); e na perspectiva de entendê-lo em sua totalidade e em integração com todos os seres é nomeado como Gaia ou Eco (casa). Já o ser humano é expresso como o micro, o local, a parte; que quando dicotomizado é entendido como corpo e mente; e ao compreendê-lo como inteiro, na perspectiva integradora/holística, é considerado em sua inteireza, um Ser integral, valorizando todas as suas dimensões, como a Sexualidade, e nesta dissertação, indico novamente, **pauta-se sob uma concepção dialética e assim agrega a concepção integradora de entender o ser humano e seu meio.**

Somando às reflexões da figura 2 e pensando sobre a perspectiva dual, Trigueiro (2004) diz que somos escravos de um olhar reducionista, pois entendemos a função da Natureza como matriz de alimentos, energia e matéria-prima e destruímos o patrimônio natural sem ter a conscientização que o “Meio Ambiente começa no meio da gente, a partir da nossa constituição física, onde a água, o ar, o solo e a luz solar são elementos fundamentais à manutenção da vida” (TRIGUEIRO, 2004, p. *online*). A falsa dualidade entre ‘Eu e o Meio Ambiente’ é confirmada pela física moderna, e denunciada pelos místicos na Antiguidade, compreendendo o Universo como um complexo sistema de redes interdependentes em interrupta integração (TRIGUEIRO, 2004). Assim, a visão de mundo integradora/holística propõe a quebra da dualidade, por meio do retorno de perspectiva da totalidade e integração:

Diante deste vazio, das crises, das chamadas catástrofes naturais e da ameaça da própria existência do homem no planeta Terra, vários núcleos do saber, instituições governamentais e outras de natureza civil passaram a discutir novos referenciais para a humanidade, em especial, aqueles que procuram associar o homem ao meio e não o homem como dominador do meio. A ideia de uma sociedade global passa a ser tema recorrente com muitos defendendo a possibilidade de um governo planetário. Dentro dessas expectativas, o paradigma holístico surge como mediador entre o todo e suas partes e se baseia no conceito de relação que é muito mais amplo que o de análise (NASCIMENTO; SOUZA, 2014, p.3).

Neste sentido, pensando sobre a perspectiva de união de Meio Ambiente e ser humano (sempre sexuado), ambos em uma visão de totalidade, reafirmo que o caminho para a transformação se dá pela Educação, apoiada no pensamento paulofreireano, para consciência de pertencimento, integração e inteireza, com princípios, como por exemplo, de valorização da diversidade como riqueza humana e a biodiversidade como riqueza ambiental.

Como caminho para esta busca por transformação, Freire nos indica ainda na obra “Educação como prática da liberdade” a necessidade de sermos radicais, seres de *práxis*, e explica que

A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio (FREIRE, 2001, p.58).

Desta maneira, o ser radical luta pelo direito de ser o que se é, pela liberdade de expressar-se, pelo respeito ao outro e pela luta contra violências, visões partilhadas também pela Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais.

Paulo Freire defende a participação do povo em seu processo histórico e é contrário aos processos de alienação e silenciamento que deixam a sociedade em estado vegetativo, pois se baseiam na acriticidade e na postura inconsciente perante a vida. Isto fica evidenciado na obra em tela quando o teórico indica que se deve trabalhar com o povo, nunca apenas para ele ou sobre ele. Para tal, Freire eleva a democracia como uma categoria elementar e indica que

A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe (FREIRE, 2001, p.88).

Sendo assim, faz-se necessário buscar uma Educação que possibilite ao ser humano a discussão corajosa de sua problemática. Uma Educação para a decisão, para a responsabilidade social e política, onde “a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença em que ele não só pode, mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu País. Do seu Continente. Do mundo” (FREIRE, 2001, p.104). E estes diálogos e problematizações se fazem urgentes para vivenciarmos a conscientização de nossos direitos humanos que perpassam os direitos ambientais e sexuais.

Freire exalta, nesta primeira obra em diálogo, que pensar uma Educação para cidadãos/ãos, libertadora e democrática, na década de 60, era refletir sobre

Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta imporda no sentido de sua humanização. (...) O problema para nós prosseguia e transcendia a superação do analfabetismo e se situava na necessidade de superarmos também a nossa inexperiência democrática. Ou tentarmos simultaneamente as duas coisas (FREIRE, 2001, p.67 e p.102).

De tal modo, Freire conclui que a “educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 2001, p.104). E neste sentido nos faz perceber o quanto uma Educação voltada para os direitos humanos é amorosa e corajosa.

Seguindo assim para apresentar a convergência desta primeira obra em diálogo mais os documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais registro, novamente, que a metodologia criada para subsidiar a análise e sua discussão foi por meio da construção de quadros apresentando alguns dos movimentos de convergências entre citações das obras paulofreireanas e os itens selecionados dos documentos CT e DDS.

Deste modo, o quadro a seguir se caracteriza como um modelo da movimentação de convergência, onde trago dois exemplos, com a obra em tela para exemplificar a conclusão sobre os direitos ambientais e sexuais vistos, como um todo, em “Educação como prática da liberdade”.

Quadro 8 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Educação como prática da liberdade

| Obra: Educação como prática da liberdade (1967) *aqui usada a 25ª edição de 2001 | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|--------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo . Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios (p.47). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 11, Item 16. | Item 1, Item 3, Item 13. |
| Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu País. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia (p.104). | Item 3, Item 11, Item 16. | Item 1, Item 3, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Diante toda a análise da obra “Educação como prática da liberdade” concluo que esta ilumina a Carta da Terra sob os direitos: de respeito a vida e sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades

econômicas (item 11 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

A Declaração dos Direitos Sexuais está em consonância com a obra em tela, principalmente, ao nos indicar sobre os itens: direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito à educação, direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

2.2.2 Dialogando com a 2ª obra: **Pedagogia do Oprimido**

A obra se caracteriza por observações de cinco anos de exílio de Paulo Freire e, por ser uma das obras mais conhecidas e debatidas do autor foi escolhida para análise nesta dissertação. O teórico aborda, no livro em questão, sobre as relações entre opressores e oprimidos, e os meios de libertação das massas populares, indicando o poder de transformação por meio de uma Educação que abarca a consciência crítica e diálogo com problematizações.

Na introdução do livro em foco, Ernani Fiori³⁴ diz que “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (FIORI *in* FREIRE, 1987, p.5). Diz que a pedagogia paulofreireana tem como princípio a totalização da *práxis* e busca retotalizar-se como prática da liberdade, assim Freire, é para Ernani, um “educador de vocação humanista que, ao inventar suas técnicas pedagógicas, redescobre através delas o processo histórico em que e por que se constitui a consciência humana” (FIORI *in* FREIRE, 1987, p.5).

Paulo Freire (...) “pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – “método de conscientização”” (FIORI *in* FREIRE, 1987, p.8), deste modo

³⁴ Filósofo brasileiro (1914-1985), militante, professor e escritor que pesquisava e escrevia, principalmente, sobre a pedagogia da libertação e educação popular. Durante a ditadura militar no Brasil (1964) exilou-se no Chile e no Peru.

O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimidade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. (...) Um método pedagógico de conscientização alcança últimas fronteiras do humano. E como o homem sempre se excede, o método também o acompanha. E “a educação como prática da liberdade”. Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem sequer tem condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que lutar para tomá-la. A prender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais, é um difícil, mas imprescindível aprendizado – é a “pedagogia do oprimido” (FIORI *in* FREIRE, 1987, p.11 – grifos do autor).

As reflexões de Fiori na obra em tela, nos faz compreender que a “consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história” (FIORI *in* FREIRE, 1987, p.9). Assim ampliamos nosso entendimento de consciência como categoria histórica, onde ser humano é levado a escrever sua história, como sujeito dela, num processo de reencontro e reconhecimento de si mesmo. No “método de alfabetização”, anunciado por Paulo Freire, a vida é re-vivida em profundidade crítica, onde

A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. (...) O método de conscientização de Paulo Freire refaz criticamente esse processo dialético de historicização. Como todo bom método pedagógico, não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele, o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la (FIORI *in* FREIRE, 1987, p.9).

Desta maneira, clareia-se, na obra em questão, a ideia de **aprendizagem como processo inacabado e permanente na busca de sua totalização, onde o ser humano abraça-se inteiramente em plenitude. Isto é a vivência da dialética, que na comunhão com os outros seres instaura-se o mundo em que se humaniza** (FIORI *in* FREIRE, 1987). E neste mundo, lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais, que a unidade dialética, como da subjetividade e da objetividade, “gera um atuar e um pensar certos *na e sobre* a realidade para transformá-la (FREIRE, 1987 p.14).

Neste sentido, estas concepções vão ao encontro das categorias desta dissertação, auxiliando-me para refletir sobre as fundamentações sobre Meio Ambiente, Sexualidade suas e interfaces, sob o pensamento paulofreireano, pautando-me principalmente nas relações dialéticas *eu, outro(s), no e com o mundo* de máxima para transformações de realidades locais e global.

Na obra em tela, Freire diz que um dos motivos de ter sido perseguido foi por suas críticas e denúncias à situação opressora. A pedagogia do oprimido, de pensamento paulofreireano, é então

(...) aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987, p.17).

Liberdade esta que exige uma busca permanente e responsável, e que é uma conquista e não uma doação, pois

Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. (...) implica no reconhecimento crítico, na “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (FREIRE, 1987, p.18 – grifos do autor).

Em “Pedagogia do Oprimido” entendemos que esta luta por ‘ser mais’ se inicia na autêntica luta para criação de uma situação que nasce na superação da antiga. A luta por libertação é como um doloroso parto e o ser humano que nasce deste parto é um ser humano novo “que só é viável *na e pela* superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se” (FREIRE, 1987, p.19 – grifos do autor). E neste processo de luta dos seres humanos tornarem-se ‘seres para si’ que se reflete sobre os processos de humanização *versus* processos de desumanização, já que

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (FREIRE, 1987, p.16).

Deste modo, na obra em tela, Paulo Freire nos diz, que como prática humanizadora, a pedagogia do oprimido é a pedagogia dos seres humanos empenhando-se na luta por sua libertação, assim

Os oprimidos hão de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção. A pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem. Somente ela, que se anima de generosidade autêntica, humanista e não “humanitarista”, pode alcançar este objetivo. Pelo contrário, a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização (FREIRE, 1987, p.22 – grifos do autor).

Complementando o exposto, Freire diz que a pedagogia do oprimido, sendo libertadora e humanista, terá dois momentos:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. Em qualquer destes momentos, será sempre a ação profunda, através da qual se enfrentará, culturalmente a cultura da dominação. No primeiro momento, por meio da mudança da percepção do mundo opressor por parte dos oprimidos; no segundo, pela expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros míticos, na estrutura nova que surge da transformação revolucionária (FREIRE, 1987, p.23).

Em suma, a pedagogia do oprimido implica em uma tarefa radical de comprometimento com a libertação dos seres humanos. Freire nos faz pensar ainda mais sobre as relações dos seres humanos entre si e com o Meio Ambiente quando indica que a consciência do opressor é necrófila, pois perde-se o contato com o mundo e transforma tudo que o cerca em objetos de domínio:

A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. Nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem (FREIRE, 1987, p.25).

Complementando o exposto na obra de Freire e agregando à reflexão sobre a relação ser humano e Meio Ambiente, trago a fala de Gadotti (2012):

Consideramos hoje a Terra também como um oprimido, o maior de todos. Por isso, precisamos também de uma pedagogia desse oprimido que é a Terra. Precisamos de uma Pedagogia da Terra como um grande capítulo da pedagogia do oprimido, precisamos de uma ecopedagogia. A ecopedagogia é uma pedagogia centrada na vida: considera as pessoas, as culturas, os modos de viver, o respeito à identidade e à diversidade (GADOTTI, 2012, p.15).

Ecopedagogia que reconheço nas categorias de pensamento paulofreireano ao elevar a Vida em totalidade, principalmente na valorização das diversidades de Ser e nos princípios de luta pelos direitos humanos para um mundo melhor.

Neste panorama de exaltar a dimensão ambiental como dimensão humana, e identificar em Freire fundamentos que indiquem ações de sustentabilidade, Gadotti traz o pensamento de Emily De Moore que cita a obra “Pedagogia do oprimido” e o pioneirismo desta pedagogia no entendimento de ser humano e de sociedade, e também por já alertar, há mais de 40 anos, que os sistemas de vida da Terra estavam sofrendo grandes estragos e destruições e como consequência Freire percebia a perda da capacidade de sustentar a vida no Planeta Terra. De Moore diz que **“se quisermos adotar uma pedagogia que produza valores de sustentabilidade, o pensamento de Freire deve ser estendido para incluir a libertação do mundo natural”** (DE MOORE, 2000, p. 12 *apud* GADOTTI, 2010, p.48 – grifo nosso).

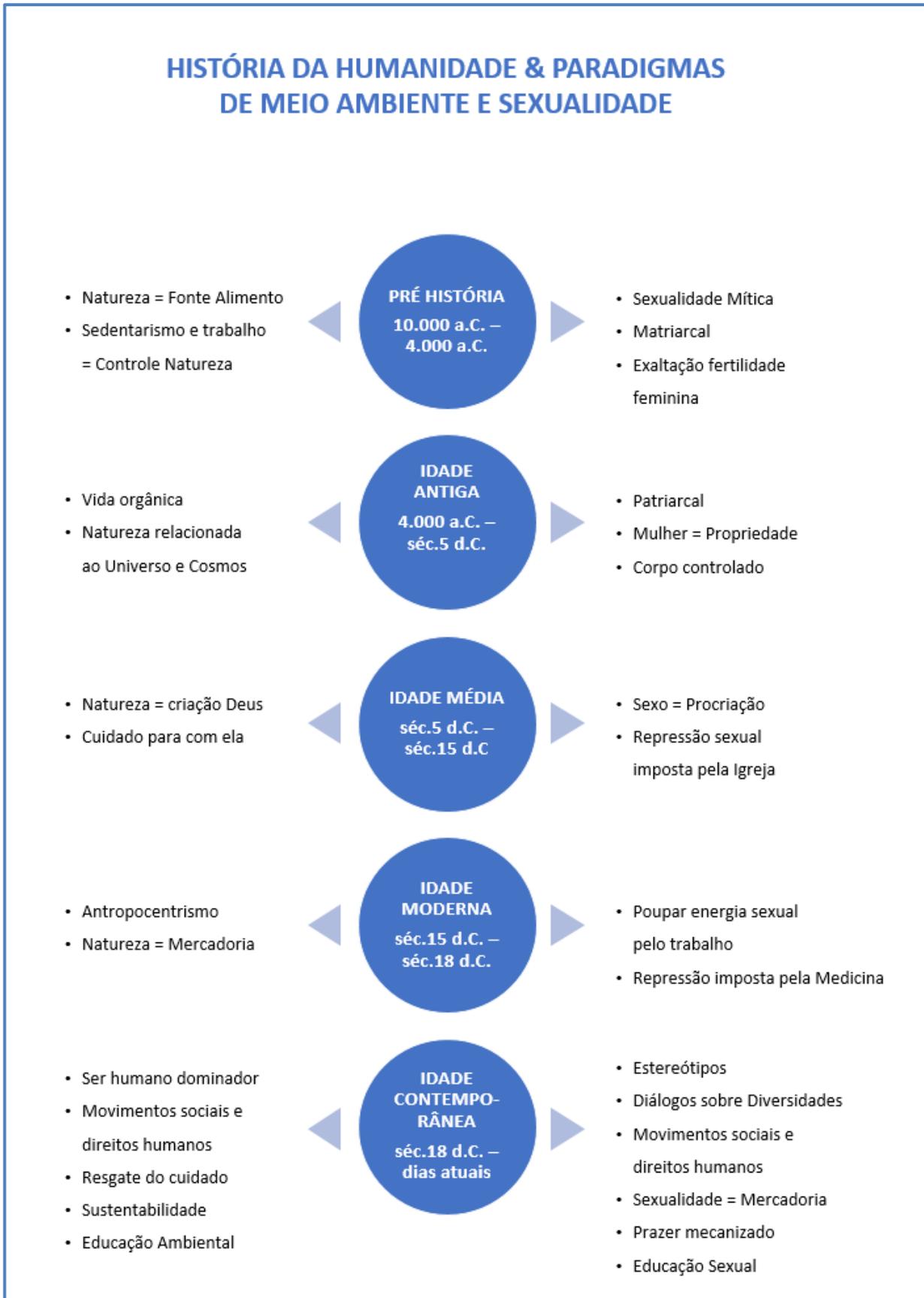
Estas perspectivas, principalmente, sobre sociedade e humanização indicadas por Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido”, me remetem a refletir sobre quando o ser humano se percebeu desconectado do Planeta Terra. E nos intensos processos de estudos e pesquisas desta dissertação, fiz alguns questionamentos:

- Em que momento histórico o ser humano, sempre sexuado, se entendeu desconectado da Natureza/Meio Ambiente/Planeta Terra?
- Atualmente qual paradigma vivemos sobre a relação ser humano e Meio Ambiente?
- Compreendendo a crise ambiental posta, como podemos contribuir para ações sustentáveis?
- Qual paradigma propõe a interligação de Meio Ambiente e Sexualidade?
- Qual paradigma se percebe no pensamento paulofreireano quando se reflete sobre contribuições deste às fundamentações de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces?

Para responder essas questões reflexivas realizei uma síntese de um resgate histórico para a compreensão do paradigma da relação ser humano e Planeta Terra, ao longo do tempo, agregando a este o estudo do paradigma da Sexualidade humana. Apresento a linha do tempo formulada a partir das pesquisas sobre a História da Humanidade e os paradigmas das dimensões humanas ambiental e sexual, na figura a seguir. Ressalto que nesta reflexão sobre sociedade e paradigmas colocam-se indicadores de modelos civilizatórios³⁵ predominantes de cada época, dos quais se tem conhecimento. Este conhecimento da História da Humanidade também é considerado importante nesse ponto de diálogo para ampliar as fundamentações sobre as interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade.

³⁵ Perfis que marcam o estágio de desenvolvimento cultural em que se encontra um determinado povo.

Figura 3 - Linha do tempo sobre os paradigmas de Meio Ambiente e Sexualidade



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Pensando no futuro do Planeta Terra para as próximas gerações, a sociedade atual, com as crises ambientais postas, traça valores para vivência de um novo paradigma pautado na sustentabilidade, bem como em direitos humanos. Deste modo, se faz essencial analisar como a Natureza foi e é tratada e percebida para então pontuar maneiras de protegê-la e tornar concreta a vivência do direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado pensando nas gerações futuras, com atitudes locais com alcance global (LIMA; CALILI, 2015).

Em seu estudo, Lima e Calili (2015) indicam que como os demais seres vivos, o ser humano influencia a Natureza e retira dela recursos para sua sobrevivência. Para o ser humano o conceito Natureza tem uma construção cultural, interferindo nos modelos sociais, e este conceito é alterado ao longo do tempo da História da Humanidade.

Comumente a História da Humanidade é dividida em 5 períodos: Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Na Pré-História, resumidamente pontuo, iniciou-se a vivência em grupos, a comunicação aconteceu por símbolos e gestos, e uma das principais atividades era a caça. A relação com a Natureza era como fonte de alimento (LIMA; CALILI, 2015).

Segundo Nunes (2003), os primeiros vestígios da Sexualidade humana aparecem no período Paleolítico, marcado pelo matriarcalismo. As maneiras de manifestações da contemplação do corpo feminino são diversas, desde pinturas e gravuras nas cavernas até esculturas. A vagina, representada por um triângulo, era venerada nas representações simbólicas e em cultos à fertilidade feminina, assim a Sexualidade era envolvida de uma significação mítica (NUNES, 2003). O ser humano era *uno* e entregue ao mundo, não havendo dicotomia entre ser humano e Natureza (MELO, 2004).

Já no período Neolítico (de 8000 a.C. até 5000 a.C.), o sedentarismo foi o caminho para o ser humano iniciar seu 'controle' da Natureza. Ocorreu, neste período, a domesticação de animais, o desenvolvimento de técnicas de tecelagem e o desenvolvimento da produção agrícola e de cerâmica. Sendo assim, Mariano; et al (2011) indicam que a relação de exploração do ser humano pela Natureza aconteceu/acontece pelo trabalho, gerando transformação do espaço vivido e mudanças nas relações entre seres humanos.

Neste período, a vida em cavernas proporcionou segurança e estabilidade modificando a estrutura interna das tribos. Com as condições de frio e a caças maiores iniciou-se negociações intertribais, colocando fim nos relacionamentos incestuosos (DUARTE; CHRISTIANO, 2012). O poder passa a ser centrado na figura masculina, com o domínio dos meios de produção, o homem passa a ser pai e/ou chefe das tribos. E assim desenvolve-se, com o passar do tempo, a

formação de exércitos e a defesa às propriedades de terra, configurando um modelo patriarcal (NUNES, 2003).

Já na Idade Antiga, que é marcada pela origem da escrita, por volta de 4.000 a.C., originam-se as principais religiões como cristianismo, budismo e judaísmo. Avanços teóricos ocorreram nos campos da matemática, história, astronomia e da filosofia, com o ápice das ideias dos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. Neste período viveu-se a compreensão de Natureza mística à ideia que nela se vive e dela retira-se os recursos para sobrevivência, não se preocupando com a escassez dos mesmos, afinal ela é eterna (SILVA, 2017. LIMA; CALILI, 2015).

Neste período a mulher passa a ser compreendida como propriedade do homem, assim como os animais. Com a estrutura social monogâmica, a taxa de natalidade aumentou favorecendo a mão de obra em lavouras. Com a formação do povo hebreu valorizou-se a formação da família com o sexo destinado à procriação, onde ter numerosos filhos era considerado benção divina. Ter filhos do sexo masculino era positivo para a sucessão do nome da família e aumento do número de posses, já as filhas eram consideradas prejuízos, devido ao preço dos dotes (DUARTE; CHRISTIANO, 2012).

Na Idade Antiga, o Estado chega a glorificar o corpo humano, elevando-o a categoria de arte, porém em um mesmo momento tem-se o processo de ocultamento do corpo (MELO, 2004). Deste modo, no processo civilizador a Sexualidade é submetida às normas de controle e costumes com padrões de comportamento voltados à submissão da mulher ao homem, observado desde a cultura grega, da qual misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos envolvia também a exclusividade dos homens em jogos e festas, bem como na vida militar e administrativa, não havendo repressões na expressão da Sexualidade masculina (NUNES, 2003). Refletindo sobre a concepção dualista corpo-alma, exemplifico o pensamento do período com Platão (427-347 a.C.) que compreendia o corpo como cárcere da alma (MELO, 2004).

O paradigma da relação ser humano e Natureza se altera muito neste período. Num primeiro momento, a Natureza estava relacionada em sua totalidade, com Universo e cosmos, assim como o ser humano é parte desse cosmos. Deste modo, o paradigma é da ‘vida orgânica’, a Natureza é eterna e é princípio do que surge e desaparece. Já na época de Homero (entre os séculos IX e VIII a. C.), poeta da Grécia Antiga, o paradigma da Natureza era místico, uma mistura de forças incontroladas e organização rudimentar, em que o ser humano vivia sobre a ação dos deuses (deuses do mar, dos rios, etc.) (SILVA, 2017. LIMA; CALILI, 2015).

Ainda na Idade Antiga, Tales de Mileto (624 a.C. - 547 a.C.) identificou o princípio da existência por meio de uma origem única, e se pautou na água para este estabelecimento de ideia, constatando que a água está em todo lugar que há vida, assim quando não há água, não há vida. Neste período, também, há a formulação do princípio da vida por meio do átomo, ideia com origem em Leucipo e Demócrito, discurso materialista que é marca do primeiro discurso que não se justifica a ligação às divindades (LIMA; CALILI, 2015).

Já no período da Idade Média, datada no século V d.C. com o apogeu do Império Romano, a religião foi a grande mediadora dos comportamentos sociais com intervenções nas decisões do Estado. Os dez séculos de duração da Idade Média são marcados pela presença, principalmente da igreja católica e sua influência nas Cruzadas pelo Oriente Médio e do período obscuro dos registros históricos, com pouca produção literária, denominado “Idade das Trevas” (SILVA, 2017). A concepção de Natureza baseada na tradição bíblica diz que ela é o âmbito da criação de Deus, logo não surgiu espontaneamente e o mundo tem um início e um fim. Na Natureza manifestam-se a bondade e a sabedoria divinas, assim o cristianismo tinha como valor o cuidado para com ela (LIMA; CALILI, 2015).

Deste modo, com o predomínio das regras e normas da Igreja, a Sexualidade era entendida como pecado, logo, uma visão negativa da mesma, carregada por um moralismo religioso. As pessoas que eram ‘pegas’ expressando sua Sexualidade tinham suas partes íntimas queimadas ou eram enforcadas, demonstrando o caráter repressor e punitivo da época. É sob esta moral sexual rígida que o celibato e a submissão são exaltados, principalmente nos corpos das mulheres, e o sexo era defendido com o fim único de procriação (NUNES, 2003).

Melo (2004) indica em sua tese “Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras” que foi na cultura cristã ocidental que se deu a construção do dualismo corporeamente, assim sob esta concepção o ser humano sofre um reducionismo e diversos tipos de repressões. Este dualismo nefasto que ainda impera nos dias atuais e representa nossas dificuldades nas expressões das nossas Sexualidades, as fragilidades das relações para consigo, com o(s) outros e também com o mundo, e o raro diálogo intencional, principalmente nos espaços educativos formais devido, ainda, o conservadorismo que impera em todos os âmbitos da sociedade do século XXI.

Melo também reflete sobre a dicotomia corpo-alma, que tem gênese no pensamento de Platão que ao apontar a visão hegemônica do corpo como prisão da alma atravessa a filosofia medieval. Assim,

Na Idade Média, até o século X, por muitos chamada de Idade das Trevas, houve um retrocesso ainda maior no entendimento do corpo, tendo este sido cada vez mais desvalorizado. Foi um tempo de ignorar e depreciar a matéria encarnada, portanto mortal, frente à glorificação da alma, esta sim imortal. O corpo era visto como algo desprezível, sujo, fonte de pecado, devendo por isso ser disciplinado, supliciado, regulado, pois tudo que era material era provisório, mundano (MELO, 2004, p.42).

Deste modo, o período de Inquisição é considerado pela teórica como expressão maior do corpo que precisa ser castigado para elevação da alma (MELO, 2004).

A Idade Moderna (1453-1789) é marcada por novos pensamentos acerca da política, economia, filosofia e religião, e pela transição do sistema feudal para o capitalismo. O relacionamento ser humano e Natureza de distanciamento fica mais evidente com a revolução científica, no século XVI, elevando o modelo de racionalidade e onde a pessoa humana se torna pela ciência o ‘ser possuidor da natureza’ como indicado por Bacon (MARIANO; et al, 2011). Essa consagração da dominação humana à Natureza é elevada com o antropocentrismo e com a imposição da mecânica newtoniana e o racionalismo cartesiano com “o ritmo mecânico da natureza, o mundo da máquina, decomposto em elementos, em partes, resultando numa visão de mundo marcado pelo determinismo mecanicista” (MARIANO; et al, 2011, p.160).

Neste período, a Sexualidade era tão repreendida como no período histórico anterior, com diferentes formas de controle da população, condenando a expressão da Sexualidade, principalmente da masturbação como anomalia e a homossexualidade como deficiência mental. Esses indicadores eram impostos pela medicina que se caracteriza como um dos campos de repreensão do período. Com a intenção de regular o capitalismo e fazer com que a mão-de-obra poupe força e o capital se amplie, o sexo era, então, entendido como o grande inimigo do trabalho. O capitalismo apropriou-se de um controle anteriormente estabelecido pela Igreja dominando os corpos para a mão-de-obra (NUNES, 2003).

Assim, sob a máxima do pensamento cartesiano “penso, logo existo”, o ser humano é expresso em sua razão, fortalecendo a dualidade corpo-mente, elevando-se o corpo humano como conjunto mecânico estabelecendo-se novos processos controladores e disciplinadores dos corpos (MELO, 2004).

Com a Idade Contemporânea, que é o período em que nos encontramos atualmente, há um amadurecimento no progresso científico e a busca por conhecimentos novos para compreensão do ser humano, marcado por ideias iluministas da Revolução Francesa. Aconteceram neste espaço de tempo as maiores guerras e catástrofes da História, como por exemplo a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a Guerra Fria, a criação da bomba atômica e as guerras de independência de nações (MARIANO; et al, 2011).

Neste período, também, o ser humano buscou novas formas de convivência social e sistemas de organização, onde destaco a sociologia proposta por Karl Marx. O período de Revolução Industrial enfatizou ainda mais a Natureza como objeto de posse e de dominação do ser humano. Mariano; et al apontam que

Essa decomposição da natureza é o reflexo da superioridade imposta pela sociedade. O excessivo domínio do homem sobre o natural por meio do progresso, resultando na dicotomia homem-natureza. Hoje, a sociedade vigente questiona essa ação, pois foi imposto um ritmo acelerado em nome do desenvolvimento econômico, desconsiderando que as partes formam o todo e quando uma parte não é considerada pode ocasionar mudanças, as quais foram denominadas por muito tempo como catástrofes, sendo muitas vezes resultantes das ações humanas (MARIANO; et al, 2011, p.161).

O acelerado ritmo de ‘desenvolvimento’ econômico, com discurso de progresso, avançou/avança para níveis maiores de degradações ao Meio Ambiente. A obsessão por tecnologias atualizadas e

(...) em nome da tecnologia a qualquer custo que se desenvolveu uma dominação da natureza pelo homem, separando este último cada vez mais do controle do processo produtivo, ou seja, o desenvolvimento capitalista baseado no progresso destruiu e criou várias formas de apropriação da natureza enquanto mercadoria (MARIANO; et al, 2011, p.161).

O capitalismo apreendeu a Sexualidade como base de uma máquina de consumo e assim eclodiram movimentos de contestação por libertação sexual, e ao mesmo tempo maiores números de estudos científicos, interferindo na medicina e na perspectiva sobre saúde humana e Sexualidade. O processo tecnológico e o consumo das massas disseminam entre os seres humanos o ‘Ter’ e não o ‘Ser’, o sexo é considerado um produto e as indústrias pornográficas e de exploração sexual são evidenciadas, assim a mulher é vista como objeto sexual, exposta constantemente pelas mídias (NUNES, 2003). Entretanto, é

Na materialidade do século XIX, com o surgimento do paradigma do materialismo histórico-dialético, o homem também começa a ser visto como consciência histórica inserida no corpo, constituído e constituinte na teia das relações sociais estabelecidas em seu modo de produzir vida (MELO, 2004, p.45).

Neste sentido, os movimentos sociais, principalmente os feministas e ambientais, trouxeram reflexões para uma nova configuração social, fazendo-nos pensar sobre o modelo repressor e dominador, impresso pelo patriarcado. Na perspectiva de luta pelos direitos, a Educação também entra em pauta e autores como Paulo Freire ganham voz sob o pensamento de transformação da Educação por meio da vivência da cidadania.

Assim, vivemos em uma sociedade capitalista marcada pela globalização, passando por momentos de crise para uma transição de modelo capitalista e dualista para uma perspectiva totalitária e vivência da sustentabilidade, que teóricos como Leonardo Boff e Moacir Gadotti

entendem como um novo paradigma. Entretanto, vale dizer que há diversas vertentes sobre a sustentabilidade que aqui trago um conceito simples de Leff que diz que

(...) a sustentabilidade é uma maneira de repensar a produção e o processo econômico, de abrir fluxo do tempo a partir da reconfiguração das identidades, rompendo o cerco do mundo e o fechamento da história impostos pela globalização econômica. (LEFF, 2010, p. 31)

Pensando sobre a importância da globalização para refletir sobre a sociedade atual e agregar ao resgate sobre as mudanças paradigmáticas para este estudo que indico que me pauto no conceito de globalização proposto por Gadotti:

A globalização, impulsionada pela tecnologia, parece determinar cada vez mais nossas vidas. As decisões sobre o que nos acontece no dia-a-dia parecem nos escapar, por serem tomadas muito distante de nós, comprometendo nosso papel de sujeitos na história. Mas não é bem assim. Como fenômeno, como processo, a globalização é irreversível. Mas não esse tipo de globalização, esse modelo de globalização, o “globalista” (Ianni, 1996) ao qual estamos submetidos hoje: a globalização capitalista. Seus efeitos mais imediatos são o desemprego, o aprofundamento das diferenças entre os poucos que têm muito e os muitos que têm pouco, a perda de poder e de autonomia de muitos estados e nações. Há, pois, que distinguir os países que hoje comandam a globalização – os globalizadores (países ricos) – dos países que sofrem a globalização – os globalizados (pobres). Dentro deste complexo fenômeno, podemos distinguir também a globalização econômica, realizada pelas transnacionais, da globalização da cidadania. Ambas se utilizam da mesma base tecnológica, mas com lógicas opostas. A primeira, submetendo estados e nações, é comandada pelo interesse capitalista; a segunda globalização – a “outra” globalização, como é chamada por Milton Santos (2000) – é a realizada pelas organizações da sociedade civil global (GADOTTI, 2012, p.29 – grifos do autor).

Neste sentido, refletindo sobre a nova relação ser humano e Meio Ambiente que se estabelece em momento de crise ambiental devido as diversas destruições ao Planeta Terra, Mariano; et al (2011) apontam que

(...) a relação sociedade/natureza é uma forma de materialização do modo de produção. Temos necessidade de conceber uma nova relação sociedade/natureza e não simplesmente mudar de modo de produção (...). É necessário procurar desenvolver formas de apropriação que considerem o ecossistema como um todo, ou o ambiente. Talvez o nosso grande desafio seja apresentar novos discursos ambientais que efetivamente trabalhe o sistema como um todo (MARIANO; et al, 2011, p.168-169).

Sob está ótica, os autores Mariano; et al (2011) também acreditam que atualmente a sociedade está no processo de conscientização da sua participação na destruição dos recursos naturais e do aumento dos riscos ao Planeta Terra. Tomada de consciência essa baseada no “pensamento ecológico” que reflete sobre o modelo econômico industrial que separou o ser humano da Natureza.

Capra (1982) indica que necessitamos de um novo paradigma em contraposição ao desenvolvimento desenfreado posto, analisando o Planeta Terra enquanto organismo vivo. Perspectivas como a Ecopedagogia e entendimento de cidadania planetária, exaltados por Gadotti inspirado em Paulo Freire, e de vivência do paradigma da sustentabilidade, por exemplo, têm como princípio a integração do cuidado dos seres humanos para consigo e para

com o Planeta Terra. Exalto que muitas destas novas perspectivas se pautam em uma percepção de mundo holística.

Complementando o exposto, trago a visão de Gadotti sobre cidadania planetária que muito me inspira a refletir sobre as interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade, em pilares que Freire exalta, principalmente na obra em diálogo, “Pedagogia do Oprimido”, como a cidadania e democracia. Gadotti diz que

O conceito de cidadania planetária tem a ver com a consciência, cada vez mais necessária, de que somos todos habitantes de uma única casa, de uma única morada, de uma única nação. Temos uma identidade terrena, somos terráqueos. Assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Nós não estamos no mundo; nós somos partes dele. Não viemos ao mundo; viemos do mundo. Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço. Temos um destino comum (GADOTTI, 2010, p.45).

Esta compreensão, para mim, vai ao encontro da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais, bem como nas categorias desta dissertação ao elevar a integração entre Meio Ambiente e Sexualidade, a inter-relação entre Planeta Terra e seres humanos, do entendimento da dimensão totalidade tanto dos seres humanos como do Planeta Terra, adicionado a reflexão sobre direito humano universal que indica a cidadania planetária.

Neste sentido, pensando sobre a sociedade atual e refletindo sobre a necessidade de mudança paradigmática e da edificação de um mundo melhor, para todas as pessoas, é que Gadotti fala que

A construção de uma nova forma de existência no planeta implica aprendizado sobre nossa escola, nosso bairro, nossa casa, nossa cidade e sobre como podemos transformá-los num lugar de vida comunitária em que a corresponsabilidade pela criação da “vida que se vive” é construída solidária e democraticamente. Um lugar que vai se configurando a partir da participação de pessoas, grupos humanos e unidades sociais, entrelaçando a sociedade civil (todas e todos nós, pessoas da vida de todos os dias), o poder público (pessoas e instituições escolhidas por nós e que nos representam) e o mundo empresarial (as pequenas, médias e grandes corporações de realização de trabalhos produtivos). O desafio é reencantar as crianças, adolescentes, jovens e adultos para que percebam seu pertencimento ao planeta (GADOTTI, 2010, p.8 – grifos do autor).

Sob esta ótica, adianto que a leitura e análise do pensamento de Paulo Freire, nas sete obras analisadas nesta dissertação, me inspirou a pensar na Educação como caminho para transformação e para processos educacionais intencionais para sensibilização de pertencimento ao Planeta Terra e da autopercepção dos seres como inteiros em suas diversidades e dimensões, como a Sexualidade, inseparáveis da vida humana.

Ressalto que os diálogos de Educação Ambiental e de Educação Sexual, principalmente nas Escolas, têm gênese nos movimentos sociais que compreenderam a urgência de refletir sobre Meio Ambiente e sobre Sexualidade, principalmente pensando, por exemplo, o cuidado do Planeta Terra, visto as problemáticas ambientais observadas desde meados da década de 50,

e o cuidado consigo mesmo, por exemplo, pelos altos índices de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, por volta da década de 60. Assim, observa-se que os direitos humanos e a Educação são influenciados pelos diversos movimentos ecológicos e ambientais, bem como pelas diversas vertentes de feminismos. Entretanto, ainda há fragilidades nos diálogos e nos currículos escolares que não vivenciam uma efetiva formação para o Ser integral.

Percebe-se, então, que **a relação ser humano e Natureza/Meio Ambiente, bem como ser humano e sua Sexualidade, modificaram-se com o passar do tempo devido as mudanças no modo de produção.** Do matriarcado, de mulher e Natureza sagradas à patriarcado e dominação da Natureza com destruições no Planeta Terra. Sob a perspectiva da luta dos movimentos sociais, pelos direitos humanos, observo um processo de retorno aos valores de conexão com a Natureza, de reconhecimento do Sagrado Feminino³⁶ e das mulheres em cargos antes dominados pelos homens, como no âmbito da política, por exemplo.

Ouso, portanto, indicar que a crise posta apresenta uma ruptura e uma mudança de paradigma de retorno à Vida, valorizando-a em sua totalidade e suas relações de integração (eu, outro(s), no e com o mundo). Entretanto o pensamento dualista encharcado de fragmentações e moralidades nos fez e ainda faz vivenciar e realizar atrocidades, contra o Planeta Terra, logo contra nós mesmas/os. Entendo, assim, que vivemos tempos de redescobertas, por isso penso no “resgate à totalidade perdida”: as mulheres voltam a “ter voz”, as diversidades de Ser são exaltadas e a integração com o Planeta Terra é recompreendida/reaprendida. Afinal **já conhecemos o mundo e o ser humano dicotomizados e vivência da dualidade, e acredito eu, inspirada na perspectiva dialética, esse “mundo dual” se fez necessário para o resgate da vivência de relação *una* com o Meio Ambiente.**

Neste sentido, inspiro-me na obra em diálogo, “Pedagogia do Oprimido”, e reflito sobre a concepção de humanismo do pensamento paulofreireano e amplio o olhar para a fundamentação sobre Meio Ambiente e Sexualidade na sociedade do consumo, onde pelo meio de produção capitalista os seres humanos reafirmam, com suas ações, a fragmentações nas relações *eu, outro(s), no e com o mundo*, possuindo assim consequências, levando em suma o suicídio humano e a morte (destruições) do Planeta Terra, das quais a reversão é possível, acredito eu, por meio de uma *práxis* conscientizadora e crítica, como Freire nos indica, principalmente na obra em tela. Esta *práxis* paulofreireana percebo como um sinal de esperança

³⁶ Filosofia que busca honrar a energia feminina, a ancestralidade e a irmandade entre as mulheres, exaltando os ciclos femininos e lunares, bem como o despertar da feminilidade e da sexualidade.

que Freire nos brinda para pensarmos as possibilidades de transformação de realidades, já que a *práxis*

(...) é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela (FREIRE, 1987, p.21).

Deste modo, como os opressores se formam no amor à morte, na objetificação do outro e do mundo tornando-os dual, devemos nos pautar em um amor às avessas para transformação: um amor à vida, como diz Freire. Assim,

Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser (FREIRE, 1987, p.24).

Este direito de Ser, fundamentação do pensamento paulofreireano, me inspira a pensar o direito de Ser difundido pela Carta da Terra e pela Declaração dos Direitos Sexuais, principalmente pelos vieses que abarcam a diversidade humana e a biodiversidade do Planeta Terra.

Em continuidade à reflexão sobre a relação opressor-oprimido relacionada à morte da vida, Paulo Freire diz, na obra em diálogo, que assim como a opressão, controle esmagador, é necrófila, a concepção “bancária”, que a ela serve, também o é.

No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-la mais e mais humano. Seu ânimo é justamente o contrário – o de controlar o pensar e a ação, levando os homens ao ajustamento ao mundo. É inibir o poder de criar, de atuar. Mas, ao fazer isto, ao obstaculizar a atuação dos homens, como sujeitos de sua ação, como seres de opção, frustra-os (FREIRE, 1987, p.37).

Sendo assim, a Educação comprometida com a vida tem como princípio os seres humanos “como ‘corpos conscientes’ e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1987, p.38 – grifos do autor).

Sob esta ótica de amor à vida se apresentam a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais, prezando por uma Educação comprometida e consciente voltada à liberdade, à autonomia, à igualdade, à equidade³⁷, ao respeito, enfim à um mundo de paz para todas as

³⁷ Equidade tem sido mais comumente utilizado nas duas últimas décadas com os debates sobre feminismo e ações afirmativas. Igualdade é uma das categorias paulofreireanas. Tanto equidade como igualdade são utilizadas como princípios dos documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais. Igualdade é proporcionar às pessoas as mesmas oportunidades e equidade é adaptar as oportunidades tornando-as mais justas. Assim, compreendo que ao promover a equidade chega-se à igualdade. Exemplificação pode ser visualizada na imagem em:

pessoas em todas as suas diversidades, para todos os seres vivos e para um Planeta Terra realmente vivo.

Em “Pedagogia do Oprimido”, Freire fala de uma Educação como prática da liberdade, contrária a prática de dominação, implicando então “na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 1987, p.40), logo exaltando o ser humano em sua totalidade, em sua inteireza, valorizando todas as suas dimensões que aqui eleva-se a ambiental e a sexual.

E desta maneira, uma Educação onde educadoras/es e educandas/os são co-intencionadas/os à realidade “se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de re-criar este conhecimento” (FREIRE, 1987, p.31), e “ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes, (...) a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento” (FREIRE, 1987, p.32). Uma Educação onde a relação que se estabelece é de educadora/or-educanda/o e educanda/o-educadora/or, assim a educadora/or já não é a/o que apenas educa, mas a/o que, enquanto educa, é educada/o, em diálogo com a/o educanda/o que, ao ser educada/o, também educa. Como sujeitos do processo, ambas/os, crescem juntas/os (FREIRE, 1987). Deste modo, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.39).

Freire deixa claro, na obra em diálogo, que, contrária à prática de concepção “bancária” que sugere uma dicotomia, inexistente, de ser humano-mundo, a educação libertadora compreende o ser humano *no e com o mundo, e com os outros*, em totalidade, em interconexão, em permanente processo de criação. Assim, a busca por ‘ser mais’, proferida pelo pensamento paulofreireano, se dá na coletividade, em comunhão e solidariedade, por meio do encontro dos seres humanos que é o diálogo, mediatizados pelo mundo, no estabelecimento da relação *eu-tu*. Relação esta que tem como princípio o amor, categoria paulofreireana que indica que **“se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”** (FREIRE, 1987, p.45 – grifo nosso). Amorosidade esta que se faz fundamental para vivência dos direitos indicados pela Carta da Terra e pela Declaração dos Direitos Sexuais.

Paulo Freire me faz pensar sobre a minha prática como pedagoga, estudante de pós-graduação e pesquisadora quando diz que nos falta uma compreensão crítica da totalidade

(...) em que estão captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada (FREIRE, 1987, p.55).

O teórico complementa o exposto ao dizer que

Uma das características destas formas de ação, quase nunca percebida por profissionais sérios, mas ingênuos, que se deixam envolver, é a ênfase da visão focalista dos problemas e não na visão deles como dimensões de uma totalidade. Quanto mais se pulveriza a totalidade de uma área em “comunidades locais”, nos trabalhos de “desenvolvimento de comunidade”, sem que estas comunidades sejam estudadas como totalidades em si, que são parcialidades de outra totalidade (área, região, etc.) que, por sua vez, é parcialidade de uma totalidade maior (o país, como parcialidade da totalidade continental) tanto mais se intensifica a alienação. E, quanto mais alienados, mais fácil dividi-los e mantê-los divididos (FREIRE, 1987, p.80 – grifos do autor).

Esta perspectiva me remete às ações do Grupo de Pesquisa EDUSEX que indica que no princípio de qualquer projeto intencional de Educação Sexual Emancipatória devemos conhecer o macro para agir, por meio da sensibilização, no micro.

Como nos inspira Freire a pensar: não podemos trabalhar com pessoas analfabetas de uma comunidade se não levarmos em consideração sobre como o analfabetismo é construído em nosso país, e conhecer e refletir sobre as propostas para sua erradicação vivenciadas em outros locais do mundo. Assim, me aponta o pensamento paulofreireano que em um projeto, intencional, sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces se faz primordial o conhecimento de como estas temáticas são abordadas no Brasil, bem como em outras partes do mundo, para diálogos críticos e problematizadores em uma *práxis* coerente para contribuir com a troca de conhecimentos à uma comunidade, e a partir daí investigar sobre a realidade local para continuidade ao processo dialógico e dialético.

Uma das indicações de Freire para práticas transformadoras na Educação e na pesquisa científica é o trabalho interdisciplinar, em um diálogo com profissionais de áreas diversas, agregando à troca de conhecimento por meio de diferentes perspectivas sobre um mesmo tema, em espírito de colaboração.

Convergindo com as reflexões, Paulo Freire nos propõe, na obra em tela, uma revolução biófila, criadora de vida,

(...) ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida. Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”. E a “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vida. Acreditamos não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quanto, no Brasil e na América Latina em geral, são “mortos em vida”, são “sombras” de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançados e submetidos a uma permanente “guerra invisível” em que o pouco de vida que lhes resta vai sendo devorada pela tuberculose, pela esquistossomose, pela diarreia infantil, por mil enfermidades da miséria, muitas das quais a alienação chama de “doenças tropicais”... (FREIRE, 1987, p.99 – grifos do autor).

Esta revolução *com, para e pela vida*, em sua diversidade, me aponta, mais uma vez, o encontro entre Carta da Terra, a Declaração dos Direitos Sexuais e o pensamento paulofreireano. A revolução permeada pela luta pelos direitos humanos deve ter como bases a união e a organização refletindo na recriação de um mundo mais humano (na perspectiva de vida, e não de morte e desumanização).

Para uma *práxis* revolucionária, de transformação do mundo, se faz fundamental reafirmar que os seres humanos “porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um ‘corpo consciente’, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (FREIRE, 1987, p.51 – grifos do autor), onde o eu dialógico sabe exatamente que é o tu (outro) que o constitui. Assim,

Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu –, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, *o eu e o tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu. (...) sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação (FREIRE, 1987, p.96 – grifos do autor).

Pensando sobre a necessidade de revolução e fazendo-me ainda refletir sobre a prática como pedagoga e pesquisadora que se pauta em processos educacionais para emancipação do Ser, Freire diz, em “Pedagogia do Oprimido”, que

(...) os profissionais, de formação universitária ou não, de quaisquer especialidades, são homens que estiveram sob a “sobredeterminação” de uma cultura de dominação, que os constituiu como seres duais. Poderiam, inclusive, ter vindo das classes populares e a deformação, no fundo, seria a mesma, se não pior estes profissionais, contudo, são necessários à reorganização da nova sociedade. E, como grande número entre eles, mesmo tocados do “medo da liberdade” e relutando em aderir a uma ação libertadora, em verdade são mais equivocados que outra coisa, nos parece que não só poderiam, mas deveriam ser reeducados pela revolução (FREIRE, 1987, p.90 – grifos do autor).

Paulo Freire traz algo urgente para pensar: a formação docente. Ponto que estudo desde a graduação em Pedagogia e compreendo de total importância para realizar uma Educação com diálogo intencional, crítico e consciente sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, que são temáticas, ainda, repletas de tabus, receios, inseguranças e desconfortos.

Sob a premissa de quebra da nossa, dita, constituição como seres humanos dicotomizados e sociedades duais, Freire nos sugere que

Como seres históricos, como “seres para si”, autobiográficos, sua transformação, que é desenvolvimento, se dá no tempo que é seu, nunca fora dele. Esta é a razão pela qual, submetidos a condições concretas de opressão em que se alienam, transformados em “seres para outro” do falso “ser para si” de quem dependem, os homens também já não se desenvolvem autenticamente. É que, assim roubados na sua decisão, que se encontra no ser dominador, seguem suas prescrições. Os oprimidos só começam a desenvolver-se quando, superando a contradição em que se acham, se fazem “seres para si”. Se, agora, analisamos uma sociedade também como ser, parece-nos concludente que, somente como sociedade “ser para si”, sociedade livre, poderá desenvolver-se. Não é possível desenvolvimento de sociedades duais, reflexas, invadidas, dependentes da sociedade metropolitana, pois que são sociedades alienadas, cujo ponto de decisão política, econômica e cultural se encontra fora delas – na sociedade metropolitana (FREIRE, 1987, p.92 – grifos do autor).

Neste sentido, a revolução, proposta por Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido”, permite a reconstrução da sociedade em sua totalidade nos múltiplos quefazeres da *práxis* humana, como campo de sua ação formadora. Sendo assim, “a formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente, de sua humanização” (FREIRE, 1987, p.90).

De tal modo, a Ciência da Educação, campo em que estou presente, pode e deve utilizar os recursos tecnológicos pautando-se em uma prática educacional humanizadora, e jamais alienadora. Caminho este que o pensamento paulofreireano nos indica por meio do diálogo e da problematização. Se assim não for estaremos fazendo o ‘mais do mesmo’ e enchendo as prateleiras de bibliotecas com trabalhos para ‘captar poeira’.

Em suma, Paulo Freire nos fala em “Pedagogia do Oprimido” que era contra o paradigma educacional e social dicotômico e entendia que a Educação deveria ser mais do que transferir conhecimentos, propiciando um modo de intervir no mundo, onde a realidade possa ser apreendida com criticidade e ética. Freire nos indica a possibilidade de transformação por meio da revolução em comunhão com a formação técnico-científica de bases humanistas nos fornecendo mais sinais de esperança às mudanças na Educação por meio das nossas atitudes, também, como pesquisadoras/es das Ciências da Educação.

Freire, durante “Pedagogia do Oprimido” fala ainda sobre a luta para garantia dos direitos humanos à todas as pessoas, por meio da relação dialógica e problematizadora, onde os oprimidos precisam se conscientizar da necessidade de libertação e reivindicação para a promoção e proteção dos direitos humanos.

Desta maneira, a obra comunga com a Carta da Terra sob os direitos: respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); afirmar a igualdade e a equidade

de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT); integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

Iluminando a Declaração dos Direitos Sexuais com a obra em tela observa-se a convergência sob a premissa dos direitos: direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS); direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

Para exemplificar o caminho metodológico que me levou a essas ‘conclusões provisórias’ (pois sempre somos eternos inacabados como diz Paulo Freire) trago a seguir um quadro com dois exemplos de como ocorreu a movimentação de convergência dos documentos, tendo como base “Pedagogia do Oprimido”.

Quadro 9 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Pedagogia do Oprimido

| Obra: Pedagogia do Oprimido (1970) *aqui usada a 17ª edição de 1987 | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| Os oprimidos que se "formam" no amor à morte, que caracteriza o clima da opressão , devem encontrar, na sua luta , o caminho do amor à vida , que não está apenas no comer mais, se bem que implique também nele e dele não possa prescindir. É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como "coisas". É precisamente porque reduzidos a quase "coisas", na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de quase "coisas". Não podem comparecer à luta como quase "coisas", para depois ser homens. É radical esta exigência (p.31). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 2, Item 3, Item 10, Item 13. |
| Amor , não, porque é um ato de coragem , nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa . A causa de sua libertação . Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico . (...) Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo (p.45). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 1, Item 2, Item 3, Item 10, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

2.2.3 Dialogando com a 3ª obra: Educação e Mudança

A obra foi lançada após o retorno de Freire em 15 anos de exílio. No prefácio do livro, Moacir Gadotti³⁸ diz que as obras paulofreireanas são expressão dos oprimidos e que um dos diferenciais do teórico é seu otimismo crítico. Para Gadotti “Educação e Mudança” é uma “obra inquietadora, perturbadora, revolucionária” (GADOTTI *in* FREIRE, 2010, p.10) e que “depois de Paulo Freire não é mais possível pensar a educação como um universo preservado, como não foi mais possível pensar a sociedade sem a luta de classes após a dialética de Marx” (GADOTTI *in* FREIRE, 2010, p.11).

Como lhe é comum, Freire aborda, também na obra em tela, sobre suas categorias fundantes por meio da reflexão sobre sociedade, ser humano e Educação. Perpassando a importância do diálogo e da consciência crítica para vivências amorosas e de luta pelos direitos fundamentais à uma vida plena, digna e de paz. Mudança, assim como conscientização, é uma categoria do pensamento paulofreireano, exaltado na obra em questão. E é por meio da mudança que se faz possível a transformação de mundo, e para tal exige-se sermos seres de *práxis*.

Freire, então, nos diz, na obra em diálogo, que a raiz da Educação é o inacabamento humano que está sempre em busca constante de ‘ser mais’. Esta busca deve acontecer com outros seres que possuem a mesma busca, e em comunhão com outras consciências. O teórico acredita que a Educação tem caráter permanente e estamos todos nos educando. Logo a ação pedagógica não se limita à Escola. Gadotti complementa essa percepção quando diz que a “educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão” (GADOTTI *in* FREIRE, 2010, p.10-11).

Refletindo a Educação como direito humano básico, exalto que tanto a Carta da Terra quanto a Declaração dos Direitos Sexuais abarcam a essencialidade da Educação como processo coletivo de conhecimento de si mesmo, do Outro e do Meio Ambiente.

Também é característica da Educação indicada no pensamento paulofreireano como um ato de amor, pois é baseada neste processo permanente de comunhão, elevando o respeito às diversidades de Ser, indivíduo.

Tendo isto em mente, atrela-se a importância do cuidado e este à questão da dimensão ambiental e sexual humana, onde a reflexão de Trigueiro (2004) nos auxilia a pensar sobre a nova relação ser humano e Meio Ambiente que precisa se estabelecer na sociedade atual:

³⁸ Doutor em Ciências da Educação, professor, escritor e diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo.

Quando se fala em crise ambiental, culpa-se com frequência os atuais meios de produção e consumo pela destruição sem precedentes dos recursos naturais do planeta. O diagnóstico é correto, mas incompleto. Há uma crise de percepção, um olhar estreito sobre a realidade que nos cerca e que legitima toda a nossa indiferença – ou como diria o teólogo e escritor Leonardo Boff, **nossa falta de cuidado** – para com as leis do universo, que regem a vida e tudo o que há. Nossa **visão fragmentada da realidade nos precipita na direção do abismo existencial**, onde as coisas carecem de sentido, a soma das partes não explica o todo, e a ciência não cumpre a promessa de resolver os grandes problemas da humanidade (TRIGUEIRO, 2004, p. *online* – grifo nosso).

Desta maneira, compreendo que “cuidado” é palavra-chave comum nas interfaces entre Meio Ambiente e Sexualidade. Refletindo que o cuidado de si levará a consciência e cuidado para com o Planeta Terra entendo que é por meio da Educação (Ambiental e Sexual, intencionais) o caminho para proteção do nosso Planeta. O pensamento paulofreireano nos indica ser a educação crítica um dos caminhos para transformação da realidade, da sociedade e dos seres humanos.

Pensando nesse caminho de mudança por meio da Educação que Paulo Freire, na obra em tela, utiliza a explanação do seu “método de alfabetização” elevando os princípios da consciência crítica, do conhecimento da realidade, do diálogo por meio da problematização e da efetiva vivência da mudança de sujeitos por meio de um trabalho coletivo transformador.

Neste sentido, uma das reflexões proposta pelo teórico é sobre o compromisso do profissional, principalmente da Educação, com a sociedade. Freire diz que deve haver um comprometimento consigo mesmo, para com mundo e com humanização. Sendo assim se faz fundamental ser um Ser de *práxis*, solidário, crítico, curioso, decidido e que conhece a realidade, logo

Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. Se este olha e percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques. Se não a vê e não a capta como uma totalidade, cujas partes se encontram em permanente interação. Daí sua ação não poder incidir sobre as partes isoladas, pensando que assim transforma a realidade, mas sobre a totalidade. É transformando a totalidade que se transforma as partes e não o contrário. No primeiro caso, sua ação, que estaria baseada numa visão ingênua, meramente “focalista” da realidade, não poderia constituir um compromisso (FREIRE, 2010, p.21 – grifos do autor).

Complementando o exposto,

Se a estrutura social é uma totalidade, significa a existência em si de partes, que, em interação, a constituem. Uma das questões fundamentais que assim mesmo se coloca para o trabalhador social que opta pela mudança é a da validade ou não das mudanças parciais ou da mudança das partes, antes da mudança da totalidade (FREIRE, 2010, p.52 – grifo nosso).

Deste modo, entendo que Paulo Freire nos instiga a pensar de forma global, compreendendo a nossa realidade em sua totalidade, para traçar ações, mesmo que pontuais e locais, mas que tenham uma consonância sob a realidade do todo. Nesta questão, sua

explanação sobre seu, dito por muitos, “método de alfabetização” inspira-nos a compreender a realidade das/os educandas/os por meio de entrevistas à comunidade, em um diálogo inicial, e a partir disso pontuar os temas que lhes são pertinentes em aprender, traçando planos de ações e vivências em grupos. Assim, a *práxis* individual e coletiva se faz, mais uma vez, essencial. *Práxis* esta que, exalto novamente, é princípio do pensamento paulofreireano.

Isso me faz pensar, outra vez, na questão muito abordada pelos ambientalistas e também exaltada pelo Grupo de Pesquisa EDUSEX: pensar macro/global e agir micro/local. Onde, reflito, ainda, que ações sustentáveis locais têm alcance global. Assim, debates sobre Sexualidade iniciados nas Escolas, podem reverberar nas famílias, nas comunidades e ou em ações em comunidades, por exemplo: projetos de Educação Sexual Emancipatória, como já vivenciados pelo Grupo de Pesquisa EDUSEX, em diálogos intencionais para sensibilização sobre as possibilidades de uma visão crítica das questões relacionadas à Sexualidade na internet.

Pensando nesta questão de conhecimento das realidades (global e/ou local), Freire nos diz, na obra em tela, sobre a importância de ‘ad-mirar’ a realidade para a construção de uma consciência crítica e para uma *práxis* humanizadora, quando indica que é por meio da mudança de percepção

Que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrechoque de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica ad-mirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro”, e desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a ad-mirá-la, ganhando assim uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implica uma “apropriação” do contexto; uma inserção nele; um não ficar “aderido” a ele; um não estar quase “sob” o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante (FREIRE, 2010, p.60 – grifos do autor).

O teórico acrescenta ao dizer que

Para o ponto de vista crítico, que aqui defendemos, o ato de olhar implica noutro: o de ad-mirar. Ad-miramos, e, ao penetrarmos no que foi admirado, o olhamos de dentro e daí de dentro aquilo que nos faz ver. (...) Ad-mirar, olhar por dentro, separar para voltar a olhar o todo-ad-mirado, que é um ir para o todo, um voltar para suas partes, o que significa separá-las, são operações que só se dividem pela necessidade que o espírito tem de abstrair para alcançar o concreto. No fundo são operações que se implicam dialeticamente (FREIRE, 2010, p.43-44).

Estas máximas estão em afinidade pelo proposto nesta dissertação ao refletir a importância da categoria totalidade no entendimento de ser humano inteiro em integração com o Meio Ambiente. Também expresso, deste modo, na inteireza no Planeta Terra em que todos nós, seres humanos, vivemos, em interconexão com todos os seres vivos e até com os ditos inanimados.

Freire, em “Educação e Mudança”, ainda nos inspira a pensar sobre a importância em ‘unir’ o mundo imposto como dual, bem como de perceber o Ser por inteiro e em todas as suas

dimensões ultrapassando a perspectiva de dicotomização do ser humano. O teórico nos instiga a **entender que a dualidade, quando refletida de maneira dialética, apresenta-nos uma oportunidade de transformação, já que somos as partes, ditas ambivalentes, temos e somos a totalidade.** E na obra em tela remete-nos, mais uma vez, sobre as relações entre *eu, outro(s), no e com o mundo*, e os diálogos dialéticos para mudanças de realidade por meio da *práxis* comprometida. Todo este contexto podemos atrelar aos conhecimentos e vivências dos direitos humanos por meio da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais.

Neste sentido, Paulo Freire nos demonstra a importância de pensarmos sempre sobre a sociedade e assim, refletindo criticamente também sobre a sociedade tecnológica dos tempos atuais, Freire diz que humanismo e tecnologia não se excluem e quem o tenta fazê-lo perde a dimensão da totalidade. Por isso não se pode reduzir o ser humano a um simples objeto da técnica, já que técnica e procedimentos empíricos, que na obra em foco o teórico exemplifica com os trabalhadores camponeses, são manifestações culturais. Assim,

Deformados pela acriticidade, não são capazes de ver o homem na sua totalidade, no seu quefazer-ação-reflexão, que sempre se dá no mundo e sobre ele. Pelo contrário, será mais fácil, para conseguir seus objetivos, ver o homem como uma “lata” vazia que vão enchendo com seus “depósitos” técnicos. Mas ao desenvolver desta forma sua ação, que tem sua incidência neste “homem lata”, podemos melancolicamente perguntar: “onde está seu compromisso verdadeiro com o homem, com sua humanização?” (FREIRE, 2010, p.23 – grifos do autor).

Trigueiro complementa o exposto por Freire ao dizer que entender a vida na sua totalidade e na sua expressão interrelacional é um desafio do nosso tempo, ao mesmo tempo que se faz necessário “comunicar esse saber, traduzí-lo sem o peso do jargão ecológico-científico, torná-lo inteligível ao maior número possível de pessoas, a fim de que uma nova cultura se manifeste na direção da sustentabilidade” (TRIGUEIRO, 2004, p. *online*). Afinal, viver de forma sustentável é uma questão de sobrevivência e não é um estilo de viver (TRIGUEIRO, 2004).

Assim, Freire remete-nos, na obra em diálogo, a pensar que o compromisso do ser humano com sua humanização se dá por meio da consciência crítica e esta pode ser alcançada pela Educação. Deste modo, o teórico ainda indica a importância da superação do dilema humanismo-tecnologia, ainda mais na sociedade que está repleta de opções tecnológicas diversas. Para tal a Educação tem que abarcar a totalidade da interação dos seres humanos na era tecnológica, valorizando o autoconhecimento e o conhecimento do mundo. Sendo assim, se faz essencial lutarmos pelo diálogo intencional, nos espaços educativos formais e não-formais, sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces já que “o homem é consciente e, na medida

em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade” (FREIRE, 2010, p.39).

Todavia,

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem. Por isso, é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico. Começemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação. (...) Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem. O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa (FREIRE, 2010, p.27).

Sendo esta inconclusão princípio da Educação e sabendo que é por meio do desenvolvimento de uma consciência crítica que o ser humano transforma a realidade, entendemos, ainda mais, que

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo (FREIRE, 2010, p.30).

Este brilhantismo do pensamento paulofreireano nos remete ao pertencimento do mundo e a importância desse sentimento, atrelado às reflexões e ações para práticas de transformações que a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais propõem e acabam se unificando neste modo de entender *eu, outro(s), no e com o mundo* que Paulo Freire com o qual nos agracia.

Neste sentido é que, ao falar que a realidade histórico-cultural, humana, criada pelos seres humanos e que pode ser transformada por eles, Freire nos fortalece na possibilidade do sonho de um mundo de paz, onde se pensa a integração ser humano com Meio Ambiente e se reflete e se age por meio de atitudes conscientes e sustentáveis, pensando não só em si mesmo, mas na totalidade da sociedade e no Planeta Terra. O mesmo nos inspira a crer na queda do patriarcado na busca por equidade entre mulheres e homens.

Partindo da vivência dos direitos humanos, proposta do pensamento paulofreireano, ressaltamos a fala de Campos e Muchagata (2017) quando expressam a relação da Declaração dos Direitos Humanos e direitos ambientais, refletindo:

(...) embora a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) tenha sido silenciosa, à época, quanto ao direito humano ao meio ambiente, falar em direito a um meio ambiente saudável é uma das faces do direito à saúde e a um padrão de vida digno e adequado, para citar alguns. Por outro lado, o pleno gozo e a garantia dos direitos humanos só são possíveis em um contexto ambiental sadio. Portanto, é clara a inter-relação e interdependência entre esses direitos, que são princípios fundamentais a permear o campo da proteção dos direitos humanos (CAMPOS; MUCHAGATA, 2017, p.29).

Nesta mesma consonância enquadram-se, na perspectiva desta dissertação, os direitos sexuais, notando inclusive esta inter-relação na citação dos autores. Ressaltando que os direitos humanos, incluindo à reflexão os direitos ambientais e sexuais, são produzidos e reelaborados

dia-a-dia conforme as exigências da sociedade no seu tempo e espaço, deste modo a luta dos movimentos sociais e a Educação pautada na vivência dos valores dos direitos humanos são realizadas por sujeitos de transformação, como afirma Paulo Freire.

Assim, “Educação e Mudança” apresentou-se como importante obra para o processo de iluminar os documentos sobre direitos ambientais e sexuais, como podemos ver expressos no quadro a seguir que apresenta dois exemplos sobre as movimentações de convergências realizadas para chegar as considerações da obra em tela como um todo, atrelando-a aos itens selecionados, nesta dissertação, da CT e da DDS.

Quadro 10 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Educação e Mudança

| Obra: Educação e Mudança (1979) *aqui usada a 32ª edição de 2010 | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| As massas descobrem na educação um canal para um novo status e começam a exigir mais escolas. Começam a ter uma apetência que não tinham. Existe uma correspondência entre a manifestação das massas e a reivindicação . É o que chamamos educação das massas (...) Uma sociedade justa dá oportunidade às massas para que tenham opções e não a opção que a elite tem, mas a própria opção das massas. A consciência criadora e comunicativa é democrática (p.37-38). | Item 2, Item 3, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 1, Item 3, Item 10, Item 13. |
| Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições espaço-temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica . Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade , da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais (p.61). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 7, Item 8, Item 10, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 1, Item 2, Item 3, Item 10, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Diante dos expostos, considero que a obra “Educação e Mudança” converge com a Carta da Terra nos direitos: respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7 da CT); avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do

conhecimento adquirido (item 8 da CT); garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 da CT); afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT); integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

Cotejando a obra em tela com a Declaração dos Direitos Sexuais, remete-nos a busca pelo: direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS); direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

2.2.4 Dialogando com a 4ª obra: Conscientização: teoria e prática da libertação

Nesta obra, Freire nos expõem suas perspectivas sobre a categoria conscientização para a Educação, de modo geral e para sociedade, atrelando esta categoria às vivências nos círculos de cultura com a alfabetização de jovens e adultos.

O teórico reflete sobre a sociedade na era da imersão intensa em tecnologias e aborda questões como a alienação, os processos de silenciamento e a invasão cultural. Dialoga fornecendo exemplos sobre sociedades diversas e seus momentos históricos e de processos de mudanças, abordando comumente países da América Latina. Também realiza contrapontos entre educação bancária e educação problematizadora/crítica, abordando a utopia, a esperança e o diálogo como compromissos históricos, e ação cultural e revolução cultural como processos conscientizadores.

A escolha por esta obra se deu principalmente por conscientização ser uma categoria comumente usada em estudos sobre Educação Ambiental e também sobre Educação Sexual, e instigou-me a curiosidade de como o pensamento paulofreireano entende conscientização em uma obra escrita há mais de três décadas.

Na apresentação da obra “Conscientização”, Cecílio de Lora³⁹ indica um pensamento de conferência sobre educação da década de 70:

A Conferência de Ministros da Educação, reunida em Caracas de 6 a 15 de dezembro de 1971, apontava como “toma corpo a ideia de uma educação libertadora que contribua para formar a consciência crítica e estimular a participação responsável do indivíduo nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos” (LORA *in* FREIRE, 2005, p.9 – grifos do autor).

Tal apontamento me fortalece, ainda mais, na compreensão de que a discussão sobre educação crítica e libertadora possui mais de 40 anos de intensos estudos e diálogos pensando em uma Educação que valorize o Ser consciente e autônomo, exaltando a importância do conhecimento de sua realidade e da realidade de sua comunidade, para assim realizar significativas *práxis* de alcance global, como por exemplo: a consciência democrática para luta pelos direitos humanos em períodos de votação eleitoral.

Na primeira parte da obra em tela, Paulo Freire escreve seu memorial e trago um excerto do que considere a significativa expressão da interligação ser humano e sua inseparável dimensão Sexualidade, na sua conexão com Meio Ambiente

Em Jaboatão perdi meu pai. Em Jaboatão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboatão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. Em Jaboatão joguei bola com os meninos do povo. Nadei no rio e tive “minha primeira iluminação”: um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir... Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens (FREIRE, 2005, p. 16 – grifos do autor).

Freire fala ainda que foi a partir de seu primeiro casamento que começou sua preocupação com problemas educacionais. E que pelo seu “método de alfabetização de adultos”, iniciado em 1931, ele foi considerado um subversivo internacional, ficando 70 dias preso e mais de 15 anos exilado. Sua história nos mostra uma preocupação com as massas que estavam “fora da história”, prezando o grande educador pelo serviço à liberdade e ao poder de criação, sob uma perspectiva crítica, das massas mais oprimidas.

Por utilizar conscientização como categoria fundamental de seu pensamento, Freire, por vezes, foi questionado sobre a gênese de conscientização e explica no livro:

³⁹ Teólogo latino americano que trabalhou em defesa dos direitos humanos, principalmente na Colômbia. Apresentou a obra “Conscientização” como diretor da Associação de Publicações Educativas publicada em Bogotá em 1974.

Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo “conscientização” por ser este o conceito central de minhas ideias sobre a educação. Na realidade, foi criado por uma equipe de professores do INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS por volta de 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade (FREIRE, 2005, p.29 – grifos do autor).

Paulo Freire nos faz compreender que conscientização também é um processo inacabado e indica como se dá uma parte desse processo quando fala que

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 2005, p.30).

“É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação” (FREIRE, 2005, p.46). Sendo deste modo, passo a compreender que conscientização para o pensamento paulofreireano está vinculada a *práxis* humana, unidade indissolúvel entre ação e reflexão sobre o mundo, pois

A conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece... (FREIRE, 2005, p.30 – grifos do autor).

Assim, quanto mais o ser humano “refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 2005, p.39). E isto ocorre na interação entre *eu, outro(s), no e com o mundo*, onde o ser humano passa a ser sujeito, por meio das relações, nunca de dominação, mas sim de simpatia e de reciprocidade. Desta maneira, ao pôr

Em prática sua capacidade de discernir, descobre-se frente a esta realidade que não lhe é somente exterior (...), mas que o desafia, o provoca. As relações do homem com a realidade, com seu contexto de vida – trata-se da realidade social ou do mundo das coisas da natureza – são relações de afrontamento: a natureza se opõe ao homem; ele se defronta continuamente com ela; as relações do homem com os outros homens, com as estruturas sociais são também de choque, na medida em que, continuamente, o homem nas suas relações humanas se sente tentado a reduzir os outros homens à condição de objeto, coisas que são utilizadas para o proveito próprio (FREIRE, 2005, p.41-42).

É por meio então da tomada de consciência da realidade e da capacidade de transformá-la que o ser humano torna-se Ser ativo na história e na sociedade. Este processo ocorre de maneira integral na atividade humana. Assim a cultura é resultado de criação e re-criação do

ser humano, do seu trabalho transformador e no estabelecimento de relações de diálogos *com os outros e com o mundo*.

Entendendo então o processo histórico, ainda nos dias atuais, de desigualdades e violências, de relações entre oprimidos e opressores, é que Freire nos revela que “não há outro caminho para a humanização – a sua própria e a dos outros –, a não ser uma autêntica transformação da estrutura desumanizante” (FREIRE, 2005, p.87) e ao aprofundar a consciência de sua problemática e de sua condição de sujeito, o ser humano politizará a si mesmo. Logo, neste caminho está o processo de conscientização, que, vale afirmar, nunca pode requerer neutralidade, assim como a educação, já que são “a forma própria de uma ação do homem sobre o mundo” (FREIRE, 2005, p.90).

Freire, neste sentido, nos faz pensar sobre a educação problematizadora/crítica em contraponto com a educação bancária como aquela que somente “deposita” conhecimentos, reforçando uma memorização e uma captação de informação de maneira acrítica, desde modo

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras. Em resumo: a teoria e a prática bancária, enquanto forças de imobilização e de fixação, não reconhecem os homens como seres históricos; a teoria e a prática críticas tornam como ponto de partida a historicidade do homem (FREIRE, 2005, p.94).

Nesta consonância, a educação crítica/problematizadora entende os seres humanos como seres inacabados, bem como *em e com* uma realidade incompleta. Assim esta Educação, que tem como princípios a criticidade e a problematização para liberdade e transformação, “enraíza-se no presente dinâmico e chega a ser revolucionária” (FREIRE, 2005, p.95). Seguindo esta filosofia, compreende-se que

(...) o ponto de partida deve estar sempre nos homens, no seu aqui e no seu agora, que constituem a situação em que se encontram, ora imersos, ora emersos, ora inseridos. Somente parindo desta situação – que determina a percepção que eles têm – podem começar a atuar. Para fazê-lo de maneira autêntica não devem perceber seu estado como inelutável e imutável, mas somente como é, um estado que os limita e, portanto, os desafia... (FREIRE, 2005, p.95).

Para tal, Freire indica que a movimentação de luta por transformação deve acontecer com esperança e com o encontro dos seres humanos por meio do diálogo, em um comprometimento com o pensamento crítico,

(...) pensamento que, não aceitando a dicotomia mundo–homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade; pensamento que percebe a realidade como um processo de evolução, de transformação, e não como uma entidade estática; pensamento que não se separa da ação, mas que se submerge, sem cessar, na temporalidade, sem medo dos riscos (FREIRE, 2005, p.98).

Em encontro com este pensamento crítico, expresso no pensamento paulofreireano, observo que comungam os documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais na

defesa da perspectiva de totalidade e integração ser humano e mundo, no sentimento de solidariedade entre humanos e deles para com os seres vivos, na compreensão da possibilidade de transformação por meio da luta por uma vida plena em vivência dos direitos humanos, ambientais e sexuais, para todas as pessoas, em valorização com suas interconexões múltiplas com o mundo.

Complementando o exposto, trago a fala de Tavares (2007) para pensarmos sobre a finalidade de uma Educação para Direitos Humanos (EDH):

(...) atuar na formação da pessoa em todas as suas dimensões a fim de contribuir ao desenvolvimento de sua condição de cidadão e cidadã, ativos na luta por seus direitos, no cumprimento de seus deveres e na fomentação de sua humanidade. Dessa forma, uma pessoa que goza de uma educação neste âmbito, é capaz de atuar frente às injustiças e desigualdades, reconhecendo-se como sujeito autônomo e, ademais, reconhecendo o outro com iguais direitos, dentro dos preceitos de diversidade e tolerância, valorizando assim a convivência harmoniosa, o respeito mútuo e a solidariedade (TAVARES, 2007, p.488-489).

Para isso, precisa-se de uma prática pedagógica pautada nesses valores, promovendo o empoderamento individual e coletivo e nesse viés a prática voltada à filosofia de Paulo Freire é caminho de vivência, refletindo sobre uma Educação libertadora e transformadora. E ao pensar em uma metodologia para tal vivência desvela-se a transdisciplinaridade como base para quebra da dicotomia posta à Vida e de valorização da inteireza do Ser.

Registro que Paulo Freire indicava a importância da interdisciplinaridade, inclusive para a formação de professoras/es, reconhecendo a importância do diálogo, crítico, consciente e problematizador, entre as disciplinas sobre as questões relacionadas aos indivíduos, sua comunidade, nossa sociedade, nosso país e nosso Planeta. Esse viés remete à transversalidade proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre Meio Ambiente e Sexualidade, que pensam nas articulações entre as temáticas e a premissa da Educação exaltando a realidade das/os educandas/os; assim ressalto, para completar a reflexão deste estudo, o princípio do pensamento crítico elevado por Paulo Freire.

Sob a máxima do pensamento crítico está o diálogo que “é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo” (FREIRE, 2005, p.96). O diálogo é necessidade existencial humana, pois é “caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens” (FREIRE, 2005, p.96). Todavia, o diálogo “não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor” (FREIRE, 2005, p.96). Sendo assim, **valorizo a Educação e os espaços educativos diversos, de construção coletiva, pontuados na Carta da Terra e na Declaração dos Direitos Sexuais, para estes encontros para diálogos críticos e conscientizadores indicados pelo pensamento paulofreireano.**

Refletindo sobre a questão da coletividade e a formação da sociedade, Freire, na obra em tela, nos faz pensar sobre a alienação, a acriticidade e os processos de silenciamento que tornam a sociedade um objeto, um ser para o outro em contraponto com a sociedade crítica, democrática, que reivindica e luta por seus direitos, que passa a ser autor/sujeito de sua história, logo um Ser para si. Transpondo esta percepção para Educação, nos é explicado em “Conscientização” que

Nas sociedades em que a dinâmica estrutural conduz à escravização das consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Porque, pelo duplo mecanismo da assimilação, ou melhor, da introjeção, a pedagogia que impõe-se às classes dominadas como “legítima” – como fazendo parte do saber oficial – provoca ao mesmo tempo o reconhecimento por parte das classes dominadas da “ilegitimidade” de sua própria cultura. Encontra-se, assim, ao nível da educação, esta “alienação da ignorância” com o qual Paulo Freire tem frequentemente experiência em suas investigações: o pobre absolutiza sua própria ignorância em proveito do “patrão” e “daqueles que são como o patrão”, que se convertem em juízes e garantidores de todo saber. (...) Nas sociedades que são regidas por interesses de grupos, de classes ou de nações dominantes, “a educação como prática da liberdade” – para retomar uma expressão que resume a perspectiva de Paulo Freire – pede inevitavelmente uma “pedagogia do oprimido”; não uma pedagogia “para ele”, senão uma pedagogia que saia dele mesmo (FREIRE, 2005, p.89-90 – grifos do autor).

Inspirada nesta explicação e também quando Freire aborda sobre o desenvolvimento das sociedades que geram dependências, bem como da era tecnológica, percebo que a sociedade que valoriza o consumo e a alta produtividade é alienante/alienada, pois busca o *ter*, se baseando na fragmentação, na dualidade e na materialidade. Já a sociedade que remete à sustentabilidade de produção e de consumo de recursos, que preza pela conscientização de coletividade e busca o *ser*, é baseada na visão integral de mundo e das interligações entre seres humanos, seres vivos e não-vivos e Planeta Terra.

Deste modo, a obra “Conscientização” me fez compreender que **a libertação dos seres humanos é resultado de sua própria conscientização, a auto inserção crítica na realidade, que para tal exige uma *práxis* comprometida.**

Sobre a convergência da obra com os documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais, primeiramente apresento dois exemplos da movimentação via o quadro a seguir.

Quadro 11 – Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Conscientização

| Obra: Conscientização (1980) *aqui usada a 3ª edição de 2005 | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| A educação crítica é a "futuridade" revolucionária . Ela é profética – e, como tal, portadora de esperança – e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal ... (...) Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (p.95). | Item 3, Item 7, Item 8, Item 14, Item 16. | Item 1, Item 3, Item 10, Item 13. |
| A conscientização não é uma varinha mágica para os revolucionários, mas uma dimensão de base de sua ação reflexiva . Se os homens não fossem “entidades conscientes”, capazes de atuar e perceber, de saber e recriar; se não fossem conscientes de si mesmos e do mundo, a ideia de conscientização não teria nenhum sentido e aconteceria o mesmo com a ideia de revolução . Empreendem-se revoluções para libertar os homens, precisamente porque os homens podem saber que são oprimidos e ser conscientes da realidade opressora na qual vivem (p.108). | Item 1, Item 2, Item 7, Item 8, Item 10, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 1, Item 3, Item 10, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Por tudo isso posto, na realização de convergência com a obra em tela e a Carta da Terra, elevam-se os direitos: respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7 da CT); avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido (item 8 da CT); garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 da CT); afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT); integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

E para a “Conscientização” à Declaração dos Direitos Sexuais convergem-se: direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS); direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

2.2.5 Dialogando com a 5ª obra: À sombra desta mangueira

Paulo Freire com o título desta obra quis sublinhar a importância que as diferentes árvores tiveram em sua época de criança, das quais descobrira a ‘Vida por meio da vida’: ruídos, cores, movimentos. Traz em suas categorias, comuns de seu pensamento, suas vivências, como na infância e no exílio, reafirmando posicionamentos políticos e perspectivas sobre a sociedade na era tecnológica com uma educação transformadora que pense a vivência de justiça, igualdade e solidariedade.

Em “À sombra desta mangueira” o teórico sinaliza um dos conceitos mais completos que já li sobre inteireza, falando de si mesmo: “Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também” (FREIRE, 1995, p.18). Tal apontamento, e por tudo neste estudo pesquisado e analisado, faz-me afirmar que Paulo Freire foi um grande educador sexual como é indicado pela vertente Educação Sexual Emancipatória nos estudos do Grupo de Pesquisa EDUSEX, como Melo (2011) exalta:

Os seres humanos se educam na relação, mediatizados pelo mundo, como disse Paulo Freire. Portanto, toda relação humana, sempre social, é sempre educativa. E sempre sexuada, já que a dimensão sexualidade é inseparável do existir humano, sempre sexual, portanto é também educação sexual: processo constante existente entre os seres humanos. Todos educam todos queiram ou não, saibam ou não (MELO, 2011 *apud* MELO; et al, 2011, p.62).

Assim, tendo em mente o conceito de inteireza indicado por Paulo Freire em “À sombra desta mangueira”, me debrucei em pesquisas sobre o teórico acerca da Sexualidade e Educação Sexual.

Foi observado em seus escritos e relatos em entrevistas que Freire entendia a Sexualidade como inerente ao ser humano. Em 1992, em uma entrevista para Cortella e Venceslau, Paulo Freire dialogou especificamente sobre o tema e relatou que sua compreensão inicial de Sexualidade se deu aos 7 anos ao fraturar o fêmur e ser chamado a atenção da mãe

por dizer “quebrei a coxa”, que estava, segunda ela, “muito perto do pecado”. Refletindo como a Sexualidade é negada por meio de tabus, receios e preconceitos disse:

Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restritiva, tão hipócrita e falseadora de valores; uma sociedade que viveu a experiência trágica da interdição do corpo com repercussões políticas e ideológicas indiscutíveis; uma sociedade que nasceu negando o corpo. Viver plenamente a sexualidade sem que esses fantasmas, mesmo os mais leves, os mais meigos, interfiram na intimidade do casal que ama e que faz amor, é muito difícil. É preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade. No fundo, sua pergunta é uma advertência para que assumamos, tanto quanto possível, o que estamos sendo (CORTELLA; VENCESLAU, 1992, p. *online*).

O grande educador brasileiro afirmou também que sua Sexualidade tinha a ver com seu amor à vida e que se percebia como “um homem para quem a Sexualidade não apenas existe, mas é importante, fundamental” (CORTELLA; VENCESLAU, 1992, p. *online*). Quando questionado por Cortella e Venceslau sobre sua formação sexual, Paulo Freire respondeu:

É a primeira vez que me fazem essa pergunta! A questão da sexualidade sempre me impressionou. Na minha educação foi o único capítulo, talvez, em que as portas se fecharam. Um dia, devia ter uns doze anos, ao despertar, meu pai me chamou, não zangado, mas visivelmente contrafeito, e disse: "Paulo, meu filho, na noite passada, sonhando, você falou uns nomes feios... Essas palavras não podem ser ditas" (...). Eu descobri que havia uma coisa falhando ali. Eu descobri um **espaço proibido. E esse era o espaço da sexualidade, cujas explicações eu tinha que buscar fora** (CORTELLA; VENCESLAU, 1992, p.*online* – grifo nosso).

Falando especificamente sobre Sexualidade, além da entrevista para Cortella e Venceslau, encontrei também que Paulo Freire expressou suas percepções da importância sobre o tema e Educação Sexual em vídeo entrevista à TV Escola (1997), bem como em prefácio do livro “Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas” (1993) de Marcos Ribeiro.

Assim, o contato com a importância da Educação Sexual para formação integral do ser humano, sob a perspectiva de cidadania e de vivência desta como direito humano, se deu quando Freire foi secretário municipal da Educação em São Paulo (1989-1991) e viu os frutos do projeto da sexóloga Martha Suplicy e seu Grupo de Trabalho e Pesquisa de Orientação Sexual (GTPOS). O teórico compreendeu ainda mais a importância da Educação Sexual nas Escolas, como relata:

Cerca de 5 mil adolescentes transaram a compreensão crítico-amorosa de seus corpos e, com isso, melhoraram seu desempenho com relação à História, à Geografia, à Matemática etc. É que no fundo a sexualidade, sem querer chegar a nenhum reducionismo, tem muito de centro de nós mesmos. Uma coisa é a sexualidade do fenômeno vital, do animal. A outra é a sexualidade que se inventa, que vira jogo, que vira brinquedo. **O estudo da sexualidade não pode ser reduzido à pura descrição fisiológica do corpo. É, sobretudo, um grito em torno do direito de gozar. Eu nunca tinha dito isso. Foi bom dizer** (CORTELLA; VENCESLAU, 1992, p. *online* – grifo nosso).

Neste sentido, Paulo Freire explicitou a sua visão da importância da Educação Sexual superando a falta de informação e diálogo, sob um viés do diálogo de Sexualidade para

emancipação da/o educanda/o, em um vídeo do programa Salto para o Futuro, para a série *Crescendo de bem com a vida* (1997):

A educação sexual não leva à promiscuidade. O que poderia fazer essa imensa promiscuidade, esse descompasso, seria, e é, exatamente a falta de educação sexual, a falta de informação da sexualidade... Quer dizer, é óbvio para mim, que no momento em que você, num trabalho sério crítico, sobre sexualidade, desafia o jovem a pensar entorno do seu corpo, (...). Ele descobre o corpo com o mundo o corpo com os outros. Então, de maneira nenhuma a informação sexual filosoficamente posta, cientificamente posta, pode levar a um descompasso. O que leva ao descompasso é a falsa compreensão, é a compreensão do corpo que se esconde no esconderijo para não desvelar nunca o corpo. Quer dizer, é o esconderijo do corpo o que leva o corpo não à curiosidade, mas à perdição dele mesmo (TV ESCOLA, 1997 *apud* CARVALHO; et al., 2012, p.40).

Já no prefácio de “Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas”, Paulo Freire falou da boniteza da vivência da Sexualidade, exaltando a criticidade e a amorosidade neste processo de Ser *no e com* o mundo:

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente (FREIRE *in* RIBEIRO, 1993).

Diante destas exposições, compreendo que Freire entendia Sexualidade sob a mesma perspectiva proposta pelo Grupo de Pesquisa EDUSEX, na qual me pauto: a Sexualidade como dimensão inseparável do existir humano e a Educação Sexual como processo contínuo de diálogo intencional, numa perspectiva emancipatória, principalmente nas Escolas, valorizando o ser humano por inteiro, assim em um viés libertador de Educação.

Ampliando o entendimento da categoria inteireza, para esta dissertação, no prefácio de “À sombra desta mangueira” Ladislau Dowbor⁴⁰ diz que Paulo Freire não só escreve como também pensa seu ato de escrever, num distanciamento permanente sobre si mesmo.

Dowbor reflete, também, como a sociedade na era tecnológica está posta, agregando muito a este estudo, e problematiza dizendo que estamos colecionando quinquilharias tecnológicas e que desde a década de 70 acumulamos mais conhecimentos técnicos do que em toda história da humanidade, assim

O ser humano maneja potentes agrotóxicos, armas nucleares e bacteriológicas, sistemas sofisticados de manipulação genética, frotas de pesca industrial com tecnologia avançada de localização de cardumes, processos de química fina que permitem fabricar em fundos de quintal tanto medicamentos avançados como cocaína ou heroína. Enquanto isso, a capacidade de governo do humano evolui de maneira extremamente lenta (DOWBOR *in* FREIRE, 1995, p. 8).

O teórico complementa o exposto ao dizer que

⁴⁰ Doutor em Ciências Econômicas, consultor de economia de diversos governos e organizações, professor e escritor. Atuou como conselheiro no Instituto Paulo Freire.

(...) o ser humano maneja hoje tecnologias incomparavelmente mais avançadas do que a sua maturidade política. Isto pode ser constatado através da destruição da vida nos rios e nos mares, da erosão da camada de ozônio, do aquecimento global, das chuvas ácidas, da erosão dos solos, da expansão do consumo de drogas, de sistemas sofisticados de destruição à disposição de qualquer candidato a terrorista (DOWBOR *in* FREIRE, 1995, p. 8).

A reflexão de Dowbor, na obra em tela publicada há mais de 20 anos, me indica, cada vez mais, o forte diálogo sobre o suicídio humano e a morte iminente do Planeta Terra com os manejos de técnicas de impacto universal, e muitas com consequências irreversíveis, **dando-me mais certeza da urgência da propagação dos conhecimentos dos direitos indicados pela Carta da Terra e pela Declaração dos Direitos Sexuais em comunhão com o pensamento paulofreireano**, que preza pela consciência crítica e pela busca da libertação dos seres humanos, em processo de diálogo e *práxis* coerente para subsidiar a transformação de realidades.

Ainda no prefácio da obra “À sombra desta mangueira”, Dowbor pontua questões relativas à fome, analfabetismo, desmatamento, desemprego, não só no Brasil, mas no mundo todo, contrapondo que temos as múltiplas e avançadas técnicas, e os melhores aparelhos de vídeo e de música, televisores e computadores. Mas um mundo em que a distribuição de renda é desequilibrada e a população marginalizada e onde o Planeta Terra fica cada vez “menor” com o progresso dos transportes e comunicações, Dowbor diz que necessitamos pensar em soluções novas, pois

O que surge com força não é a busca de uma maneira mais eficaz de fazer o mesmo, mas uma redefinição da própria busca. Gradualmente, em aproximações inseguras, somos levados a procurar a reinserção da dinâmica da reprodução social, dos valores, da ética, dos objetivos. E isso nos leva a repensar os atores sociais capazes de viabilizar as transformações e as estratégias de sua mobilização (DOWBOR *in* FREIRE, 1995, p. 11).

Tal proposta fortalece mais a minha compreensão da importância dos documentos como a Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais dialogados intencionalmente nos diversos espaços educativos para sensibilizar sobre a necessidade de uma consciência crítica da luta necessária pelos direitos humanos, ambientais e sexuais.

Para Dowbor a mangueira que Freire traz em reflexão, nesta obra em tela, é a âncora da identidade de reencontro e de recriação:

A âncora aqui é essencial, pois nos traz, ainda aturdidos pelo autêntico porre de inovações tecnológicas, ao universo dos nossos objetivos reais, como seres humanos. Hipnotizados pelos espelinhos, percebemos crescentemente o capitalismo como gerador de escassez: enquanto aumenta o volume de brinquedos tecnológicos nas lojas, escasseiam o rio limpo para nadar ou pescar, o quintal com suas árvores, o ar limpo, água limpa, a rua para brincar ou passear, a fruta comida sem medo de química, o tempo disponível, os espaços de socialização informal. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas por felicidades vendidas ou compradas (DOWBOR *in* FREIRE, 1995, p. 12).

Tal perspectiva me faz pensar sobre a necessária re-conexão com as coisas da Natureza e não se voltar somente aos “espelinhos” (telas de computadores, celulares e televisores) em uma fuga da realidade. Recordei-me de uma canção de Renato Russo ao falar “há tanta vida lá fora”. Penso que os avanços e excessos de tecnologias permeados pelo consumismo desenfreado nos contamina, e não vemos a nós mesmos e não contemplamos mais as relações *com o(s) outro(s) e com e no mundo*.

Neste sentido, Dowbor sinaliza que não podemos mais nos acostumar como passamos horas de nossa vida no trânsito, respirando o ar poluído das grandes cidades, gastando petróleo, peças, saúde, asfalto, tempo, onde o veículo passa a ser mais lento que uma carroça do início do século XX. Isto me fez refletir sobre as relações, que desde a infância, acontecem por meio de máquinas, onde também se estabelecem relações com as máquinas. Assim não mais nos sensibilizamos ou assustamos com a situação de pessoas morando nas ruas ou crianças pedindo dinheiro em semáforos, por exemplo. Dowbor então nos questiona: “como reconstruir a solidariedade humana, objetivo radical no raciocínio de Paulo Freire?” (DOWBOR *in* FREIRE, 1995, p. 13).

Para Dowbor o que globaliza, na sociedade da era tecnológica, separa. E o pensamento paulofreireano nos remete, na obra em diálogo, com o retorno à mangueira, ao encontro com o ser humano inteiro que reflete sobre suas raízes, suas emoções e é profundamente radical no que concerne a solidariedade humana.

Nesta consonância, uma das reflexões paulofreireanas, em “À sombra desta mangueira”, é sua afirmação de luta contra capitalismo, pois este se funda em perversidade e tem uma natureza anti-solidária, segundo o teórico.

De frente consigo mesmo, Freire por diversas vezes nos faz pensar sobre a inteireza do ser humano, as relações *com o mundo e com o(s) outro(s)* e explana suas visões sobre o Planeta Terra e seus espaços múltiplos de interação.

Paulo Freire nos brinda com um conceito de Meio Ambiente, em consonância ao exposto nesta dissertação, sob a uma visão de totalidade, ao falar que:

A Terra da gente é sua geografia, sua ecologia, sua topografia e biologia; mas é também o que mulheres e homens fazemos dela. Ela é como organizamos sua produção, fazemos sua História, sua educação, sua cultura, sua comida e ao gosto dela nos fixamos. A Terra da gente envolve luta por sonhos diferentes, às vezes antagônicos, como os de suas classes sociais. Minha Terra não é, afinal uma abstração (FREIRE, 1995, p.28).

E complementa, sobre a perspectiva de igualdade e luta, ao falar que: “quando penso em minha Terra, tanto me lembro da soberba do rico, de sua raiva pelos pobres, quanto da

desesperança destes, forjada na longa vivência de exploração ou na esperança que se gesta na luta pela justiça” (FREIRE, 1995, p.28).

Para tal, Freire destaca a importância de nos compreendermos como ‘seres locais’ primeiro, para depois nos entendermos como ‘seres globais’. Em suas palavras: “eu não sou antes brasileiro para depois ser recifense. Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo” (FREIRE, 1995, p.25). Assim, trago um excerto que simboliza, ao meu ver, a comunhão do conceito de Meio Ambiente aplicado à realidade brasileira:

Quando falo em minha Terra não me refiro apenas às belezas do Rio, da Bahia de Guanabara, do Cristo Redentor, das quedas d’água de que o Brasil é tão pródigo, das praias do Nordeste, de suas águas mornas, do Pantanal, da Amazônia, dos Estudos de Villa Lobos, da música de Carlos Gomes, da arte do Aleijadinho, do samba e de suas Escolas, do Carnaval, da música popular, do futebol, da arte, da pintura, de Brasília, de sua ciência. Refiro-me também à fome de milhões, à miséria aviltante, às crianças assassinadas, à desordem estabelecida, ao engodo, ao autoritarismo sempre presente, à violência que se multiplica. Da guerra de classes em todo o país, talvez, demasiado contundente no Rio. Guerra de classes que oculta e confunde uma luta de classes que se frustrou. Isso tudo é minha Terra também. E diante de nada disto posso cruzar os braços, indiferente. A Terra de meu sonho é a minha Terra livre desses horrores (FREIRE, 1995, p.35-36).

Desta maneira, por meio do pensamento paulofreireano, compreendemos que o Meio Ambiente abarca dimensões históricas, culturais, sociais e econômicas, porque são dimensões vividas e propostas pelos seres humanos, em partilha com o meio natural. Sendo assim, **Freire nos inspira a viver um Meio Ambiente em equilíbrio entre a Natureza e os espaços modificados/criados pelos seres humanos, tendo uma *práxis* que colabore com a transformação das criações antrópicas que são injustiças e agridem todas as formas de vida.** Compreendendo, e tendo como inspiração, que “minha terra é boniteza de águas que se precipitam, de rios e praias, de vales e florestas, de bichos e aves. Quando penso nela, vejo o quanto ainda temos de caminhar, lutando, para ultrapassar estruturas perversas de espoliação” (FREIRE, 1995, p.26).

Sob esta ótica, Paulo Freire mais uma vez nos faz entender ainda melhor sobre o estabelecimento das relações *eu, outro(s), no e com o mundo*. O mundo sendo local onde estabelecemos as relações Freire, indica como seu primeiro mundo o quintal de sua casa com suas diversas árvores que atraíam diversos pássaros e cantos, explica que:

Aquele quintal foi a minha imediata objetividade. Foi o meu primeiro não-eu geográfico, pois os meus não-eus pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos, minha avó, minhas tias e Dadá, uma bem-amada mãe negra (...). Foi com esses diferentes não-eus que me construí como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante (FREIRE, 1995, p.24-25).

Agregando ao exposto, entendemos por meio do pensamento paulofreireano que **“a vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica**

consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo” (FREIRE, 1995, p.21 – grifo nosso) e “o suporte torna-se mundo e a vida, existência, à medida que cresce a solidariedade entre mente e mãos; **à proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador do mundo** e não espaço vazio a ser preenchido por conteúdos” (FREIRE, 1995, p.20 – grifo nosso).

Ceccon (2014) fala que a obra paulofreireana “À sombra desta mangueira” é a plena expressão do sentimento de pertencimento de Paulo Freire com o Meio Ambiente e é inspiração para uma Educação voltada para ações de sustentabilidade. A teórica observa que:

Freire não só teorizava, vivia. Enquanto menino vivia intensamente a relação com seu quintal e tudo o que nele existia. Quando adulto, fez história ampliando seu universo de ação. Por meio da educação, contribuiu com a construção de autonomia e formação política dos “excluídos” de diferentes países. Sensibilidade e engajamento, percepção do mundo e compromisso em transformá-lo. Características marcantes do legado freiriano e aspectos fundamentais da educação ambiental crítica. Esta, tem como característica maior a promoção da vida. Não é uma educação que incentiva a contemplação, mas, ao contrário, que promove o engajamento, a ação política em defesa da vida e de seus direitos (CECCON, 2014 p.3 – grifos da autora).

Este sentimento de Ceccon, da contribuição do pensamento paulofreireano à Educação Ambiental Crítica, estendo nesta dissertação à Educação Sexual, de vertente Emancipatória, ambas sob os valores de amorosidade, autonomia, criticidade, dialogicidade, enfim os princípios de Paulo Freire, que demonstram dar sentido à trilha para uma Educação para formação do Ser integral. Deste modo, necessitamos

Formar sujeitos comprometidos com a preservação da vida, que percebem a humanidade como uma grande família integrada ao planeta Terra e sentem-se responsáveis por agir no sentido de tornar o mundo um lugar melhor, não é algo simples, possível de ser conquistado seguindo o “passo a passo” de livros elaborados sem que as especificidades de territórios e comunidades sejam consideradas. É preciso ler o mundo mais próximo, identificar potencialidades e desafios, compreendê-los e, em uma estreita relação entre escola e vida, livros e mundo, construir coletivamente possibilidades de intervenção (CECCON, 2014 p.2 – grifos da autora).

Neste sentido, Layrargues, no prefácio da obra “Educação Ambiental dialogando com Paulo Freire” nos faz refletir ainda mais sobre uma prática inspirada no pensamento paulofreireano quando indica que:

(...) para que o pensamento freiriano possa contribuir de fato na construção de outro mundo, que seja socialmente justo, ecologicamente prudente, politicamente atuante, culturalmente diverso, economicamente suficiente, ele não pode ser compreendido de forma superficial, desatenta, ingênua, descompromissada. Se assim for, o projeto torna-se inócuo, estéril, e tudo não passará de palavras vazias de sentido, jogadas ao árido vento da ilusão de que estamos em curso na mudança por outro modelo societário (LAYRARGUES *in* LOUREIRO, 2014, p.12).

Paulo Freire, como educador ambiental, é expresso, além dos apontamentos de Gadotti e estudos do Instituto Paulo Freire, na perspectiva da Educação Ambiental Crítica-Transformadora como verifica-se em obras e estudos de Carvalho (2004), Loureiro (2004),

Torres, Ferrari e Maestrelli (2014), Ceccon (2014) e Tomchinsky (2011). E nesta mesma consonância de educação crítica inspirada no pensamento paulofreireano está a Educação Ambiental Emancipatória e estudos como de Portugal e Santos (2007), Oliveira (2008), Rebouças (2012), e Gomes (2014). Indicando a importância do teórico aos estudos sobre Meio Ambiente, Ceccon diz:

Paulo Freire não dedicou nenhuma de suas obras explicitamente à educação ambiental, entretanto, não são poucas as contribuições que encontramos em seus escritos relacionadas à educação ambiental crítica, politizadora e comprometida com a transformação das pessoas e do mundo. Sua obra traz princípios filosóficos, políticos e pedagógicos que fortalecem a importância da formação de sujeitos que valorizam a vida, em todas as suas formas, e que respeitam a si mesmos, aos outros e ao mundo. Cidadãos/ãs cujas práticas diárias são intencionais, impregnadas de sentido, que percebem a inter-relação existente entre as atitudes individuais e os impactos socioambientais locais, regionais e planetários. Pessoas que não se contentam em agir individualmente de forma responsável, mas ocupam os espaços de participação social buscando contribuir para a transformação de atitudes de tantos outros sujeitos. Homens e mulheres que exercem ativamente sua cidadania, acreditando na possibilidade de transformar a realidade tornando-a mais justa e mais feliz (CECCON, 2014, p.1).

Tendo isto em mente, um dos princípios para a transformação de mundo que está para o pensamento paulofreireano é a perspectiva de radicalidade, que é contrária ao sectarismo. Freire diz que sectarismo é necrófilo e a radicalidade é biófila. O sectarismo nos torna seres para os outros, objetos para um sistema de opressão e se pauta na manipulação, acriticidade, discriminação e violência para se manter. Já a radicalidade nos torna seres para si, sujeitos da História e da nossa história e pauta-se em libertação, criticidade, respeito à diversidade de Ser e igualdade e equidade entre os seres humanos. A radicalidade exige lealdade às mulheres e aos homens e não a uma economia que convive indiferente com a fome, por exemplo. **Devemos lutar pelo nosso exercício e direito de decidir e de romper com processos de injustiças, sendo o pensamento paulofreireano. Assim, os documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais nos fortalecem para nos pautarmos na vivência dos direitos ambientais e sexuais como direitos humanos.**

Somando às reflexões, em uma era marcada pelo intenso avanço tecnológico, Paulo Freire diz que não devemos abaixar nossas cabeças “diante do indiscutível poder acumulado pela tecnologia, porque, sabendo-a produção humana, não aceita que ela seja, em si, má” (FREIRE, 1995, p.22). O avanço tecnológico nos faz perceber a relação de confronto dialético entre Natureza e os seres humanos, mas Freire nos leva a entender que não podemos “endeusar” ou “diabolizar” um lado ou outro e sim **problematizar para nos tornarmos conscientes da vida em totalidade e nos pautarmos em uma *práxis* coerente para apoiar a transformação do Planeta Terra por meio de perspectivas sustentáveis que pensem na vida humana e de**

todos os seres vivos, em gerações atuais e futuras. Senão a extinção humana e, provavelmente, do Planeta Terra é consequência certa.

Neste sentido, Rodrigues (1994) aborda novas práticas e discursos sobre a questão ambiental e aponta que na Conferência Rio'92, gênese da Carta da Terra, foi organizado um Fórum das Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais, denominado “Fórum Global” que declarou:

(...) tomamos consciência da contradição existente nesse modelo de civilização dominante iníquo e insustentável, construído sob o mito do crescimento ilimitado e sem levar em consideração a finitude da Terra. Entendemos, por isso, que a salvação do planeta e de seus povos, de hoje e de amanhã, requer a elaboração de um novo projeto civilizatório, fundado sob uma ética que determine e fundamente limite, prudência, respeito à diversidade, solidariedade, justiça e liberdade (RODRIGUES, 1994, p.125 *apud* MARIANO, et al., 2011, p.164).

Sob esta visão estão a Carta da Terra, a Declaração dos Direitos Sexuais e o pensamento paulofreireano, expresso nas obras aqui analisadas e principalmente na obra em tela, que **refletem sobre uma sociedade não dual, um ser humano não dicotomizado e uma educação não-bancária. Assim, os documentos exaltam a necessidade de pensar um novo paradigma social e educacional que abarque a diversidade, a solidariedade e a liberdade.**

Deste modo, na obra “À sombra desta mangueira”, Freire nos aponta o que considero como ‘sinais de esperança’ para refletirmos sobre a transformação de nós mesmos, o auxílio à sociedade e ao mundo por meio da *práxis* coerente. Paulo Freire diz que devemos nos manter com uma mentalidade jovem, pois a juventude (independentemente da idade do corpo físico), com sentimento esperançoso e de luta, supera os preconceitos e violências, assim indaga:

Como nos manter jovens se proclamamos que os pobres são preguiçosos e que a indolência está a razão de ser de sua pobreza? Como nos manter jovens se discriminamos negros, mulheres, homossexuais, trabalhadores? A preservação da juventude é um processo exigente. Não tolera incoerências. Não é possível ser-se ao mesmo tempo jovem e racista, jovem e machista, jovem e explorador (FREIRE, 1995, p.57).

Entendendo que todo conservadorismo e sectarismo é incompatível com a juventude, Freire, sob o princípio que somos todos seres de permanente busca e inacabamento, bem como de processo educativo, nos diz que devemos aprender a re-ler nossa realidade. Tendo em mente que a “realidade não é só azul ou só verde: ela é multicolor, arco-íris” (FREIRE, 1995, p.35).

Esta perspectiva me remeteu aos documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais quando indica o conhecimento das múltiplas realidades e o respeito às diversas maneiras de Ser. Ou ainda, quando dialogamos especificamente sobre a Sexualidade, abordamos que o espectro de apresenta-la ao mundo e vivenciá-la não é só de branco e preto, e sim de escalas de cinzas. Neste sentido, o pensamento paulofreireano, reafirmo, contribui para pensarmos a inteireza do Ser, a totalidade do mundo e as diversidades das relações e realidades.

Somando à isso, Paulo Freire nos indica mais uma categoria, a ‘unidade na diversidade’, de imposição da própria luta, e explica:

A possibilidade de discernir, comparar, escolher, programar, atuar, avaliar, nos comprometer, nos arriscar, faz-nos seres da decisão, portanto, seres éticos. Por isso é um imperativo ético lutar contra a discriminação. Discriminados porque negros, mulheres, homossexuais, trabalhadores, brasileiros, árabes, judeus, não importa por quê, temos o dever de lutar contra a discriminação. A discriminação nos ofende a todos porque fere a substantividade de nosso ser. **A nossa luta contra as discriminações, contra a negação de nosso ser só levará à vitória se realizarmos o óbvio: a unidade na diversidade** (FREIRE, 1995, p.70 – grifo nosso).

Percebo que tal categoria comunga com os princípios da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais. Indicando a necessária união das lutas por meio da unidade na diversidade, Freire explica a gênese desta como categoria:

Quando digo unidade na diversidade é porque, mesmo reconhecendo que as diferenças entre as pessoas, grupos, etnias, possam dificultar um trabalho em unidade, ela é possível. Mais: é necessária, considerando-se a coincidência dos objetivos por que os diferentes lutam. A igualdade nos e dos objetivos podem visibilizar a unidade na diferença. A falta de unidade ente os diferentes conciliáveis ajuda a hegemonia do diferente antagonico. O importante é a luta contra o inimigo principal (FREIRE, 1995, p.68).

Desta maneira, uma das práticas de luta e de sinal de esperança que visualizo e Freire nos possibilita refletir é sobre um trabalho educativo interdisciplinar. Atrelado a isso, Freire aponta a necessidade de melhores salários para professoras/es e da urgente reformulação dos cursos de magistérios e licenciaturas. Inspira-nos por meio de um exemplo com equipe interdisciplinar para pensar currículo, em sua experiência quando secretário municipal da Educação de São Paulo e o contato que teve com o projeto de Martha Suplicy e o grupo GTPOS dialogando sobre Sexualidade, como já mencionando anteriormente. Freire diz que um dos diferenciais do projeto foi a importância dada ao conhecimento, experiências e visão de mundo das/os educandas/os, e assim notou que:

Na medida em que a pedagogia da pergunta se afirmava em face da pedagogia da resposta, na medida em que as questões em torno do corpo eram respondidas no programa de Orientação Sexual, notava-se nos educandos maior desenvoltura. **O conhecimento mais crítico do corpo consciente e a experiência do manejo da pergunta estimularam o desenvolvimento da curiosidade epistemológica** (FREIRE, 1995, p.47 – grifo nosso).

Essa Educação pautada na interdisciplinaridade em que Freire eleva o diálogo intencional sobre Sexualidade, me faz perceber, ainda mais, como o teórico era atento às maneiras de ensinar-aprender pensando a formação integral da/o cidadã/ão, exaltando a importância do conhecimento crítico para libertação e emancipação por meio da conscientização.

Vale ressaltar aqui que, nesta obra, Paulo Freire já falava há 23 anos atrás da necessidade de reformulação dos currículos dos cursos de magistérios e licenciaturas, sob a pauta da

interdisciplinaridade e necessária transformação para vivência de uma educação crítica/problematizadora. Entretanto, pelos estudos e experiências desta pesquisadora, nota-se que, muitas vezes, foi realizada apenas uma ‘maquiagem’ nos currículos de formação das/os profissionais da Educação. Todavia os currículos, bem como a prática educacional desses cursos ainda são conteudistas e de viés bancário, como criticava Paulo Freire. Isso nos faz entender, ainda mais, as razões pelas quais efetivas transformações na Educação formal não são ainda vividas: como educar, então, crianças, adolescentes, jovens e adultos de maneira que se pense a formação integral do Ser se nos cursos de formação, inicial e continuada, de profissionais da Educação ainda se pautam em um currículo e uma prática educativa para a fragmentação de conteúdos e próprio do Ser?

Somando às reflexões, resgato um excerto da obra em tela, “À sombra desta mangueira”, para compreendermos o que Freire indica em mais uma categoria, agora ‘corpo consciente’. O teórico explica que:

A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de pensar o mundo, de compreendê-lo, não se reduz a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos -, que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona (FREIRE, 1995, p.76).

Assim, podemos visualizar, mais uma vez, a perspectiva de totalidade e inteireza, que vejo, indicada pelo pensamento paulofreireano atrelada às relações dialéticas (*eu, outro(s), no e com o mundo*). Pensando neste sentido trago a categoria ‘luta’ para agregar às perspectivas dos documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais, por meio da reflexão:

Para estar no mundo, meu corpo consciente, meu ser inacabado e histórico, precisa tanto de alimento quanto de ética. A luta não teria sentido para mim sem esse fundo ético sobre que se dão as experiências de comparação, de crítica, de escolha, de decisão, de ruptura (FREIRE, 1995, p.71).

Sob o pensamento macro que permeia os sinais de esperança que já indiquei, Freire nos inspira na criação de uma nova política baseada em um otimismo crítico. Identificando a presença de ideologia do poder, o poder dessa ideologia e a inexperiência democrática enraizada em nossas tradições com bases para formação de uma nova política e na re-leitura de mundo, Freire diz que devemos estar abertas/os à esperança, pois

No momento atual estamos tão vulneráveis diante de poderes inalcançáveis – a colisão de um asteroide na Terra, a tragédia da Aids, a possibilidade de ter meu pequeno quintal espionado por outro lado do mundo – que a *esperança* se torna indispensável à existência. Difícil mantê-la, reforçá-la; impossível existir sem ela (FREIRE, 1995, p.61 – grifo do autor).

Possuindo a esperança como um dos princípios da luta, devemos também buscar a tomada de decisões de natureza dialógica, juntando forças com quem dá voz às classes

populares, pois “é muito fácil para quem ganha, come, veste, ouve música, viaja e tem prestígio social, pedir paciência a quem tudo isso é negado” (FREIRE, 1995, p.49).

Compreendendo, então, que as sociedades não *são*, mas *estão sendo*, devemos nos pautar em uma responsabilidade ética, onde, por exemplo, não devemos dialogar sobre fome de forma ‘dicionária’ (somente conceituando), mas problematizar sobre as realidades de comunidades, de sociedades de diversos países, suas consequências na vida das/dos cidadãs/ãos. O mesmo, por exemplo, nos diálogos sobre racismo, tendo em mente a construção deste, já que “não *somos* racistas, *tornamo-nos* racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas” (FREIRE, 1995, p.68 – grifos do autor). Devemos entender que

A prática político-pedagógica dos educadores progressistas ocorre numa sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pela tradicionalidade, pela modernidade e até pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança (FREIRE, 1995, p.59).

Vale ressaltar ainda, que Freire, na obra em tela, nos alerta para a questão da criticidade e a necessidade de uma pedagogia crítica na era tecnológica onde se acaba decidindo com rapidez em uma sociedade com disponibilidade à rápidas informações e comunicações. Assim, devemos nos atentar ao perigo dos centros de poder e da produção especializada de uma, dita, criticidade que decida a favor da verdade dos fortes e opressores, negando a verdade dos fracos e oprimidos, ou podemos como professoras/es sermos condenadas/os como “doutrinadoras/os”. Fato já observado na atualidade política e educacional brasileira, que com ares de conservadorismo, indica Paulo Freire como “doutrinador de esquerda e marxista”, em uma tentativa de deslegitimar todo o trabalho do patrono da Educação brasileira e terceiro autor mais citado no mundo.

Há mais de 20 anos, Freire disse que o “Brasil nunca precisou tanto de mulheres e de homens progressistas, radicais, sérios, engajados na luta pela transformação da nossa sociedade e testemunhando ao povo seu respeito por ele” (FREIRE, 1995, p.66), bem como “nunca terá o Brasil precisado tanto de quem, radical, se empenhe na luta pela mudança profunda da sociedade, pela *unidade na diversidade*” (FREIRE, 1995, p.67 – grifos do autor).

Neste sentido, a proposta de Paulo Freire é por uma educação democrática que “proponha ou aproveite situações em que os educandos experimentem a força e o valor da unidade na diversidade” (FREIRE, 1995, p.72). As injustiças não devem nos deixar desesperançosos, segundo Freire, e sim nos empurrar em favor da transformação do mundo para uma sociedade mais ‘gentificada’.

Assim, “À sombra desta mangueira” se caracteriza como uma obra que expressa nitidamente a perspectiva de totalidade e integração de Meio Ambiente e seres humanos,

agregando a visão de inteireza do Ser, nos fortalecendo sobre a Sexualidade como dimensão inerente a todas as pessoas.

Trago a seguir o quadro de convergência da obra com a CT e DDS exemplificando como foi refletida a questão dos direitos ambientais e sexuais em “À sombra desta mangueira” e desta maneira realizar as conclusões (provisórias) que vêm abaixo destes exemplos.

Quadro 12- Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em À sombra desta mangueira

| Obra: À sombra desta mangueira (1995) | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| Refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos no e com o mundo. A vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo (p.21). | Item 3, Item 4, Item 8, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 2, Item 3, Item 13. |
| A possibilidade de discernir, comparar, escolher, programar, atuar, avaliar, nos comprometer, nos arriscar, faz-nos seres da decisão, portanto, seres éticos . Por isso é um imperativo ético lutar contra a discriminação. Discriminados porque negros, mulheres, homossexuais, trabalhadores, brasileiros, árabes, judeus, não importa por quê, temos o dever de lutar contra a discriminação. A discriminação nos ofende a todos porque fere a substantividade de nosso ser. A nossa luta contra as discriminações, contra a negação de nosso ser só levará à vitória se realizarmos o óbvio: a unidade na diversidade (p.70). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 11, Item 16. | Item 1, Item 2, Item 3, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Assim, a obra converge-se à Carta da Terra nos direitos: respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações (item 4 da CT); adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7 da CT); avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido (item 8 da CT); garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 da CT); afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT); integrar, na

educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

“À sombra desta mangueira” eleva a comunhão com a Declaração dos Direitos Sexuais indicando: direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito a alto padrão de saúde, incluindo saúde sexual (item 7 da DDS); direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS); direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

2.2.6 Dialogando com a 6ª obra: **Pedagogia da Autonomia**

A obra gira em torno do ensino e aprendizado, onde Freire nos diz que somos seres programados para aprender e que ensinar inexistente sem aprender e vice-versa. Foi escolhida por ser a última obra escrita por Freire e que possui uma categoria – autonomia - presente nos fundamentos dos documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais.

Neste livro, em uma espécie de diálogo com professoras/es, Freire fala das exigências à prática educativa, dentre elas a eticidade necessária à prática educativa enquanto prática formadora, marca indispensável à convivência humana.

O teórico também nos diz que a formação docente, tal qual a Educação em modo geral, deve ser um processo permanente, onde a/o professora/or crítica/o deve estar predisposta/o à mudança, à aceitação do diferente, sempre respeitando o senso comum para processo necessário à sua superação. Deste modo, como professoras/es devemos refletir sobre práticas favoráveis para a vocação do ‘ser mais’, e tal caminho se dá pelo diálogo e processo de ensinar a ‘pensar certo’. Acontecendo isso a/o aprendiz se vê como criadora/or do processo de Educação e passa a ser sujeito e não mais objeto de sua história.

Para tal, reafirmo alguns princípios do pensamento paulofreireano exaltados na obra em foco: a Educação é um ato de invenção no mundo, logo não há processo educativo neutro; a esperança faz parte da natureza humana e é indispensável à experiência histórica; somos seres humanos inconclusos e esta inconclusão é permanente no processo social de busca; a conscientização é necessária ao ser inacabado, bem como é pelo inacabamento que nos tornamos conscientes e nos fazemos seres éticos.

O teórico diz como a ética faz comunhão ao processo de Educação e à luta necessária para a vivenciarmos quando exalta que:

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. É a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (FREIRE, 2013, p.17-18).

Desta maneira, “não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos” (FREIRE, 2013, p.19). Nos fazendo pensar sobre as interações *eu, outro(s), no e com o mundo*, e em como nos fazemos seres de eticidade, Freire reflete:

(...) mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude (FREIRE, 2013, p.20 – grifos do autor).

Complementando esta ideia, Paulo Freire nos indica a importância de sermos presença consciente no mundo, remetendo-nos aos processos de transformação por meio da criticidade e da amorosidade à liberdade:

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável (FREIRE, 2013, p.20).

Na perspectiva de sermos seres éticos, em Educação permanente, Freire aborda também na obra em tela, “Pedagogia da Autonomia”, a categoria ‘pensar certo’:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. (...) Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (FREIRE, 2013, p.37).

Atrelado a isto, encontramos então, no pensamento paulofreireano, mais uma categoria essencial para luta e vivência dos direitos humanos: por meio do pensar certo. Desta maneira, Freire indica às/aos professoras/es, na obra em diálogo, que uma “prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2013, p.39).

Assim, compreendendo que não há docência sem discência, já que “quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2013, p.25), a/o professora/or

(...) que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “do-discência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 2013, p.30 – grifos do autor).

Compreendendo este processo mútuo de ensino-aprendizagem entre educadoras/es e educandas/os, em que ambos são sujeitos no processo, e que se faz necessário conhecer a realidade dos sujeitos e de suas comunidades, é que Freire nos indaga:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 2013, p.31-32).

Este conhecimento da realidade para uma *práxis* consciente, crítica e amorosa que comunga com a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais nos faz pensar sobre atitudes sustentáveis para com a vida em totalidade (seres humanos, seres vivos e não vivos, Planeta Terra) e do conhecimento e cuidado para com o Ser em sua inteireza, refletindo principalmente sobre a dimensão Sexualidade, inerente ao ser humano. E nesta luta pelos direitos de sermos humanos em nossa totalidade, em interações diversas *com o(s) outro(s) e com o mundo* que Freire nos faz refletir por meio da afirmativa:

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2013, p.42 – grifos do autor).

Agregando a este estabelecimento de relações que me direcionado novamente à reflexão sobre a docência-discência, onde nos diz Freire que a formação docente verdadeira deve ser atrelada ao exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade por meio do reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição e/ou adivinhação, apreendendo pelas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica – testemunhando constantemente o vivido esta relação de troca entre educadoras/es e educandas/os. Deste modo, necessitamos nos “assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos” (FREIRE, 2013, p.48-49), pois é ante aos outros

e ao mundo que nos experimentamos enquanto seres culturais, históricos, inacabados e conscientes.

Em diálogo com suas categorias fundantes, Freire nos aponta a categoria ‘corpo consciente’, na obra “Pedagogia da Autonomia”, para refletirmos sobre a prática educativa:

O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos. A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfeitar o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixaza e de indignidade. Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética. Não se sabe de leões que covardemente tenham assassinado leões do mesmo ou de outro grupo familiar e depois tenham visitado os “familiares” para levar-lhes sua solidariedade. Não se sabe de tigres africanos que tenham jogado bombas altamente destruidoras em “cidades” de tigres asiáticos (FREIRE, 2013, p.51 – grifos do autor).

Sob este pensamento, atrelamos, mais uma vez, a filosofia de Paulo Freire à Carta da Terra e à Declaração dos Direitos Sexuais, compreendendo que, ao nos fazermos seres éticos, a luta pelos direitos humanos, ambientais e sexuais é plenamente vivenciada pela comunhão ética das relações *eu, outro(s), no e com o mundo*, pois “já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética” (FREIRE, 2013, p.52).

Somando à compreensão de *eu, outro(s), no e com o mundo*, que mostra convergências entre o pensamento paulofreireano, a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais, nos faz também refletir sobre as contribuições do pensamento de Paulo Freire aos fundamentos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces onde o relato, a seguir, do teórico se coloca como agregador:

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta à influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte a mundo nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir o mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 2013, p.52-53).

Freire nos inspira assim a sermos, além de sujeitos da nossa própria história, sujeitos da história do nosso local (município, estado, país, planeta). Deste modo, reflito sobre a importância de, como professora, pesquisadora e estudante de pós-graduação, qual contribuição estou dando ao mundo para vivenciarmos tudo que neste estudo elevo.

Neste sentido que repenso sobre a importância do respeito às diversidades de Ser e do Ser em totalidade para processos educacionais emancipatórios e para vivência plena dos direitos humanos universais, que aqui elevo a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais. Esse respeito ao ser humano, e todas as suas dimensões, perpassa, como nos inspira Freire, pelo caminho da ética, já que

O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética (FREIRE, 2013, p.55).

E neste permanente processo de busca que entendemos que “o mundo não é. O mundo está sendo. (...)Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 2013, p.74-75). Pensando sobre a vivência dos direitos humanos, expressos em documentos como a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais, Freire nos indica que devemos reconhecer a ‘luta’ como categoria histórica e que devemos reinventar, também, a forma histórica de lutar, deste modo

É preciso, porém que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (FREIRE, 2013, p.76).

Como inspiração para a transformação, devemos compreender que a “mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” (FREIRE, 2013, p.77). Neste processo, Freire nos diz sobre o direito legítimo de ter raiva, bem como de refletir sobre os discursos de desumanização:

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser não haveria sequer por que ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema. A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos. (...) O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominante, ou como exercício de resistência, como tática na luta política. Dou a impressão de que aceito hoje a condição de silenciado para bem lutar, quando puder, contra a negação de mim mesmo (FREIRE 2013, p.73-74 – grifos do autor).

Nesse sentido, temos que utilizar a justa raiva como motivação à mobilização para vivências plenas dos direitos humanos, que dentre eles está a Educação.

Paulo Freire nos fala também, na obra em diálogo, “Pedagogia da Autonomia”, sobre a domesticação alienante por meio do que nomeia ‘burocratização da mente’. Sendo esta um estado de “autodemissão da mente, do corpo consciente, de conformismo do indivíduo, de acomodação diante de situações consideradas fatalistamente como imutáveis” (FREIRE, 2013, p.111-112) e explica abordando sobre globalização:

Nada é possível de ser feito contra a globalização que, realizada porque tinha de ser realizada, tem de continuar seu destino, porque assim está misteriosamente escrito que deve ser. A globalização que reforça o mando das minorias poderosas e esmigalha e pulveriza a presença impotente dos dependentes, fazendo-os ainda mais impotentes é destino dado. Em face dela não há outra saída senão que cada um baixe a cabeça docilmente e agradeça a Deus porque ainda está vivo. Agradeça a Deus ou à própria globalização (FREIRE, 2013, p.112).

A crítica de Freire se dá, pois, acredita que

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça a milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica. O problema me parece muito claro. Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de caminhar, de agir, de criticar para esmagar a liberdade dos outros de fazer e de ser, assim também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos que levam milhares de pessoas à desesperança. Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. **A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro** (FREIRE, 2013, p.127-128 – grifo nosso).

Esta perspectiva está em consonância com o que diz a Carta da Terra sobre a sustentabilidade e o uso de recursos pensando nas gerações futuras, bem como a Declaração

dos Direitos Sexuais em ações levando em consideração o respeito máximo à mulheres e homens, em suas diversas formas de Ser, pois devemos: “lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem (...) Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e de descaso?” (FREIRE, 2013, p.109).

Este apontamento me recorda a perspectiva de Melo (2004) ao analisar sua vivência como professora e estudiosa da Educação Sexual e refletindo sobre as corporeidades das/os educadoras/es:

O avanço científico e tecnológico, de um lado, e, do outro, a “mercadorização” dos corpos e de sua sexualidade, também influíam poderosamente como determinados/determinantes em todas as dimensões do Ser humano, inclusive na sexualidade. O tema educação sexual já era até fartamente discutido e anunciado. Mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: praticava-se uma educação, ou melhor, uma deseducação sexual dos Seres humanos. Era imperioso pensar profundamente sobre essa questão. (...) Educadores sexuais somos todos nós, Seres humanos! Então, a quem interessa cada tipo de educação sexual? A quem interessa negar os corpos dos educadores, reprimi-los e torna-los dóceis? Ou então expô-los como mercadorias? (MELO, 2004, p.16 – grifos da autora).

A teórica reflete que nossa aprendizagem acontece *pelo e no* corpo, e nele fica registrada. Assim, o “estudo das teorias sobre o corpo e a corporeidade deve urgentemente inserir-se como parte de todo e qualquer currículo pedagógico que se pretenda realmente educativo na direção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e igualitária” (MELO, 2004, p.36). Cientes que o modo de produção capitalista e a educação bancária dicotimizam o mundo, os seres humanos e suas relações, que neste sentido devemos pensar os direitos humanos como prática educativa, pois

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 2013, p.68).

Freire nos mostra que é fundamental a prática humanizadora e integradora da docência e da discência ao afirmar:

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros. Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira (FREIRE, 2013, p.92).

Isto posto, entendo a prática educativa proposta por Paulo Freire como aquela que foge do dualismo e da dicotomização dos seres humanos, bem como nas suas relações *para com o(s) outro(s) e o mundo*. A prática educativa deve ser então pautada no diálogo dialético. Sempre na noção que, somando a visão própria à do outro Ser forma-se uma terceira perspectiva, e que sob a máxima do respeito às diversas maneiras de Ser serão vivenciados caminhos amorosos, fraternos e de paz.

Pensando sobre a necessária prática educativa para formação da/o cidadã/ão, Freire nos diz, que uma/um professora/or democrática/o é

(...) coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido (FREIRE, 2013, p.110).

Assim,

Deve fazer parte de nossa formação discutir quais são estas qualidades indispensáveis, mesmo sabendo que elas precisam de ser criadas por nós, em nossa prática, se nossa opção político-pedagógica é democrática ou progressista e se somos coerentes com ela. É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, de tratável ou desprezível (FREIRE, 2013, p.117-118).

Estas perspectivas de Freire me fortalecem na construção da fundamentação sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, pautando-me também em seu pensamento na compreensão e necessidade de um novo paradigma, social e educacional, que abarque a Vida em totalidade. A todo momento em que leio seus escritos, entendo a preocupação de Freire em compreender a realidade da sociedade global e da sociedade brasileira (local) para indicar caminhos de transformação por meio de uma Educação com viés político, democrático e libertador. **O pensamento paulofreireano, assim, pela análise do ser humano, sociedade e**

Educação (suas categorias bases) indica a necessidade de luta por direitos humanos universais sob a pauta da igualdade, da liberdade e da fraternidade, onde mulheres e homens (independente de idade, raça, nível econômico ou escolar) tenham qualidade de vida em todas as suas dimensões: sociais, culturais, históricas, econômicas, educacionais, de saúde integral, sexuais, ambientais.

Freire me inspira a pensar uma Educação para transformação de realidades que reflita sobre a Vida em sua totalidade. Por isso se tornou nessa caminhada um cúmplice teórico na perspectiva de união dos temas transversais Meio Ambiente e Sexualidade.

Neste sentido, exalto quando Paulo Freire fala sobre sua disponibilidade à Vida:

Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apeiam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (FREIRE, 2013, p.131).

Sob esta máxima passo a entender, cada vez mais, que **Paulo Freire era um defensor dos direitos humanos, e aí inclusos os direitos ambientais e sexuais, na vivência plena do que hoje apontam a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais, pois o teórico era um defensor da Vida em sua totalidade.**

Por tudo isso posto, exalta-se na “Pedagogia da Autonomia” os itens: respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações (item 4 da CT); adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7 da CT); avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido (item 8 da CT); garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 da CT); afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT); integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT); direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a

vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito a alto padrão de saúde, incluindo saúde sexual (item 7 da DDS); direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS); direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

Estas considerações (provisórias) foram refletidas com a produção de um quadro de convergência do qual trago a seguir com dois pontos elevados para exemplificação do processo de análise de dados.

Quadro 13 - Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Pedagogia da Autonomia

| Obra: Pedagogia da Autonomia (1997) *aqui usada a 44ª edição de 2013 | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar . É a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (p.17-18). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 10, Item 11, Item 14, Item 16. | Item 1, Item 2, Item 3, Item 10, Item 13. |
| O suporte veio fazendo-se mundo e a vida , existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente , captador, apreendedor, transformador , criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos. A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfear o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixa e de indignidade (p.51). | Item 1, Item 2, Item 3, Item 4, Item 7, Item 8, Item 10, | Item 1, Item 2, Item 3, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

2.2.7 Dialogando com a 7ª obra: Pedagogia da Indignação

A obra se caracteriza como póstuma, da qual Nita Freire⁴¹ é a organizadora de textos que estavam em processo de escrita sob a mesa de escritório do teórico. Nita indica que este livro, mais que uma obra pós morte do autor, deve ser uma celebração da vida de Paulo Freire. Foi escolhida para análise pelo conhecimento que tive de que nela o autor aborda a importância dos estudos sobre Ecologia, principalmente para a sociedade atual.

Balduino Andreola⁴², no prefácio de “Pedagogia da Indignação”, em uma espécie de conversa com Paulo Freire, fala que por mais que o diálogo tenha sido interrompido com sua morte, a presença de Freire é sentida em eventos, livros e outros, onde sua filosofia se faz presença-permanência. As obras de Paulo Freire, para Andreola, são grandes projetos de solidariedade que pertencem hoje à humanidade e tais obras estão dentro de um paradigma temporal de três momentos: “pré-tempo”, “contra-tempo” e “des-tempo”. Períodos que expressam desde a vivência das mobilizações populares, a prisão e exílio, e o pós-exílio onde Freire fez uma outra leitura da realidade, principalmente brasileira.

Quando Paulo Freire escreve que “não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo” (FREIRE, 2000, p.67), Andreola reflete:

A civilização ocidental, expressa na racionalidade fria e calculista da filosofia, da ciência e da tecnologia moderna, revelou-se incapaz de salvaguardar os valores que defendes e de articular a linguagem com que te comunicas. Degenerada num projeto de mundo identificado com o des-amor da ganânica fratricida da posse, do lucro e da especulação financeira, conduziu a humanidade à beira da destruição total. Paulo, há algum tempo venho meditando que me parecias deslocar-te do Ocidente para o Oriente e para o Sul. Lendo tuas *Cartas* confirmo-me nesta impressão de que, sem renunciar ao vigor da ciência e da filosofia, estás muito mais próximo do pensamento e da visão de mundo dos grandes mestres orientais, como também do espírito cósmico, místico acolhedor e musical dos povos africanos. Paulo, simpatizo com a ideia de pensar o teu projeto pedagógico-político na constelação do que denomino *Pedagogia das grandes convergências*. Eu lembro alguns grandes mestres da humanidade que no século findo, lutaram e dedicaram suas vidas por um projeto mais humano, fraterno e solidário de mundo (ANDREOLA in FREIRE, 2000, p.24 – grifos do autor).

Sob esta ótica, reflito: **vivemos a sociedade da autodestruição? O fanatismo, consumismo, a globalização e o dito “desenvolvimento” com uma hiperprodução desenfreada conseguiram superar a interligação de Vidas? Neste sentido, o pensamento paulofreireano nos dá sinais de esperança ao sinalizar suas compreensões sobre o ser**

⁴¹ Ana Maria Araújo Freire (Nita) é viúva de Freire, doutora em Educação, se dedica a organizar, publicar e divulgar as obras e o legado de Paulo Freire.

⁴² PhD. em Educação, professor e pesquisador sobre, principalmente, movimentos sociais e educação popular, bem como o pensamento paulofreireano.

humano, a sociedade e a Educação, pautados nos direitos humanos universais, bem como na necessidade de uma mudança paradigmática que abarque a totalidade.

Concordo com Andreola que Paulo Freire se utiliza de uma explicação sobre o mundo e ser humano em convergência, com certeza por isso ele foi escolhido para esta dissertação para fazer um resgate do seu pensamento para ampliação dos fundamentos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, sob a pauta, principalmente, de análise da categoria direitos humanos. Andreola, ainda complementa

Cabe a nós, Paulo, que aqui ficamos, derrubarmos muros e inventarmos o que venho chamando, há alguns anos, uma *engenharia epistemológica-pedagógica* de pontes, através das quais possamos ir e vir, ao encontro uns dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar *à sombra desta mangueira* da fraternidade global (ANDREOLA in FREIRE, 2000, p.25 – grifos do autor).

Esta interligação *eu, outro(s), no e com o mundo* sob a perspectiva de fraternidade global vai ao encontro dos documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais, bem como ao pensamento paulofreireano. Com inspiração neste assunto, resgato um excerto quando Paulo Freire fala que gosta de ser gente

(...) porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites (FREIRE, 2000, p.39).

Pensando a Educação como forma de mudar o mundo, relembro a fala de Gadotti (2008) e sua percepção, para assim complementar as exposições anteriores. O teórico diz que

A Terra é nossa primeira grande educadora. Educar para um outro mundo possível é também educar para encontrar nosso lugar na história, no universo. É educar para a paz, para os direitos humanos, para a justiça social e para a diversidade cultural, contra o sexismo e o racismo. É educar para a consciência planetária. É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo (GADOTTI, 2008, p.107-108 – grifo nosso).

Neste sentido, uma Educação que eleva a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais - onde estes documentos comungam com a perspectiva exaltada por Gadotti - é aquela que valoriza o Ser em sua inteireza, que compreende as diversidades da Vida, que vivencia os direitos humanos em plenitude, que se pauta na solidariedade e na equidade como base à vida e à cidadania.

Sob esta ótica e no encontro com a educação crítica, radical, problematizadora e libertadora pautada do pensamento paulofreireano que devemos ter em mente que esta visão de Educação

(...) não pode jamais prescindir da percepção lúdica da mudança que inclusive revela a presença interveniente do ser humano no mundo. Faz parte também desta percepção lúdica da mudança a natureza política e ideológica de nossa posição em face dela independentemente de se estamos conscientes disto ou não. Da mudança em processo, no campo dos costumes, no gosto estético de modo geral, das artes plásticas, da música, popular ou não, no campo da moral, sobretudo no da sexualidade, no da linguagem, como da mudança historicamente necessária nas estruturas de poder da sociedade, mas a que dizem *não*, ainda, as forças retrógradas (FREIRE, 2000, p.32 – grifo do autor).

Desta maneira, o pensamento paulofreireano me fortalece na luta pela transformação da sociedade por meio do diálogo intencional de interligação dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, em suas interfaces, pois estes valorizam dimensões inseparáveis do ser humano. Não podemos mais tolerar as ideias alienantes e retrógradas que tantos males trazem à sociedade, ainda mais em pleno século XXI, dita era da informação. E assim, comungo com o sentimento de Freire quando diz que **“devo aproveitar toda oportunidade para testemunhar o meu compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substantivamente democrático”** (FREIRE, 2000, p.33-34 – grifo nosso).

Sob esta medida devemos testemunhar à nossa e às próximas gerações “que é possível ser coerente, mas ainda, que ser coerente é um sinal de **inteireza de nosso ser**. Afinal a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar” (FREIRE, 2000, p.45 – grifo nosso). E esse testemunho é de que

(...) se somos progressistas, se sonhamos com uma sociedade menos agressiva, menos injusta, menos violenta, mais humana, deve ser o de quem, dizendo *não* a qualquer possibilidade em face dos fatos, defende a capacidade do ser humano de avaliar, de comparar, de escolher, de decidir e, finalmente, de intervir no mundo (FREIRE, 2000, p.58 – grifo do autor).

Ao final dos textos da obra “Pedagogia da indignação”, nomeados de cartas pedagógicas, Nita Freire faz um comentário sobre o escrito de Paulo e, complementando a ideia de inteireza/totalidade do Ser indicado por Freire, Nita explica que o teórico

Entendia sempre que fizera tudo na sua vida dentro da ética e das possibilidades históricas – pessoais e sociais -, mas nunca se perdoou por ter fumado. Hoje vejo que este **rever-se era um rever-se na sua totalidade**. Revendo, analisando e discutindo a sua vida, refazia a sua inteligência de educador na história. **Reconstruía um modo novo de “ler o mundo”** (FREIRE, 2000, p.52 – grifos nossos).

É esta re-escrita e re-leitura do mundo que Freire indica como sua transformação. Transformação esta possível por meio da Educação, já que

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros (FREIRE, 2000, p.67).

Tal pensamento de Freire vai totalmente ao encontro do teor da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais, principalmente quando indicam o respeito à vida, a defesa da equidade, de ser contra a discriminação das chamadas ‘minorias’, a favor da luta pelo direito, essencialmente, de Ser.

Fico fortalecida assim sobre pensar em uma Educação que possibilite a interligação de Meio Ambiente e Sexualidade, na perspectiva de valorização da totalidade do Planeta Terra e da inteireza do ser humano, refletindo essa abordagem nas inter-relações dialéticas entre *eu, outro(s) e mundo*, inspirando-me a pensar sobre possibilidades de uma Educação da dimensão ambiental-sexual humana para sua emancipação.

Assim, mais uma vez, compreendo que Freire pensa a Educação e a mudança crendo na esperança de transformação, pois

A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica (FREIRE, 2000, p.81).

E neste compromisso que me coloco ao mundo dando voz também nesse trabalho à perspectiva de interligação dos temas Meio Ambiente e Sexualidade, para todos os níveis educacionais, em um diálogo de respeito às múltiplas formas de Ser e de interagir, pensando em atos sustentáveis e de proteção de si, do outro e do Planeta Terra. É urgente, como nos avisa Freire, que nos assumamos como seres éticos e de luta pelos direitos humanos, e dentre eles, aqui exaltados, os ambientais e sexuais, pois

O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana, mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância. Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas (FREIRE, 2000, p.66-67).

É sob a valorização máxima a todas as formas de vida e todas as formas de ser humano que o pensamento paulofreireano ilumina a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais. E, frente a isso, mais uma vez, partilho da visão de mundo paulofreireana, principalmente quando diz:

Não creio da amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (FREIRE, 2000, p.67).

Com o apoio das obras analisadas, e principalmente da obra em tela, frutos do educador Paulo Freire, observo a importância que o teórico já indicava, no final do século XX, dos

estudos sobre ecologia, inspirando-nos ainda mais a pensar a interligação proposta nesta dissertação sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, bem como em meus estudos anteriores. Freire indica seu verdadeiro amor às múltiplas formas de vida e múltiplas formas de ser humano, assim, ousou nomeá-lo como **grande educador ambiental-sexual!**

Neste sentido, sob a pauta de uma das máximas do pensamento paulofreireano, exalto novamente o ato de fazer mudança por meio de uma *práxis* comprometida, tão elevada por Freire, principalmente quando o teórico nos indaga:

Se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio ou do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza, por que não mudar o mundo que fazemos, o da cultura, o da história, o da política? (FREIRE, 2000, p.98).

A intervenção do ser humano sob a Natureza gerou um Meio Ambiente que muitos indicam que beira ao caos e à morte iminente de todos os seres vivos, incluído o ser humano, e do Planeta Terra. Morte esta já observada nas poluições de águas, ar e solos, de desmatamento da biodiversidade de plantas, do desaparecimento da biodiversidade animal. Morte também observada nas relações humanas encontradas nas violências, discriminações, ações de *bullying*, mortes de mulheres e de pessoas LGBT's. Mas, Paulo Freire nos dá sinais de esperanças para a capacidade de mudança dos seres humanos e de criar e re-criar alternativas de proteção a todas as formas de Vida.

Neste sentido, o teórico ainda nos permite viver a utopia de um mundo melhor quando diz que

As filosofias que melhor nos ajudarão serão as que, sem as desconhecer ou minimizar o peso da materialidade, não se inibirão, tímidas na análise da História e na compreensão da mudança da realidade, em face do papel do espiritual, não necessariamente na dimensão religiosa do termo, dos sentimentos, dos sonhos e das utopias (FREIRE, 2000, p.94).

Este modo de pensar vai ao encontro da perspectiva de totalidade de compreender a Vida, como assinala a própria filosofia paulofreireana, agregando todas as dimensões de Ser e existir. E, complementando os sinais de esperança, Freire nos brinda com a categoria 'sonho', nos indicando a sua possibilidade, principalmente por meio da visão integradora de mundo, não anulando aspectos de nossa vida humana:

O "sonho" dos que hoje negam à prática educativa qualquer relação com os sonhos e utopias, como o sonho da autonomia do ser, que implica a assunção de sua responsabilidade social e política, o sonho da reinvenção constante do mundo, o sonho da libertação, portanto o sonho de uma sociedade menos feia, menos malvada, é o sonho da adaptação silenciosa dos seres humanos a uma realidade considerada intocável. É tão urgente quanto necessária a compreensão correta da tecnologia, a que recusa entendê-la como obra diabólica ameaçando sempre os seres humanos ou a que a perfila como constantemente a serviço de seu bem-estar (FREIRE, 2000, p.101 – grifos do autor).

Com este olhar de boniteza das coisas, obviamente com consciência crítica, consegui me apropriar nesta caminhada da visão integradora de sermos seres de *práxis* lutando pelas vivências de nossos sonhos. E aqui me deparo com as temáticas de ordem de uma nova era do capitalismo, este que trouxe a globalização, consumismo, ascensão da internet e rápidos acessos às informações diversas, bem como comunicações. Tudo isto posto junto a outras atrocidades ao ser humano, aos seres vivos e ao Planeta Terra, **acredito que Freire nos indique o caminho de não ‘diabolizar’, e sim de problematizar e traçar atitudes concretas, comprometidas com a transformação deste mundo que criamos.**

Reafirmo a importância de exercitar a forma dialética de enxergar a Vida, sobre como agiremos diferente para protegermos a nós mesmos e todas as formas de vida. Neste sentido que o pensamento paulofreireano indica que devemos tomar consciência crítica por meio do conhecimento da realidade em sua totalidade e termos uma *práxis* coerente e comprometida para a transformação. Mais uma vez Freire nos coloca a possibilidade de vivência de mudança por meio da luta pelos direitos humanos, quando diz que

A globalização tal qual está aí é inexorável. Não há o que fazer contra ela senão esperar, quase magicamente, que a democracia, que ela vem arruinando, se refaça em tempo de deter sua ação destruidora. Na verdade, porém, faz tão parte do domínio da ética universal do ser humano a luta em favor dos famintos e destroçados nordestinos, vítimas não só das secas, mas, sobretudo, da malvadez, da gulodice, da insensatez dos poderosos, quanto a briga em favor dos direitos humanos, onde quer que ela se trave. Do direito de ir e vir, do direito de comer, de vestir, de dizer a palavra, de amar, de escolher, de estudar, de trabalhar. Do direito de crer e de não crer, do direito à segurança e à paz (FREIRE, 2000, p.129-130).

Diante esta premissa, de reivindicações e lutas pelos direitos humanos, temos que nos pautar ainda mais de que

Estar no mundo, para nós, mulheres e homens, significa estar com ele e com os outros, agindo, falando, pensando, refletindo, meditando, buscando, *inteligindo*, comunicando o *inteligido*, sonhando e referindo-se sempre a um amanhã, comparando, valorando, decidindo, transgredindo princípios, encarnando-os, rompendo, optando, crendo ou fechados às crenças. O que não é possível é estar no mundo, com o mundo e com os outros, indiferentes a uma certa compreensão de por que fazemos, de contra que e contra quem fazemos o que fazemos. O que não é possível é estar no mundo, com o mundo e com os outros, sem estar tocados por uma certa compreensão de nossa própria presença no mundo (FREIRE, 2000, p.125 – grifos do autor).

Paulo Freire vai assim nos sinalizando que neste *estar no mundo* estamos condicionados, e não determinados, e por isso também somos seres de ruptura e de responsabilidade, exigência também para nossa liberdade, pois

Se fôssemos determinados, não importa por quê, pela raça, pela cultura, pela classe, pelo gênero, não tínhamos como falar em liberdade, decisão, ética, responsabilidade. Não seríamos educáveis, mas adestráveis. Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio (FREIRE, 2000, p.121).

Diante tudo isso temos que nos pautar em um processo de reivindicações e luta pelos direitos humanos ancorando-nos na ética, no movimento de

(...) luta contra qualquer tipo de violência. De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. De violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas. De violência contra os discriminados não importa a razão da discriminação. De luta contra a impunidade que estimula no momento entre nós o crime, o abuso, o desrespeito aos mais fracos, o desrespeito ostensivo à vida (FREIRE, 2000, p.133).

Vivenciar esta luta, indicada pelo pensamento paulofreireano, fortalece-nos ainda mais pelo conhecimento e conscientização sobre os direitos ambientais e sexuais, principalmente pautados nos documentos da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais que possuem as dimensões ambiental e sexual como inerentes ao ser humano e, por isso, também abarcam a perspectiva de totalidade das interações *entre eu, outro(s), no e com o mundo*. Para tal, necessitamos nos re-conectar à defesa das múltiplas formas de vida, pois

Os inimigos da vida a ameaçam constantemente. Precisamos, por isso, lutar, ora para mantê-la, ora para reconquistá-la, ora para ampliá-la. De qualquer maneira, porém, não creio que o núcleo fundamental da vida, a liberdade e o medo de perdê-la, possa ser jamais supresso. Ameaçado sim. **Da vida entendida na totalidade da extensão do conceito e não só da vida humana, vida que, implicando a liberdade como movimento ou permanente busca, implica também cuidado ou medo de perdê-la** (...). Neste sentido me parece uma contradição lamentável fazer um discurso progressista, revolucionário e ter uma prática negadora da vida. Prática poluidora do ar, das águas, dos campos, devastadora das matas. Destruidora das árvores, ameaçadora dos animais e das aves (FREIRE, 2000, p.132 – grifo nosso).

Nesta defesa às múltiplas formas de vida, em sua totalidade, devemos negar todas as formas de violência, pois

A questão da violência não só física, direta, mas sub-reptícia, simbólica, violência e fome, violência e interesses econômicos das grandes potências, violência e religião, violência e política, violência e racismo, violência e sexismo, violência e classes sociais. A luta pela paz, que não significa a luta pela abolição, sequer pela negação dos conflitos, mas pela confrontação justa, crítica dos mesmos e a procura de soluções corretas para eles é uma exigência imperiosa de nossa época. A paz, porém, não precede a justiça. Por isso a melhor maneira de falar pela paz é fazer justiça (FREIRE, 2000, p.131).

Neste sentido, os documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais são base de apoio para nos pautarmos teoricamente e realizar uma *práxis* coerente diante da luta dos direitos humanos, também ambientais e sexuais. Devemos por isso nos compreender como seres políticos, já que

Não é possível estar no mundo, enquanto ser humano, sem estar com ele e estar com o mundo e com os outros é fazer política. Fazer política é assim a forma natural de seres humanos estarem no mundo e com ele. Saber que é possível mudar o mundo é conhecimento tão indispensável a quem faz política quanto o é para quem estuda Marx saber a importância no seu pensamento do conceito de Práxis (FREIRE, 2000, p.98-99).

Assim, educar também é um ato político e estamos a todo momento nos educando, em uma experiência de boniteza que é esta partilha. Se faz então fundamental “o exercício de pensar

o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra que, o contra quem” (FREIRE, 2000, p.102), pois estas são exigências essenciais de uma educação democrática, crítica, problematizadora e libertadora à altura dos desafios do nosso tempo. Que exige conhecimento da nossa realidade em totalidade, como já mencionado, pois ao entender a nossa história, do nosso país, por exemplo, traçamos as atitudes de uma *práxis* coerente e de vivência plena dos direitos humanos. Freire nos brinda como uma reflexão sobre nosso país quando analisa os 500 anos de invasão do nosso território:

Não será, pois, os 500 anos que nos separam da chegada invasora que me farão bendizer a mutilação do corpo e da alma da América e cujas mazelas carregamos hoje ainda. O corpo e alma da América, o corpo e alma de seus povos originários, assim como o corpo e alma dos homens e das mulheres que nasceram no chão americano, filhos e filhas de não importa de que combinações étnicas, o corpo e alma de mulheres e homens que dizem não à dominação de um Estado sobre o outro, de um sexo sobre o outro, de uma classe social sobre a outra ... (FREIRE, 2000, p.74).

Ao nos indicar esta perspectiva sobre a história brasileira, Freire nos faz perceber as interconexões postas do “corpo e alma” do nosso povo e da nossa terra, fortalecendo em nós enquanto nação ainda mais os princípios exaltados na Carta da Terra principalmente, mas também em comunhão de ideais da Declaração dos Direitos Sexuais.

Deste modo, o grande teórico entendia a educação para os direitos humanos, na perspectiva da justiça ao despertar os seres dominados para a necessidade de luta e mobilização crítica, democrática e justa com a intenção de reinventar o mundo, na transformação de uma sociedade, reinventando-se sempre com uma nova compreensão do poder, passando por uma nova compreensão da produção. Sendo assim, a esperança, assim como o sonho, se faz matriz da Educação e do inacabamento humano para nos tornarmos seres conscientes, e Freire expressa isso também nos textos organizados por Nita Freire.

Para demonstração da movimentação de convergência da obra em tela com a CT e DDS apresento a seguir um quadro com duas exemplificações do processo.

Quadro 14 - Convergência citação paulofreireana, CT e DDS em Pedagogia da Indignação

| Obra: Pedagogia da Indignação (2000) | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| Citação de Paulo Freire (grifo nas palavras-chave que remeteram à convergência) | Item(ns) da CT | Item (ns) da DDS |
| O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana, mas vegetal e animal , o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância. Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas (p.66-67). | Item 1, Item 2, Item 4, Item 7, Item 8, Item 10, Item 11, Item 14. | Item 2. |
| A questão da violência não só física, direta, mas sub-reptícia, simbólica, violência e fome, violência e interesses econômicos das grandes potências, violência e religião, violência e política, violência e racismo, violência e sexismo, violência e classes sociais. A luta pela paz , que não significa a luta pela abolição, sequer pela negação dos conflitos, mas pela confrontação justa, crítica dos mesmos e a procura de soluções corretas para eles é uma exigência imperiosa de nossa época. A paz, porém, não precede a justiça . Por isso a melhor maneira de falar pela paz é fazer justiça (p.131). | Item 3, Item 11, Item 16. | Item 1, Item 2, Item 3, Item 4, Item 13. |

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Em convergência com a “Pedagogia da Indignação”, a Carta da Terra é abrilhantada nos direitos: respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade (item 1 da CT); cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor (item 2 da CT); construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas (item 3 da CT); garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações (item 4 da CT); adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário (item 7 da CT); avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido (item 8 da CT); garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 da CT); afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas (item 11 da CT); integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida,

os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável (item 14 da CT); promover uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 da CT).

Consonante com a Declaração dos Direitos Sexuais, a obra em foco partilha da ideia de: direito a igualdade (item 1 da DDS); direito a vida (item 2 da DDS); direito a autonomia e integridade corporal (item 3 da DDS); direito a alto padrão de saúde, incluindo saúde sexual (item 7 da DDS); direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora (item 10 da DDS); direito à liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 da DDS).

2.3 REFLEXÕES DOS RESULTADOS DOS DIÁLOGOS E DAS CONVERGÊNCIAS: O ENCONTRO DOS INDICADORES DE CATEGORIAS

Diante das pesquisas e do estudo crítico das sete obras de Paulo Freire e cotejando-as à Carta da Terra e à Declaração dos Direitos Sexuais, compreendo que a relação *eu, outro(s), no e com o mundo* é base fundante do pensamento paulofreireano que me auxilia na fundamentação de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces. Assim, as múltiplas relações entre *eu, outro(s), mundo*, e seus processos dialéticos, permitem-me realizar as interfaces, enxergar a diversidade das inter-relações entre Meio Ambiente e Sexualidade. Lembrando que as relações não estão dadas, nós como seres humanos e que as fazemos a todo momento de interações. Desta maneira, também as interfaces, propostas neste estudo, estão nas comunicações, nas relações, nas conexões, principalmente na compreensão das interações em totalidade, enxergando as interfaces de macro a micro.

Nas sete obras paulofreireanas as categorias fundantes, que a todo momento são dialogadas de maneira dialética pelo teórico e que são inseparáveis umas das outras perante sua filosofia e visão de mundo, são: ser humano, sociedade, educação e direitos humanos.

Neste sentido, o que conecta o pensamento paulofreireano aos documentos Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais são estes princípios expressos nestas quatro categorias fundantes.

Para explicitar os resultados obtidos por este estudo por meio das análises e convergências das sete obras paulofreireanas à Carta da Terra e à Declaração dos Direitos Sexuais produzi a figura a seguir.

Figura 4 - Inter-relações entre pensamento paulofreireano, Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Na figura aponto a base conceitual do pensamento paulofreireano à este estudo que são as relações *eu, outro(s), mundo*, bem como as categorias fundantes exaltadas nas sete obras de Paulo Freire, e as inter-relaciono à Carta da Terra e à Declaração dos Direitos Sexuais.

Realizando movimentações de inter-relações como expressão da análise de dados, encontrei assim a possibilidade de convergência do pensamento paulofreireano, expresso aqui em suas sete obras, com a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais, em um primeiro momento por meio da categoria fundante de Paulo Freire “direitos humanos” que permeia os documentos e as outras categorias e está diretamente ligada com a base das relações de *eu, outro(s), mundo*.

Os seis pontos destacados abaixo nascem a partir da convergência dos itens selecionados da CT e DDS e representam os indicadores de categorias desta dissertação: respeito, cuidado, democracia, sustentabilidade, equidade e educação para Vida.

1. **Respeito:** Respeito às Diversidades da Vida (item 1 CT),
2. **Cuidado:** Cuidado com Comunidade da Vida (item 2 CT, item 2 DDS),
3. **Democracia:** Construção de sociedades democráticas (item 3 CT), sob uma cultura de tolerância, não violência e paz (item 16 CT) e com bases de liberdade de pensamento, opinião e expressão (item 13 DDS),
4. **Sustentabilidade:** Garantia das dádivas Terra para atuais e futuras gerações (item 4 CT) e adoção de padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra e direitos humanos (item 7 CT), neste sentido garantir que atividades e instituições econômicas promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável (item 10 CT),
5. **Equidade:** Igualdade e equidade de gênero, e acesso universal à educação, saúde e às oportunidades econômicas (item 1 DDS, item 11 CT, item 7 DDS), bem como autonomia e integridade corporal (item 3 DDS),
6. **Educação para Vida:** Avanços nos estudos da sustentabilidade, em uma educação pautada em conhecimentos do modo de vida sustentável à educação sexual esclarecedora (item 8 CT, item 14 CT, item 10 DDS).

Dentro desses seis indicadores de categorias há diversas capilarizações para conceitos que são importantes para este estudo e para agregar ao objetivo de fundamentação de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano, sob a convergência do mesmo aos direitos ambientais e sexuais, expressos na Carta da Terra e na Declaração dos Direitos Sexuais.

Compreendo, desta maneira, que tive como ponto de partida, neste estudo, a categoria “Meio Ambiente e Sexualidade” sob uma perspectiva de transversalidade aos conhecimentos e à Vida, bem como com o olhar de totalidade perante os conceitos de cada um. Entendo que o ponto que cheguei, considerando as análises das obras e pensamento paulofreireano atrelado à Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais, como expressões dos direitos ambientais e sexuais como direitos humanos, é de compreender que as interfaces estão nas relações dialéticas entre *eu, outro(s), no e com o mundo* e que, a partir da compreensão destas interfaces e a consciência crítica, elevada por Paulo Freire, podemos realizar efetivas transformações *no e com o mundo*, principalmente por meio do autocuidado, cuidado com o(s) outro(s) e com o Planeta Terra. É sob esse sentimento de pertencimento em que as ações realizadas ao Meio

Ambiente terão consequências para os seres humanos e todas as outras formas de vida. Neste sentido, as ações de transformação, pensando uma mudança paradigmática na relação ser humano e Planeta Terra, compatível aos conhecimentos e informações do século XXI, perpassam a sustentabilidade e a luta coletiva, indicadas pela Carta da Terra e pela Declaração dos Direitos Sexuais.

Inspirada, mais uma vez, pela reinvenção, seja da Educação ou de sua filosofia, que Paulo Freire propõe, neste momento de exposição de resultados das análises de dados, me permito criar uma espécie de ‘jogo de palavras’ com os conceitos que capilarizam dos indicadores de categorias encontrados na convergência das sete obras paulofreireanas, CT e DDS:

Paulo Freire nos indica que somos **seres humanos** em processo de **inacabamento**, pois somos **seres históricos** e de **busca**. Assim, somos seres em intenso processo **permanente** de **Educação**. A Educação exaltada pelo pensamento paulofreireano é **libertadora** e se pauta no **diálogo**, na **problematização** e na **críticidade**. O teórico nos indica sobre a importância de analisar a **sociedade** e a **realidade** em suas **totalidades**. Para isso se faz fundamental a **conscientização**, também de maneira crítica, nos tornando **corpos conscientes**. O grande educador brasileiro fala de nosso **compromisso histórico** e aponta a necessária **luta** pelos **direitos humanos** como caminho de **transformação** de mundo. Neste sentido, o teórico diz que devemos ser ‘seres de *práxis*’ e esta com bases na **ética** e na **amorosidade**. Freire, como um sujeito apaixonado pela Vida, nos apresenta o possível **sonho** de viver em um mundo pautado na **tolerância**, no **respeito**, na **igualdade**, na **liberdade**, na **fraternidade**, na **autonomia** e na **paz**. E isto tudo é indicado pela Carta da Terra e pela Declaração dos Direitos Sexuais que nos são grandes sinais de **esperança** para a vivência de uma **cultura** de **cuidado**, pensando sempre nas inter-relações de *eu, outro(s), no e com o mundo*. Para isso precisamos pensar em um caminho de **mudança** de **paradigma** que não permita mais a dicotomização ou dualismo, pois suas práticas são necrófilas. Precisamos viver uma **Educação para Vida**, que pense o Ser em sua **inteireza**, com ações de **sustentabilidade**, refletida em **equidade** entre todos os seres humanos, e no respeito às diversas formas de Ser e às **diversidades** da Vida no Planeta Terra.

A seguir, no terceiro capítulo, são apresentadas as considerações reflexivas, e provisórias como propõe Paulo Freire, sobre o alcance dos objetivos e dos desafios dos processos de pesquisas à escrita deste estudo.

3 MINHAS CONSIDERAÇÕES FINAIS PROVISÓRIAS: “SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA”

Paulo Freire me deu muitas respostas, mas também me fez/faz muitos questionamentos e me deixa com muitas mais indagações. É nisso que penso que um cúmplice de caminhada é característico. Paulo Freire com certeza não queria seguidores e sim pessoas cúmplices para reinventar suas próprias ideias e criar novas *práxis* voltadas à libertação do ser humano. Uns dos desafios postos é refletir, cada vez mais, sobre a sociedade em que Freire viveu e pensou (século XX) e utilizá-la como inspiração para novas propostas, reflexões e ações neste século XXI, e nos demais que virão.

Freire indica que temos que diminuir a distância entre o que dizemos (escrevemos) e o que fazemos, até que chegue um momento que o que falamos (escrevemos) seja nossa prática. Durante este estudo refleti como eu o estava vivendo. Aquela *práxis* legítima e coerente foi a que busquei vivenciar durante essas pesquisas, minhas escritas e minhas ações como Aline, em sua inteireza. Por diversos momentos me questioneei: acho mesmo que estou protegendo o Meio Ambiente só porque separo os resíduos recicláveis dos de descarte? Até que ponto me autoconheço? Estou vivenciando realmente a proteção e cuidado para comigo, com as outras pessoas e para com o Planeta Terra? Estes meus momentos de autoestudo e autoconhecimento foram essenciais para esta dissertação, principalmente para a chegada destas considerações provisórias repletas de reflexões e sugestões, pois como diz Freire somos seres de inacabamento e inconclusões e em processo permanente de busca.

Neste estudo ancorei-me no pensamento paulofreireano, na Carta da Terra e na Declaração dos Direitos Sexuais, na investigação de subsídios para fundamentações sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, aliada à curiosidade de resgatar e entender os paradigmas da relação ser humano e Planeta Terra, principalmente movida pelos questionamentos: quando foi que o ser humano se “desconectou” do Planeta Terra ao ponto de destruí-la? Que visão de mundo imperou na História da Humanidade que ‘dicotomizou’ o ser humano de sua própria Sexualidade?

Compreendi que a concepção hegemônica da Igreja principalmente da católica, o modo de produção capitalista e o paradigma científico dicotômico potencializaram a vivência do dualismo do Ser, do ser humano dominador da Natureza e da fragmentação do conhecimento.

Atualmente vivemos em que paradigma da relação ser humano, sempre sexuado, e Meio Ambiente? Percebo que estamos vivendo mais um momento de crise, que é evidenciado pelas

ideias que identificam a relação de destruição do ser humano consigo mesmo, com o(s) outro(s) e com o Planeta Terra. Mas pensadores com ideias integradoras que entendem o Ser em sua inteireza e o Meio Ambiente em sua totalidade são evidenciados desde os meados do século XX, principalmente. Dentre eles exalto Paulo Freire que reflete sobre as transformações sociais e indica uma educação de base libertária e democrática.

Neste sentido, **são exaltados pelo pensamento paulofreireano os direitos humanos como pilares para vivência de um mundo mais justo, fraterno, igualitário e de paz.** Freire indica a importância da luta pelos direitos humanos, principalmente pela reunião coletiva de ideias e ações em que aparecem os movimentos sociais que têm reflexos sociais e educacionais. Aqui exalto o ecofeminismo com princípio de união entre Meio Ambiente e Sexualidade, que me é inspiração para pensar também a Educação Ambiental e Sexual integradas.

Compreendendo a crise ambiental posta, como podemos contribuir para ações sustentáveis? Durante o percurso deste estudo percebo que também estamos em “crise sexual”. Tudo porque nosso paradigma está em crise. Estamos buscando sair das “caixas” rotuladoras. E este momento, como Freire indica em suas obras, é necessário e devemos entendê-lo em uma perspectiva dialética, de ruptura para a construção de um novo mundo.

Qual paradigma se percebe no pensamento paulofreireano quando se reflete sobre contribuições deste às fundamentações de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces? **Paulo Freire era contra o paradigma dicotômico e exaltou os princípios que abarcam a totalidade e inteireza, sob o viés da Vida em movimento, por meio das relações dialéticas, elevando os direitos humanos e a Educação como pilares de sua filosofia. Desta maneira, Paulo Freire contribui profundamente com suas ideias às fundamentações e estudos sobre os temas Meio Ambiente e Sexualidade, e suas interfaces.**

Analisando o cumprimento dos meus objetivos, geral e específicos, na caminhada investigativa que ora se finda, compreendo que os vivenciei em plenitude e pude demonstrar que é possível ampliar a compreensão de Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces à luz do pensamento paulofreireano por meio das sete obras do autor, utilizando como aporte as atuais Carta da Terra e Declaração dos Direitos Sexuais.

Desvelei fundamentos teóricos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces por meio do pensamento paulofreireano, exaltando suas categorias fundantes e sua perspectiva de totalidade, principalmente das relações dialéticas de *eu, outro(s), no e com o mundo.* **Capturando a essência das reflexões sobre Paulo Freire como educador ambiental-sexual, entendo que o legado paulofreireano tem como base o conhecimento do sujeito, suas experiências singulares e vivências sociais, e que uma Educação pautada no pensamento**

paulofreireano cumpre a missão de respeito à Vida, de formação libertadora do ser humano por meio da autonomia e criticidade. Percebo que o pensamento de Paulo Freire é um dos sinais de esperança para o resgate da relação ser humano, sempre sexuado, e o Planeta Terra, inspirando mudanças paradigmáticas pautadas no viés da sustentabilidade e inteireza do Ser.

Foi possível compreender, neste estudo, sobre a relação ser humano, sempre sexuado, e o Planeta Terra ao dialogar principalmente com Freire e com o apoio de outras/os teóricas/os que refletem sobre os paradigmas que permeiam estudos sobre Meio Ambiente, Sexualidade e suas interfaces, e pude representar isso em uma linha do tempo (ver figura 3, p.82), bem como exaltei sinais de esperança de uma transformação paradigmática.

Por meio dos indicadores de categorias pude expressar o levantamento de pressupostos teóricos sobre direitos ambientais e sexuais pensando a vivência plena dos direitos humanos à luz da Carta da Terra e da Declaração dos Direitos Sexuais em consonância com o pensamento paulofreireano (ver figura 4, p.143).

Também a investigação em sete obras de Paulo Freire desvelou categorias de seu pensamento que contribuiriam aos apontamentos das interfaces entre a dimensão ambiental e sexual do ser humano, bem como de vertentes de Educação Ambiental e Sexual libertadoras, e também foi profícua na ampliação do diálogo pesquisa-obras com outros autores.

Paulo Freire me fez compreender que o entendimento do ser humano em interconexão com Meio Ambiente acontece por meio da conscientização. Categoria esta pautada também na convergência com a criticidade e de trilha pelo caminho da educação, libertadora e problematizadora para transformação. O ser humano consciente é aquele que conhece e se compromete com sua realidade. Assim, **a conscientização, apontada pelo pensamento paulofreireano como fundamental para processos de aprendizados e mudanças, se mostrou como caminho essencial para o ser humano sentir-se pertencente ao Planeta Terra, de entender-se como Ser inteiro, e assim ter uma *práxis* de cuidado para consigo, com o(s) outros e para com o Meio Ambiente.** Sendo assim, a conscientização é o caminho para ações de sustentabilidade para com o Planeta Terra e para com a inteireza do ser humano sendo vivida plenamente.

Sob a ótica da relação dialética do *eu, outro(s), no e com o mundo*, denominada no pensamento paulofreireano, adicionada à conscientização crítica para compreensão de pertencimento dos seres humanos ao Planeta Terra, fez-me pensar também em uma Educação Ambiental e Sexual para a emancipação do ser humano, pautada nos direitos ambientais e sexuais como direitos humanos.

Paulo Freire nos inspira a pensar além do “Ivo viu a uva” para o ensino de famílias silábicas como ainda propõem as cartilhas tradicionais. O grande educador nos encoraja a pensar: Como Ivo viu a uva? Ele teve contato físico com a fruta ou a viu pela ‘TV’? Será que ele provou a uva? De onde veio a uva que Ivo viu? Que tipo de uva ele conheceu? Quem a plantou? Em que terra ela se desenvolveu? Ela gera vinho, geleia, suco, e o que mais? Quantas famílias vivem e sobrevivem desta fruta? Quem é Ivo? Quantos ‘Ivos’ nunca verão ou provarão uma uva?

Freire nos faz tantas propostas, tão atuais de reflexão para a ação, tais como a interdisciplinaridade para todos os níveis de educação formal, do admirar a realidade em sua totalidade e do agir pensando no todo e no entender o ser humano por inteiro em todas as suas dimensões (social, cultural, econômica, ambiental, sexual, ...).

Qual paradigma propõe a interligação de Meio Ambiente e Sexualidade? Pelas pesquisas e diálogos os paradigmas que interligam Meio Ambiente e Sexualidade são aqueles que compreendem o Ser e o Planeta Terra em suas totalidades e interconexões, como expresso nas reflexões proporcionadas, além de Paulo Freire, pelos demais cúmplices teóricos. Representação disso está no conhecimento compartilhados entre Paulo Freire e Melo; et al (2011) onde exalto que **somos todos educadoras/es sexuais e também ambientais, saibamos ou não, queiramos ou não, afinal nossas relações educam e somos mediatizados pelo mundo.**

Assim, permito-me nestas considerações sob um propósito de ‘fechamento’ de ideia, como fosse dar um ponto final para começar um novo parágrafo, dizer que acredito no poder da Educação como caminho de mudança, como propõe Freire: “Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.67).

Deste modo, o pensamento paulofreireano me inspirou a refletir sobre uma Educação para a Vida pensando sobre os temas transversais Meio Ambiente e Sexualidade, em interconexão, pautando-me em suas interfaces, refletindo em uma educação interdisciplinar, e até transdisciplinar, conforme meus estudos anteriores, principalmente para formação, inicial e continuada, de profissionais da Educação que carecem destas vivências em seu currículo para poder dialogar e problematizar com suas/seus educandas/os.

Pelas trilhas caminhadas, pesquisas realizadas, escritos desenvolvidos e vivências plenas e reflexivas, **entendo que o caminho de retorno à visão de unificação do ser humano e o Planeta Terra acontece na integração de Meio Ambiente e Sexualidade, por meio da Educação.**

Nesta consonância, a Educação que aqui me pauto é a Educação *pela, para e com a Vida*. Assim ousou cunhar uma **Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES)**. Uma Educação que tem como princípios a totalidade do Meio Ambiente e a inteireza do ser humano e seus processos dialéticos de inter-relações (*eu, outro(s), no e com o mundo*). Sob a compreensão que não existe separação, pois o que se faz ao Planeta Terra se faz em nós, seres humanos! E neste sentido estão as interfaces propostas desta dissertação, bem como da EASES.

Ao valorizar a dimensão sexual e ambiental, interconectadas, e pesquisar os processos para sensibilização de conhecer-se e cuidar-se para perceber-se pertencente ao Meio Ambiente, vai-se ao encontro da Meta para 2030 traçada pela ONU, vive-se a Carta da Terra e a Declaração dos Direitos Sexuais; por uma Educação para a emancipação, a transformação e a formação do Ser integral, pensando-a como direito humano.

Como proposta de estudos futuros, e interesse de avanços nos meus estudos em possível futuro doutorado, desejo pôr em prática a **Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser (EASES)** com grupos de diferentes níveis educacionais, inspirada na metodologia paulofreireana de círculos de cultura, pautando-me na vivência da missão de proteção global por uma sociedade mais humana, integrada, plena e justa.

Durante esta dissertação, firmei meu pensamento e sentimento que **“Eu protejo a Terra porque eu sou Ela!”**. Esta frase me surgiu durante minhas escritas, principalmente sob as reflexões da indicação de Freire na diminuição da distância entre teoria e prática.

Assim, uma **Educação Ambiental-Sexual para Emancipação do Ser** se sustenta sobre as categorias base desta dissertação: integração dos temas **Meio Ambiente e Sexualidade**, compreendendo interconexões das relações *eu, outro(s) no e com o mundo*, sob o entendimento da **totalidade** do Planeta Terra e de **inteireza** do ser humano, atrelada à vivência plena dos **direitos humanos** para um mundo fraterno, justo e amoroso, permeada pela cumplicidade do **pensamento paulofreireano**. Desejo imensamente contribuir, sempre, com um mundo melhor por meio da Educação, pois vejo que não há separação entre nós seres humanos e o Planeta Terra. Assim tenho o mesmo sonho que Paulo Freire: *quero ser lembrada como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a Vida!*

REFERÊNCIAS

ABRAMA - Associação Brasileira de Desenvolvimento Social de Cidadania e Proteção ao Meio Ambiente. **Conceito Meio Ambiente (Neves e Tostes, 1992)**. Disponível em: <<http://abrama.org.br/index.php/educacao-ambiental.html>>. Acessado em dez 2012.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª ed. Brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARCELOS, V. **Educação Ambiental: Sobre Princípios, Metodologias e Atitudes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BRASIL. **Constituição Federal** Título VIII - Da Ordem Social. Capítulo VI - Do Meio Ambiente. Artigo 225. Texto promulgado em 05/10/1988. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_225_.asp>.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução temas transversais: ensino de primeira à quarta série**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério do Meio Ambiente **Carta da Terra**. 2000. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf

CAMPOS, J.T. **Paulo Freire e as novas tendências da Educação**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo. Revista E-Curriculum. v. 3, n. 1, dezembro 2007.

CAMPOS, B. P. C.; MUCHAGATA, M. Direitos humanos e Meio Ambiente: avanços e contradições do modelo de desenvolvimento sustentável brasileiro e a agenda internacional. p. 29 – 50. In: TRINDADE, A. A. C.; LEAL, C. B. (Coord). **Direitos Ambiente e Humanos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: **Identidades da educação ambiental brasileira**. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CARVALHO, E. **A totalidade como categoria central na dialítica marxista**. p.177- 193. Revista Outubro, nº 15, 1º semestre, 2007.

CARVALHO, G. M. D.; et al. **Educação sexual: interfaces curriculares**. (Caderno pedagógico). Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2012.

CECCON, S. **A Educação Ambiental em diálogo com os princípios de Paulo Freire**. IX Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. Turim – Itália, 2014. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:80/xmlui/handle/7891/3522>>.

CORTELLA, M.S.; VENCESLAU, P. T. **Memória: Entrevista Paulo Freire**. Teoria e Debate, nº 17, Jan/fev/mar, 1992. Publicado em 14 abr 2006.

CREMA, R. **Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma**. [recurso eletrônico] 6ª ed. – São Paulo: Summus, 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

DECKER, I.C.U. **A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2010.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. **Metodologia científica**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

DUARTE, V.; CHRISTIANO, A. P. **A história da sexualidade**. p. 755-764. Semana da Educação – Pedagogia 50 Anos: Da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade Estadual De Londrina. Londrina. Anais. Londrina: UEL, 2012.

FRANCO, K. J. S. M.; CARMO, A. C. F. B.; MEDEIROS, J. L. Pesquisa qualitativa em Educação: Breves considerações acerca da metodologia materialismo histórico e dialético. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais** – UEG/UnU Iporá, v.2, n. 2, p.91-103 – jul/dez 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987. Versão *online*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1klvpq_-yGdv82o90CHjwby7e7rcEr0by/view>.

_____. Prefácio. In: RIBEIRO, M. **Educação Sexual: novas ideias, novas conquistas**. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

_____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo, Olho d'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 25ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2001.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** 3. Ed. – São Paulo: Centauro, 2005.

_____. **Educação e mudança.** Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (32ª reimpressão, 2010).

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 44ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. A dialética: concepção e método. In: **Concepção Dialética da Educação.** 7 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. p. 15-38. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/gadotti__1990.pdf. Acessado em 11 fev 18.

GADOTTI, M. (org). **40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido** — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008 — (Instituto Paulo Freire. Série Cadernos de Formação; 1).

_____. **A Carta da Terra na educação** - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Cidadania planetária; 3).

_____. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável** — São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias.** Chapecó: Argus, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R.W. **POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA/EMANCIPATÓRIA: DIALOGANDO COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PRIVADA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE/RS.** Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM. Ciência e Natura, Santa Maria, v. 36 n. 3 set- dez. p. 430–440. 2014.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, São Paulo: Alínea, 2001.

HAMZE, A. **Temas transversais na escola básica.** 2010. Artigo disponível em: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm>. Acesso em 10 set 2012.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis.** São Paulo: Cortez, 2010

LIMA, L. A.; CALILI, S.A. **Uma análise evolutiva acerca da relação homem - natureza da antiguidade até a contemporaneidade.** Âmbito Jurídico, Rio Grande, XVIII, n. 136, maio 2015.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: **Identidades da educação ambiental brasileira.** Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOUREIRO, C.F.B.; TORRES, J.R. (orgs). **Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire.** São Paulo: Cortez, 2014.

MARIANO, Zilda Fátima; et al. **A Relação Homem-Natureza e os Discursos Ambientais.** p. 158-170. Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume 22, 2011.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MELO, S. M. M. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MELO, S. M. M.; et al. **Educação e Sexualidade.** (Caderno pedagógico 2.ed. rev.), Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** 5. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

NASCIMENTO, G.S.; SOUZA, M.E.S. **Uma visão holística da educação: fragmentação à totalidade.** Interletras, volume 3, Edição número 19. Abril, 2014/Setembro, 2014.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade.** 5.ed. Campinas: Papyrus, 2003.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.** Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948.

OLIVEIRA, M. L. **TRABALHO DOCENTE: POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA, TRANSFORMADORA E EMANCIPATÓRIA.** 31ª Reunião Anual da Anped. GT22 - Educação Ambiental. 2008. Disponível em: <
<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt22-4916-int.pdf>>

PINI, F. R. O.; ADRIANO, A.L. Educação em direitos humanos: abordagens teórico-metodológica e ético-política. p.15-30. In: PINI, F. R. O.; MORAES, C.V. (org.). **Educação, Participação Política e Direitos Humanos.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo

Freire, 2011. Disponível em

<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3087/FPF_PTPF_12_083.pdf>

PORTUGAL, S.; SANTOS, W.L.P. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA NA ESCOLA: PARTICIPAÇÃO E CONSTRUÇÃO COLETIVA**. 30ª Reunião Anual da Anped. GT22 - Educação Ambiental. 2007. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt22-3443-int.pdf>>

POZATTI, M. L. **Educação para a Inteiraza do Ser- Uma caminhada**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2012.

REBOUÇAS, J.P.P. **Desafios da educação ambiental emancipatória em escolas públicas de Mossoró – RN**. Dissertação (Mestrado). UFPB/PRODEMA. 2012.

SCOCUGLIA, A.C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Ed. UFPB, 1999.

SILVA, F. M.A. **Direitos Fundamentais**. Direitonet (artigo) 2006. Disponível em: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2627/Direitos-Fundamentais>.

SILVA, T. F. **Eras Históricas**. InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/eras-historicas>. Acessado em 12 set 17.

TAVARES, C. Educar em direitos humanos, o desafio da formação dos educadores numa perspectiva interdisciplinar. p.487-503. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; et al. **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TELES, M. A. A. **O que são direitos humanos das mulheres**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

TOMCHINSKY, Julia. **Sementes de primavera: cidadania planetária desde a infância**. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2011.

TORRES, C.A.; et al. **Reinventando Paulo Freire no século 21**. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

TORRES, J. R.; FERRARI, N.; MAESTRELLI, S. R. P. Educação ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana. In: **Educação ambiental: dialogando com Paulo Freire**. Carlos Frederico B. Loureiro e Juliana Rezende Torres (orgs.) São Paulo: Cortez Editora. 2014.

TOZONI-REIS, M. F. C. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. Texto produzido para o Curso de Pedagogia da UNESP a partir de síntese de outros textos da autora. p. 1-38, 2010. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>>

TRIGUEIRO, André. **O novo paradigma ambiental**. Revista do Congresso Saber 2004 em 11/10/2004. Disponível em: <http://mundosustentavel.com.br/2011/05/24/o-novo-paradigma-ambiental>. Postado em maio/2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2012.

VALE, M. J.; JORGE, S. M.G.; BENEDETTI, S. **Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

WARKEN, A. D. **Análises sobre Meio Ambiente e Sexualidade sob viés Transdisciplinar na Formação de Educadores**. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. Centro Universitário Municipal de São José - USJ. São José, 2013.

_____. **Influência do Ciberativismo dos Movimentos Sociais de Gênero para Formação de Professoras/es**. Monografia (especialização) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola. Florianópolis, SC, 2016.

WAS - World Association for Sexual Health. **Declaração dos Direitos Sexuais**. 2014. Disponível em: <<http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/DSR-Portugese.pdf>>.

ANEXOS

ANEXO I – CARTA DA TERRA

PREÂMBULO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

Terra, Nosso Lar A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A Situação Global Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis.

Desafios Para o Futuro A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções incluídas. Responsabilidade Universal Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual a dimensão local e global estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza. Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

PRINCÍPIOS

I. RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos.

b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade.

2. Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.

a. Aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas.

b. Assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica responsabilidade na promoção do bem comum.

3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.

a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial.

b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.

4. Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

a. Reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.

b. Transmitir às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra.

Para poder cumprir estes quatro amplos compromissos, é necessário:

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.

a. Adotar planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento.

b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural.

c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçadas.

d. Controlar e erradicar organismos não-nativos ou modificados geneticamente que causem danos às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos.

e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas.

f. Manejar a extração e o uso de recursos não-renováveis, como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminuam a exaustão e não causem dano ambiental grave.

6. Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.

a. Orientar ações para evitar a possibilidade de sérios ou irreversíveis danos ambientais mesmo quando a informação científica for incompleta ou não conclusiva.

b. Impor o ônus da prova àqueles que afirmarem que a atividade proposta não causará dano significativo e fazer com que os grupos sejam responsabilizados pelo dano ambiental.

c. Garantir que a decisão a ser tomada se oriente pelas consequências humanas globais, cumulativas, de longo prazo, indiretas e de longo alcance.

d. Impedir a poluição de qualquer parte do meio ambiente e não permitir o aumento de substâncias radioativas, tóxicas ou outras substâncias perigosas.

e. Evitar que atividades militares causem dano ao meio ambiente.

7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.

a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos.

b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e recorrer cada vez mais aos recursos energéticos renováveis, como a energia solar e do vento.

c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis.

d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais.

e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável.

f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito.

8. Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido.

a. Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada a sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento.

b. Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e o bem-estar humano.

c. Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.

III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental.

a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos.

b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se por conta própria.

c. Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.

10. Garantir que as atividades e instituições econômicas em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.

a. Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro das e entre as nações.

b. Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e isentá-las de dívidas internacionais onerosas.

c. Garantir que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas trabalhistas progressistas.

d. Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas consequências de suas atividades.

11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas.

a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas.

b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias.

c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e a educação amorosa de todos os membros da família.

12. Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.

a. Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social.

b. Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.

c. Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.

d. Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.

IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ

13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.

a. Defender o direito de todas as pessoas no sentido de receber informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tenham interesse.

b. Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões.

c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembleia pacífica, de associação e de oposição.

d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos.

e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas. f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.

14. Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

a. Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.

b. Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade.

c. Intensificar o papel dos meios de comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais.

d. Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.

15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos.

b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável.

c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.

16. Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

a. Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.

b. Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.

c. Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica.

d. Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa.

e. Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz.

f. Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

O CAMINHO ADIANTE

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover os valores e objetivos da Carta. Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável aos níveis local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria. A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de

comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva. Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra com um instrumento internacional legalmente unificador quanto ao ambiente e ao desenvolvimento. Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida.

ANEXO II – DECLARAÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS

Reconhecendo que direitos sexuais são essenciais para o alcance do maior nível de saúde sexual possível, a Associação Mundial para a Saúde Sexual:

DECLARA que direitos sexuais são baseados nos direitos humanos universais que já são reconhecidos em documentos de direitos humanos domésticos e internacionais, em Constituições Nacionais e leis, em padrões e princípios de direitos humanos, e em conhecimento científico relacionados à sexualidade humana e saúde sexual.

REAFIRMA que a sexualidade é um aspecto central do ser humano em toda a vida e abrange sexo, identidade e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A Sexualidade é experienciada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre expressadas ou sentidas. Sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais.

RECONHECE que a sexualidade é uma fonte de prazer e bem-estar e contribui para a satisfação e realização como um todo.

REAFIRMA que a saúde sexual é um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade; não é meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade. Saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa para com a sexualidade e relacionamentos sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação ou violência.

REAFIRMA que a saúde sexual não pode ser definida, compreendida ou operacionalizada sem uma profunda compreensão da sexualidade.

REAFIRMA que para que a saúde sexual seja atingida e mantida, os direitos sexuais de todos devem ser respeitados, protegidos e efetivados.

RECONHECE que direitos sexuais são baseados na Liberdade, dignidade e igualdade inerente a todos os seres humanos e incluem o compromisso de proteção contra danos.

AFIRMA que a igualdade e não discriminação são fundamentais à proteção e promoção de todos os direitos humanos e incluem a proibição de quaisquer distinções, exclusões ou restrições com base em raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, características, status de nascimento ou outro qualquer, inclusive deficiências, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual e identidade de gênero, estado de saúde, local de residência e situação econômica ou social.

RECONHECE que a orientação sexual, identidade de gênero, expressões de gênero e características físicas de cada indivíduo requerem a proteção dos direitos humanos.

RECONHECE que todos os tipos de violência, perseguição, discriminação, exclusão e estigma, são violações dos direitos humanos e afetam o bem-estar do indivíduo, famílias e comunidades.

AFIRMA que as obrigações de respeitar, proteger, e consumir direitos humanos se aplicam a todos os direitos sexuais e liberdades.

AFIRMA que os direitos sexuais protegem os direitos de todas as pessoas na plena realização e expressão de sua sexualidade, usufruindo de sua saúde sexual, desde que respeitados os direitos do próximo.

Direitos sexuais são direitos humanos referentes a sexualidade

1. O Direito a igualdade e a não discriminação. Todos têm o direito de usufruir dos direitos sexuais definidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer tipo, seja raça, etnia, cor, sexo, linguagem, religião, opinião política ou outra qualquer, origem social ou regional, local de residência, características, nascimento, deficiência, idade, nacionalidade, estado civil ou familiar, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, estado de saúde, situação econômica, social ou outra qualquer.

2. O Direito a vida, Liberdade, e segurança pessoal. Todos têm o direito à vida, liberdade e segurança, que não podem ser ameaçadas, limitadas ou removidas arbitrariamente por motivos relacionados à sexualidade. Estes incluem: orientação sexual, comportamentos e práticas sexuais consensuais, identidade e expressões de gênero, bem como acessar ou ofertar serviços relacionados à saúde sexual e reprodutiva.

3. O direito a autonomia e integridade corporal. Todos têm o direito de controlar e decidir livremente sobre questões relativas à sua sexualidade e seus corpos. Isto inclui a escolha de comportamentos sexuais, práticas, parceiros e relacionamentos, desde que respeitados os direitos do próximo. A tomada de decisões livre e informada, requer consentimento livre e informado antes de quaisquer testes, intervenções, terapias, cirurgias ou pesquisas de natureza sexual.

4. O direito de estar isento de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante. Todos devem estar isentos de tortura, tratamento ou punição cruel, desumana ou degradante em razão de sua sexualidade, incluindo: praticas tradicionais nocivas; esterilização, contracepção ou aborto forçado; e outras formas de tortura, tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes praticados por razões relacionadas ao sexo, gênero, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, ou característica física de alguém.

5. O direito de estar isento de todas as formas de violência ou coerção. Todos deverão estar isentos de violência e coerção relacionadas à sexualidade, incluindo: Estupro, abuso ou, perseguição sexual, “bullying”, exploração sexual e escravidão, tráfico com propósito de exploração sexual, teste de virgindade ou violência cometida devido à prática sexual real ou presumida, orientação sexual, identidade e expressão de gênero ou qualquer característica física.

6. O direito à privacidade. Todos têm o direito à privacidade relacionada à sexualidade, vida sexual e escolhas inerentes ao seu próprio corpo, relações e práticas sexuais consensuais, sem interferência ou intrusão arbitrária. Isto inclui o direito de controlar a divulgação de informação relacionada à sua sexualidade pessoal a outrem.

7. O direito ao mais alto padrão de saúde atingível, inclusive de saúde sexual; com a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras. Todos têm o direito ao mais alto padrão de saúde e bem-estar possíveis, relacionados à sexualidade, incluindo a possibilidade de experiências sexuais prazerosas, satisfatórias e seguras. Isto requer a disponibilidade, acessibilidade e aceitação de serviços de saúde qualificados, bem como o acesso a condições que influenciem e determinem a saúde, incluindo a saúde sexual.

8. O direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações. Todos têm o direito de usufruir dos benefícios do progresso científico e suas aplicações em relação à sexualidade e saúde sexual.

9. O direito à informação. Todos devem ter acesso à informação cientificamente precisa e esclarecedora sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais através de diversas fontes. Tal informação não deve ser arbitrariamente censurada, retida ou intencionalmente deturpada.

10. O direito à educação e o direito à educação sexual esclarecedora. Todos têm o direito à educação e a uma educação sexual esclarecedora. Educação sexual esclarecedora deve ser adequada à idade, cientificamente acurada, culturalmente idônea, baseada nos direitos humanos, na equidade de gêneros e ter uma abordagem positiva quanto à sexualidade e o prazer.

11. O direito de constituir, formalizar e dissolver casamento ou outros relacionamentos similares baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto. Todos têm o direito de escolher casar-se ou não, bem como adentrar livre e consensualmente em casamento, parceria ou outros relacionamentos similares. Todas as pessoas são titulares de direitos iguais na formação, durante e na dissolução de tais relacionamentos sem discriminações de qualquer espécie. Este direito inclui igualdade absoluta de direitos frente a seguros sociais, previdenciários e outros benefícios, independente da forma do relacionamento.

12. O direito a decidir sobre ter filhos, o número de filhos e o espaço de tempo entre eles, além de ter informações e meios para tal. Todos têm o direito de decidir ter ou não ter filhos, a quantidade destes e o lapso de tempo entre cada criança. O exercício desse direito requer acesso a condições que influenciam e afetam a saúde e o bem-estar, incluindo serviços de saúde sexual e reprodutiva relacionados à gravidez, contracepção, fertilidade, interrupção da gravidez e adoção.

13. O direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão. Todos têm o direito à Liberdade de pensamento, opinião e expressão relativos à sexualidade, bem como o direito à expressão plena de sua própria sexualidade, por exemplo, na aparência, comunicação e comportamento, desde que devidamente respeitados os direitos dos outros.

14. O direito à Liberdade de associação e reunião pacífica. Todos têm o direito de organizar-se, associar-se, reunir-se, manifestar-se pacificamente e advogar, inclusive sobre sexualidade, saúde sexual, e direitos sexuais.

15. O direito de participação em vida pública e política. Todos têm o direito a um ambiente que possibilite a participação ativa, livre e significativa em contribuição a aspectos civis, econômicos, sociais, culturais e políticos da vida humana a nível local, regional, nacional ou internacional. Em especial, todos têm o direito de participar no desenvolvimento e implantação de políticas que determinem seu bem-estar, incluindo sua sexualidade e saúde sexual.

16. O direito de acesso à justiça, reparação e indenização. Todos têm o direito ao acesso à justiça, reparação e indenização por violações de seus direitos sexuais. Isto requer medidas efetivas, adequadas e acessíveis, assim como devidamente educativas, legislativas, judiciais, entre outras. Reparação incluiu retratação, indenização, reabilitação, satisfação e a garantia de não repetição.

*Esta é a tradução oficial da Declaração dos Direitos Sexuais. Para fins legais e técnicas, deve-se consultar a versão em Inglês como o texto oficial:
<http://www.worldsexology.org/resources/declaration-of-sexual-rights/>